



**MUNDO**  
ACADÊMICO

ISSN 1984-7564

# MUNDO ACADÊMICO

**Faculdade Norte Capixaba de São Mateus – UNISAM**  
**v. 2 n. 3 janeiro/junho – 2010 - Semestral**

**Diretor Geral**

Tadeu Antônio de Oliveira Penina

**Coordenadora Acadêmica**

Eliene Maria Gava Ferrão

**Coordenadora Financeiro**

Célia Maria Pertel

**Coordenadores de Curso**

**Administração de Empresas/ Análise Desenvolvimento de Sistemas/Produção de Petróleo e Gás**

Elen Karla Trés

**Engenharia de Produção Mecânica**

Allan Costa Jardim

**Pedagogia**

Iosana Aparecida Recla de Jesus

**Serviço Social**

Jackeline da Silva Souza

**Bibliotecária**

Olivia Dombi de Deus

**Presidente da Comissão Editorial**

Eliene Maria Gava Ferrão

**Comissão Editorial**

Allan Costa Jardim

Elen Karla Trés

Eliene Maria Gava Ferrão

Tereza Barbosa Rocha

Nágila Rabelo Moraes

**Endereço para correspondência**

Rod. Othovarino Duarte, s/nº, Bairro Park Washington,

São Mateus-ES, CEP.: 29930-000

e-mail: [fernandas@univen.edu.br](mailto:fernandas@univen.edu.br)

**Capa**

Maico Roncatto

M965 Mundo Acadêmico / Faculdade Norte Capixaba de São Mateus – v.2, n.3,  
2009 – São Mateus:UNISAM, 2009.

Semestral  
ISSN 1984-7564

1. Pesquisa acadêmica – periódicos. 2. Gestão. 3. Exatas. I. Faculdade  
Norte Capixaba de São Mateus

CDD 001.891  
CDU: 001.891(05)

## **EDITORIAL**

A revista científica Mundo acadêmico é uma iniciativa da Faculdade Norte Capixaba de São Mateus que possibilita a divulgação de artigos e resumos de contribuições relevantes para a comunidade científica das diversas áreas de estudo que abrange a Instituição. Portanto, trata-se de um veículo de publicação acadêmica semestral, cujo público-alvo são professores e alunos de graduação e pós-graduação.

Diante disso, a Instituição almeja que a revista científica Mundo Acadêmico contribua para o fomento contínuo da prática da investigação, e promova o crescimento educacional.

# MUNDO ACADÊMICO

## SUMÁRIO

### ARTIGOS

- A utilização do CRM:** um estudo de caso em uma Instituição de Ensino Superior..... 07  
Andressa Salvador  
Elen Karla Três  
Fernando Bom Costalonga
- A sedimentologia dos mangues de Aracruz da reserva ecológica dos manguezais Piraquê-Açu e Piraquê-Mirim**..... 20  
Bruno de Aquino Portela
- O ensino da língua inglesa através do método tradução-gramática nas escolas de ensino médio**..... 27  
Kessya Pinitente Fabiano
- O olhar pedagógico na concepção Rousseniana:** uma interseção aos saberes históricos advinda do Iluminismo..... 39  
Marília Alves Chaves
- A tecnologia é aliada ou vilão da educação?** Reflexões sobre a educação e os desafios da modernidade..... 44  
Gilmará Gomes da Silva Sarmento

## **A UTILIZAÇÃO DO CRM: um estudo de caso em instituição de ensino superior**

Andressa Salvador<sup>1</sup>  
Elen Karla Trés<sup>2</sup>  
Fernando Bom Costalonga<sup>3</sup>

### **RESUMO**

A Tecnologia da informação tem sido assunto de grande relevância no cenário econômico sendo tratado pelos países de primeiro mundo como um dos dois maiores fatores responsáveis pelo sucesso das organizações. O presente artigo tem por objetivo compreender como a tecnologia do CRM pode ser utilizada nas instituições de ensino superior privadas, para obtenção de vantagem competitiva. Para tanto, realizou-se um estudo de caso na empresa “Alfa” na qual se adotou uma pesquisa com enfoque qualitativo. Na primeira etapa foram abordados conceitos e aspectos relacionados a instituições de ensino superior privadas, tecnologia de informação, marketing de relacionamento e por fim CRM – gerenciamento de relacionamento com o cliente. Posteriormente, foram desenvolvidas entrevistas semi-estruturadas, junto a 4 gestores das coordenações administrativa, acadêmica, de marketing e de TI. Como técnica de análise de dados adotou o método de análise de conteúdo através da interpretação dos fragmentos de texto respondidos pelos entrevistados. Os resultados obtidos revelam que os principais processos da empresa em estudo envolvem a captação e retenção de alunos e que as atividades envolvidas para esse fim correspondem a atividades de CRM mesmo não possuindo um sistema efetivo e integrado. Por fim compreendeu-se que a integração de CRM e TI na empresa possibilitaria a agilidade e viabilidade de diversas ações que hoje não são possíveis devido a morosidade e inviabilidade de aquisição dessas informações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologia de informação, vantagem competitiva, marketing de relacionamento

### **ABSTRACT**

The Information Technology has been a subject of great importance in the economic scenario being addressed by developed countries as two major factors responsible for the success of organizations. This article aims to understand how CRM technology can

---

<sup>1</sup> Formada em Administração de Empresas e especialista em Gestão Empresarial e Didática no Ensino Superior pela Faculdade Capixaba de Nova Venécia e mestranda em Administração de Empresas pela FUCAPE.

<sup>2</sup> Formada em Administração de Empresas e especialista em Gestão Empresarial e Didática no Ensino Superior pela Faculdade Capixaba de Nova Venécia e mestranda em Administração de Empresas pela FUCAPE.

<sup>3</sup> Formado em Ciências Contábeis pela Faculdade Castelo Branco, especialista em MBA Gestão Empresarial pelo Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC, especialista em Didática no Ensino Superior pela Faculdade Capixaba de Nova Venécia e mestrando em Administração de Empresas pela FUCAPE.

be used in private higher education institutions to obtain competitive advantage. There was a case study in the company "Alpha" which adopted a qualitative approach to research. In the first stage were discussed concepts and issues related to private higher education institutions, information technology, relationship marketing and finally CRM - customer relationships managing. Subsequently, we developed semi-structured interviews, along with four managers of administrative coordination, academic, marketing and IT. As a technique of data analysis we adopted the method of content analysis through the interpretation of text fragments answered by respondents. The results showed that the main business processes in a study involving capitation grants and retention of students and activities involved for this purpose correspond to CRM activities even not having an effective and integrated system. Finally it was concluded that the integration of CRM and IT in business could improve agility and viability of many actions that are not possible today due to lengthy and inviability of acquiring information.

**Keywords:** Information technology, competitive advantage, relationship marketing

## 1 INTRODUÇÃO

A Tecnologia da informação tem sido assunto de grande relevância no cenário econômico. De acordo com Yong (1992), os países de primeiro mundo têm tratado a TI como um dos maiores fatores responsáveis pelo sucesso das organizações.

“A TI evoluiu de uma orientação tradicional de suporte administrativo para um papel estratégico dentro da organização” (LAURINDO; SHIMIZU; CARVALHO; RABECHINI JUNIOR, 2001).

Yong (1992) destaca que nos últimos dez anos, as facilidades difundidas desse mercado, possibilitaram às organizações aplicações no nível estratégico, voltando suas atenções para o cliente, redução de custo, melhoramento em qualidade, novos produtos, administração estratégica via TI, novos conceitos e paradigmas via TI, colocando a tecnologia inteligente a serviço da organização.

Segundo Andrade (2002), todo esse avanço afeta diversos segmentos: varejo, serviços, financeiro, manufatura e educação. Que a concorrência se faz presente no meio das inovações tecnológicas, é um fato incontestável. As organizações estão sempre mudando, buscando se adaptar às novas exigências do seu ambiente.

De acordo com Susin e Susin (2007), devido ao grande número de surgimento de instituições de ensino superior privadas no Brasil, estas estão buscando sua diferenciação no mercado frente aos concorrentes.

Com esse pensamento, as instituições de ensino superior estão procurando entender e compreender melhor seu cliente através do marketing de relacionamento. Segundo Bretzke (2000), “a verdadeira vantagem competitiva surge quando o canal de relacionamento está apto a atender aos clientes, em tempo real, por telefone, internet, ou qualquer outro meio focalizado em suas necessidades”.

Para Kotler e Armstrong (1998), o marketing sustenta a idéia de que é preciso determinar as necessidades e desejos do mercado e proporcionar a satisfação desejada de forma mais eficiente que a do concorrente.

Assim, é preciso dotar a empresa de meios que permitam conhecer e relacionar-se melhor com os clientes. De acordo com Bretzke (2000) “esses meios integrados deram origem a um novo conceito, chamado de CRM – Customer Relationship Management (Gerenciamento do Relacionamento com o Cliente).

Boghi e Shitsuka (2002), afirmam que o CRM “armazena dados sobre todas as inter-relações da empresa com o cliente, criando um valioso grupo de informações comportamentais”. Os autores ainda destacam que algumas empresas já conseguiram conquistar a lealdade do cliente através do sistema.

No intuito de estudar essas questões, pretende-se compreender com esse artigo, como a tecnologia do CRM pode ser utilizada nas instituições de ensino superior privadas para obtenção de vantagem competitiva, utilizando, para tanto, um estudo de caso na empresa “Alfa” pertencente ao setor de ensino superior privado do estado do Espírito Santo.

A pesquisa com enfoque qualitativo teve como técnica de coleta de dados uma entrevista semi-estruturada junto a 4 (quatro) gestores das coordenações administrativa, acadêmica, de marketing e de TI. Para uma abordagem mais profunda adotou-se o método de análise de conteúdo através da interpretação dos fragmentos de texto respondidos pelos entrevistados.

O artigo está organizado em cinco partes. Na parte 1, foi desenvolvida uma introdução, mencionando o problema a ser respondido através do estudo de caso; na parte 2, é feita uma abordagem bibliográfica dos principais conceitos e correntes de estudo acerca da tecnologia de informação, marketing de relacionamento e por fim o sistema de CRM – gerenciamento do relacionamento do cliente. Posteriormente, são relatados os aspectos metodológicos da pesquisa. No capítulo seguinte é apresentado um histórico da empresa em estudo, e em seguida são apresentadas as informações coletadas. Por fim, na seção 6 são relatadas as considerações finais embasadas nos principais pontos enfocados no artigo que mostram como a utilização da ferramenta do CRM pode ser utilizada na empresa “Alfa” para obtenção de vantagem competitiva.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A educação superior no Brasil passou, nos últimos anos, por um acelerado crescimento. De acordo com Silva Junior, Muniz e Martins (2006) de 1996 até 2004 houve um crescimento de 122,83% no número de matrículas na educação superior. Do total de 2.013 IES existentes em 2004, as instituições privadas representam 88,87%. O setor de educação superior tornou-se também mais competitivo na última década, no interior do Estado do Espírito Santo, devido à interiorização da educação, ampliando a abertura de faculdades particulares.



Devido a esse aumento de oferta no setor, as Instituições de Ensino Superior Privadas (IESP) precisam estar em constante inovação para se diferenciar da concorrência e manter-se no mercado. Isso faz com que as IESP modifiquem suas estratégias para captação de alunos, surgindo a necessidade de utilizar as ferramentas do marketing educacional, mais especificamente as estratégias do marketing de relacionamento.

A comunicação, por muito tempo, se deu através das mídias tradicionais, porém, de acordo com Albertin (2001) as tecnologias vêm alterando essa visão tradicional de mídia de marketing (compra e venda), permitindo às organizações melhorar sua comunicação com seus clientes ampliando, sua eficiência no processo de atratividade.

De acordo com Kotler e Fox (1994) marketing educacional deve ser uma atividade central das instituições modernas. As instituições devem conhecer seu mercado, atrair recursos suficientes e convertê-los em programas, serviços e idéias apropriadas, bem como, distribuí-los de forma eficaz aos públicos-alvo. Os autores sugerem que o marketing institucional deve envolver além dos fatores tradicionais como matrículas, mensalidade, instalação, corpo docente e localização, fatores de manutenção e satisfação dos alunos em relação aos serviços oferecidos na instituição.

Essa percepção do autor implica utilizar a construção do relacionamento estável e duradouro nas instituições de ensino privadas como o diferencial frente ao ambiente competitivo em que elas estão inseridas. Esse cenário, de acordo com Dominguez (2001), conduz as empresas a uma reorganização em dois pólos: a tecnologia da informação e o marketing.

O marketing de relacionamento, que segundo Kotler (1998, p. 30) “é a prática da construção de relações satisfatórias a longo prazo com partes-chaves – consumidores, fornecedores e distribuidores – para reter sua preferência e negócios a longo prazo”, torna-se fator chave para ganho de posicionamento e de vantagem competitiva no mercado. E a Tecnologia da Informação, de acordo com Zuboff (1994) proporciona uma nova infra-estrutura para as atividades produtivas e comunicativas nas organizações, destacando ainda que os administradores, através da implantação de novas tecnologias, objetivam a redução de custos e a agilidade nos processos buscando novas fontes de estratégias para obter vantagem competitiva.

Segundo Bretzke (2000), “essa integração de marketing e TI é inevitável e urgente para recuperar o atraso das décadas de 70 e 80, quando a prioridade da informatização era dada aos processos internos das áreas administrativas e de produção”. [...] “com o advento da microinformática, alterou-se esse quadro e o marketing foi dotado de meios para mudar a forma de fazer negócios, passando a adotar um sistema decisório centrado no cliente”.

Assim, com o avanço da tecnologia e o surgimento do marketing direto emerge uma poderosa filosofia para administrar relações duradouras com o cliente, Customer Relationship Management (CRM). Segundo Queiroz (2002), o CRM trata da identificação e criação de novos valores com clientes individuais e compartilha seus benefícios para toda a cadeia de negócios. Gummesson (2005, p. 280) define CRM como “valores e estratégias de marketing de relacionamento com ênfase no

relacionamento com os clientes transformados em aplicações práticas”. Segundo Callegari, Kovaleski e Francisco (2007) o CRM pode ser entendido como a aplicação prática da filosofia e da estratégia de marketing de relacionamento.

Norris et al (2001) aponta a relação entre CRM e Enterprise Resources Planning (ERP) ao definir o CRM como um componente da nova geração de sistemas ERP que focalizam os processos voltados para o exterior da empresa (front office), unindo-os ao mecanismo interno de processamento das transações dos sistemas ERP originais.

Newell (2000) enfatiza em sua obra, que o segredo do sucesso do CRM está em identificar o que cria valor para os clientes e oferecer precisamente o que desejam, de forma individual e como os clientes têm diferentes conceitos de valor, o CRM procura identificar segmentos de mercado com características semelhantes.

Para Rodrigues (2002) as vantagens em utilizar a ferramenta analítica do CRM inclui a separação dos clientes que geram maior rentabilidade, a fim de tratá-lo de forma prioritária no que tange o atendimento, oferecimento de produtos e serviços diferenciados dos demais, bem como, a possibilidade de otimizar recursos em marketing, atingindo diretamente o público-alvo, além de identificar os potenciais clientes como lucratividade futura para a empresa. Ainda como vantagem, pode ser citada o feedback dos clientes quanto à qualidade dos produtos e serviços oferecidos e suas necessidades futuras.

Callegari, Kovaleski e Francisco (2007) incluem como vantagem da utilização do CRM o aumento da percepção da marca pelo cliente, maximização dos lucros, fidelização dos clientes, diferenciação percebida pelo cliente frente à concorrência.

De acordo com Lucas, Neves e Souza, (2005), Bretzke (2000), Penteado (2007) entre outros autores, a implantação do sistema de CRM é baseada em quatro pilares considerados básicos: identificar, diferenciar, interagir e personalizar.

Para os autores, através dos quatro pilares você conseguirá conhecer o cliente individualmente; poderá diferenciá-lo de acordo com a sua necessidade; interagir dando um feedback, mostrando estar sempre atualizado e por fim personalizar o atendimento, usando o conhecimento adquirido nos demais pilares, permitindo à empresa criar uma variedade de produtos ou serviços específicos.

Telles (2003) afirma que o CRM implica alterações estruturais de processos, deslocamentos de poder, novas competências e principalmente mudanças de natureza cultural e então fatores como falta de comprometimento da alta gerência ou dos funcionários dificultam a implantação de um gerência por CRM. Segue abaixo os fatores de sucesso na implantação do CRM elencados pelo autor.

FATORES DE SUCESSO NA IMPLANTAÇÃO DO CRM	
Envolvimento da alta administração no projeto de CRM:	Adoção, como premissa, de que o marketing de relacionamento é um assunto corporativo, não devendo ficar circunscrito a setores e departamentos sem o poder de decisão necessário.
Cumplicidade de áreas-chaves:	Cooptação, adesão e simpatia das áreas-chaves da organização são aspectos cruciais e determinantes para o sucesso.
Compreensão da cultura da empresa e do perfil do negócio:	Adoção de CRM envolve a necessidade de acomodações, ajustes e/ou transformações; é necessária uma proposta viável, negociada e validada pela organização em termos de relacionamento com o cliente.
Convicção presente e conhecimento de processos de implantação de CRM:	Necessidade de “pensar grande, começar pequeno e crescer rápido”
Seleção de solução adequada ao perfil de negócio e aos objetivos da empresa no curto, médio e longo prazo:	Estabelecimento e entendimento claro dos objetivos do negócio, assim como a configuração de operação do negócio.
Escolha dos parceiros certos:	A correta e adequada seleção de consultores e fornecedores é fundamental na avaliação e no desenho dos processos.
Preferência a fornecedores com tradição e/ou capacidade de oferta de garantias:	Devem-se considerar aqueles com experiência em desenvolvimento, se possível em negócios similares, assim como sua capacidade em relação a garantias de execução do projeto, qualidade, resultado, suporte e atualização das soluções.
Exigência e garantias tecnológica e ampla experiência na integração dos aplicativos de CRM:	A implementação do CRM demanda esforço significativo de integração de mídias com os sistemas existentes, incluindo os legados.
Treinamento de usuário final:	A eficácia e o potencial de ganhos de eficiência ao longo do tempo estão associados à compreensão e ao conhecimento da operação do sistema pelos usuários finais, pelos funcionários do front office, interagindo com os clientes.

Quadro 1 – Fatores de sucesso na implantação do CRM

Fonte: Adaptado de Telles (2003)

Carr (2003) evidencia em seu estudo alguns pontos importantes para o sucesso na implantação e adoção das práticas de TI nas organizações. Segundo ele, para que haja melhores desempenhos em TI é preciso que a organização seja aberta a inovações e trocas organizacionais, que haja confiança organizacional, cooperação, e a ausência de conflito. A alta gerência deve apoiar e articular a necessidade por TI além de comunicar a sua funcionalidade com o contexto da estratégia, estrutura e sistemas organizacionais, além de requerer alterações significantes em estruturas organizacionais, padrões de comunicação e relações de poder.

Segundo Silva (2008), o CRM quando avaliado do ponto de vista tecnológico, envolve a capturação dos dados do cliente em toda a empresa, a consolidação de todos os dados

internos e externos em um banco de dados central, análise destes e a utilização das informações para interagir com o cliente através dos diversos pontos de contato que a empresa possui.

Ferramentas de datamining<sup>4</sup> através do database marketing<sup>5</sup> ou data warehouse<sup>6</sup> do CRM, por exemplo, conforme Bretzke (2000) permitem a criação de cadastros atualizados do público-alvo e sua comunicação efetiva.

Conforme mencionado por Susin e Susin (2007), para oferecer um serviço educacional com qualidade torna-se importante um processo de investigação das necessidades, objetivando a satisfação do aluno. O centro das atenções passa a ser o cliente, desenvolvendo um conjunto de ferramentas, processos e tecnologia que colocam em prática uma nova estrutura que visa à personalização do atendimento, fazendo com que a relação com o cliente seja gerenciada.

Devido ao aumento da oferta de ensino, fatores como bibliotecas, salas de aulas confortáveis, estacionamento, segurança, áreas de conveniências passaram a ser percebidas pelos clientes como fatores básicos das IES. Essa similaridade entre as opções oferecidas proporcionou o surgimento do marketing de relacionamento nas instituições, que possibilitou o aumento da percepção dos seus clientes em relação a sua qualidade de ensino. Em decorrência disso, essas faculdades podem criar, corrigir e aprimorar os processos e sistemas que possam influenciar na busca pela excelência (VALENTE; CARVALHO NETO, 2008).

Portanto, o uso correto da tecnologia CRM abre oportunidade, para que os gerentes possam identificar e antecipar-se às necessidades do cliente. Silva (2008) afirma que “o gerente passa a ter uma postura mais pró-ativa em relação ao contato e ao atendimento do cliente, uma vez que as informações decorrentes da utilização do CRM possibilitam gerenciamento mais efetivo do processo de trabalho e melhor planejamento das atividades”.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

Para realização do trabalho, adotou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, pois o enfoque concentra-se em averiguar o significado da utilização do CRM nas IESP através do sentimento das pessoas envolvidas nos setores estratégicos da organização, sem preocupar-se com mensuração dos dados expostos (MINAYO, 2001).

---

<sup>4</sup> **Datamining:** é uma técnica de mineração dos dados utilizada para “[...] encontrar os clientes mais rentáveis ou segmentos relevantes soterrados na mina de informações dos bancos de dados”, possibilitando a segmentação da base de dados por meio da análise do perfil do cliente ou prospect (BRETZKE, 2000, p.160)

<sup>5</sup> **Database marketing:** Banco de dados “[...] que contém apenas os dados de perfil dos clientes potenciais e atuais e seus dados de vendas e relacionamento”. (BRETZKE, 2000, p.192)

<sup>6</sup> **Data warehouse:** “É o processo de integrar dados da empresa em um único repositório, depurado, consolidado e consistente que fornece informações confiáveis para suportar o processo de tomada de decisões estratégicas”. Diferentemente do database marketing, o data warehouse contém dados de toda a empresa, como empregados, estoque, ativos, clientes e etc. (BRETZKE, 2000, p.190)

A pesquisa foi desenvolvida através de um estudo de caso (YIN, 2001) na empresa “Alfa” pertencente ao setor de ensino privado do Estado do Espírito Santo. Realizou-se o estudo com base em duas etapas. Na primeira identificaram-se as bases teóricas que fundamentam a pesquisa. Na segunda fase, desenvolveram-se entrevistas semi-estruturadas com o objetivo de evidenciar em profundidade aspectos relacionados aos valores, atitudes e opiniões do fenômeno estudado (MINAYO, 2001).

A entrevista semi-estruturada foi aplicada junto a 4 gestores das coordenações administrativa, acadêmica, de marketing e de TI. A utilização das entrevistas ocorre devido à necessidade de compreender as informações do cliente necessárias em cada setor, a fim de entender o papel do CRM nas IESP e apresentar os benefícios de implantação da ferramenta na empresa em estudo.

Adotou-se como método de análise dos dados a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) cujo objetivo concentra-se em descobrir o que está por trás dos fragmentos manifestos (MINAYO, 2001) através da utilização de categorias de análise para melhor classificação das afirmações dos entrevistados.

#### **4 HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO**

A empresa “Alfa” pertence ao setor de ensino superior privado localizado no Estado do Espírito Santo. Iniciou suas atividades em 1999 e atualmente oferece cursos superiores distribuídos nas três modalidades instituídas pelo Mec – licenciatura, tecnológico e bacharelado, nas áreas de educação, negócios e jurídica, bem como, especialização lacto-sensu nas áreas de gestão, saúde, educação pública e jurídica. Possui aproximadamente 2.000 alunos na graduação e 500 alunos na especialização.

#### **5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

A pesquisa realizada junto aos gestores propiciou a compreensão dos processos existentes na empresa, os quais deram respaldo para elencar benefícios com a implantação do CRM na instituição de ensino superior.

Ante os fragmentos das entrevistas, foi possível identificar que os principais processos desenvolvidos na empresa concentram-se na captação e retenção de alunos e os setores chave envolvidos são o financeiro e o acadêmico (que inclui as coordenações de curso, biblioteca e secretaria). Existem ainda alguns setores de apoio que ajudam no monitoramento desses processos, que são o Núcleo de Apoio Pedagógico, o Núcleo de Apoio psicológico e a Ouvidoria.

Foram relatadas diversas ações desenvolvidas ao longo do ciclo de vida da instituição, que podem ser chamadas de acordo com o conceito de Kotler (1998) quanto a marketing de relacionamento, citadas a seguir:

- Participação de feiras e eventos educacionais;
- Realização de visitas e palestras orientadas;

- Abertura de suas portas para que alunos do ensino médio conheçam suas instalações e vivenciem o ambiente universitário numa tentativa de influenciar a escolha do futuro aluno.

Além disso, mencionaram ações que são realizadas na empresa pelos setores e que de acordo com o referencial teórico, podem ser classificadas como ferramentas analíticas do CRM:

- Conhecimento e estudo das necessidades dos públicos-alvo;
- Fortalecimento do relacionamento com os stakeholders;
- Comunicação direta dos produtos e serviços oferecidos;
- Conhecimento e estudo das expectativas dos alunos ingressantes em relação aos serviços oferecidos e a evolução da sua satisfação;
- Identificação da imagem percebida da IES pelos públicos-alvos.
- Exploração dos diferenciais competitivos em relação à concorrência;
- Compreensão dos fatores que motivam a inadimplência do aluno e a sua evasão escolar;
- Conhecimento da vida acadêmica do aluno;
- Identificação e exploração das demandas futuras.

Essas ações, de acordo com os gestores, foram essenciais para o aumento do número de alunos inscritos e matriculados, bem como redução da inadimplência e evasão escolar. Porém, compreendeu-se que elas ocorrem isoladas em cada setor, inibindo outras possibilidades a partir da utilização da mineração de um banco de dados integrado proposto por Bretzke (2000) na implantação de um CRM.

Ferramentas de datamining através do database marketing ou data warehouse do CRM, por exemplo, conforme Bretzke (2000) permitiriam a criação de cadastros atualizados dos alunos atuais, prospects e egressos, para a realização da comunicação efetiva direcionada ao público-alvo em questão.

Apesar de não existir um CRM analítico na empresa em estudo, foi possível compreender, de acordo com a teoria abordada, que as ações desenvolvidas pelos gestores são nitidamente resultados de um sistema de CRM e sua implantação serviria como um facilitador, agilizando o processo de tomadas de decisões, além de oferecer outras informações das quais hoje a empresa não dispõe, pela morosidade e inviabilidade de aquisição dos dados requeridos.

Telles (2003) em seu estudo aborda sobre questões chave que interferem no processo de implementação da ferramenta do CRM, como alterações estruturais de processos, deslocamentos de poder, novas competências e principalmente mudanças de natureza cultural. Os fragmentos das falas dos gestores evidenciam a existência de uma cultura aberta a essas mudanças requeridas para o processo elucidado, uma vez que as pessoas que estariam envolvidas nessa implantação já desenvolvem de forma natural atividades exigidas pelo sistema.

Com o desenvolvimento da pesquisa, ficou claro que através da utilização do CRM nas faculdades particulares além de entender o cliente e desenvolver melhorias junto a esse,

também torna-se possível explorar os benefícios percebidos pelo cliente como diferencial competitivo evidenciados por Callegari, Kovaleski e Francisco (2007).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo do artigo concentrou-se em compreender o significado da utilização do CRM nas Instituições de Ensino Superior Privadas, como fonte estratégica para gerar vantagem competitiva, realizando um estudo de caso na empresa “Alfa”. A partir dos resultados obtidos foi possível concluir que os principais processos da empresa em estudo envolvem a captação e retenção de alunos.

Identificou-se também que várias atividades, que atualmente são desenvolvidas pela empresa, correspondem a atividades de CRM mesmo não possuindo um sistema efetivo e integrado. E que essas ações são essenciais para o aumento do número de alunos inscritos e matriculados, bem como redução da inadimplência e evasão escolar.

Verificou-se ainda que a empresa “Alfa” busca, através das diversas ações elencadas no capítulo 5, a construção de um relacionamento estável e duradouro com seu público-alvo, com o objetivo da obtenção de diferencial frente ao ambiente competitivo em que ela está inserida. Portanto, através do estudo de caso, percebeu-se que a integração de CRM e TI na empresa possibilitaria a agilidade e viabilidade de diversas ações que hoje não são possíveis, devido à morosidade e inviabilidade de aquisição dessas informações.

Apesar do objetivo da pesquisa não considerar motivos da não implantação efetiva de um sistema de CRM pela empresa, enquanto pesquisadores, buscamos compreender o porquê a empresa em estudo executa várias atividades de CRM por setores de forma isolada, mas ainda não implantou um sistema integrado de CRM, como sugerido pelos diversos autores elucidados nesse artigo. A resposta evidencia um receio da diretoria em burocratizar e desintegrar ações que atualmente são feitas e conhecidas por todos os setores da empresa. Esse fator pode ser sugerido como um problema de pesquisa para futuros estudos na área. Ou seja, até que ponto um sistema informatizado de CRM não torna as ações chaves da empresa como uma atribuição específica de um setor diminuindo sua efetividade e abrangência?

Foi abordado pelos autores que a aquisição de um software de CRM não tem nenhum valor, se este não está adequado à estrutura logística e funcional da empresa. Assim, podemos suscitar a questão: Como avaliar a viabilidade da implantação de um sistema de CRM em dada organização?

Além disso, devemos tomar cuidado com a construção de sentido e significado que a informação sobre o cliente e o mercado pode proporcionar para a empresa. Pois, parece relativamente fácil relatar dados sobre o cliente e seu mercado, entretanto, saber interpretar e usar essas informações de acordo com o contexto social e cultural de seus clientes, é um desafio para a organização.

Por fim, também poderíamos perguntar: Até que ponto um sistema informatizado de CRM não torna os relacionamentos entre os clientes interno/externo de forma mais fria

do que ações pessoais desenvolvidas *in loco*? Como equilibrar TI e relacionamento pessoal com o cliente?

## 7 REFERÊNCIAS

1. ALBERTIN, Alberto Luiz. Valor estratégico dos projetos de tecnologia de informação. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 41, n. 3, julho a setembro de 2001.
2. ANDRADE, Antonio Rodrigues de. Comportamento e estratégias de organizações em tempos de mudança sob a perspectiva da tecnologia da informação. **Caderno de Pesquisa em Administração**. São Paulo, v. 09, n. 02, abril a junho 2002.
3. BOGHI, Claudio; SHITSUKA, Ricardo. **Sistemas de informação: um enfoque dinâmico**. São Paulo: Érica, 2002.
4. BRETZKE, Miriam. **Marketing de relacionamento e competição em tempo real: com CRM (Customer Relationship Management)**. São Paulo: Atlas, 2000.
5. CALLEGARI, Nelson Malta; KOVALESKI, João Luiz; FRANCISCO, Antonio Carlos de. CRM: uma ferramenta tecnológica inovadora. **3º Encontro de Engenharia e Tecnologia dos Campos Gerais**, agosto de 2007.
6. CARR, Nicholas G. **TI já não importa**. HBR, Maio, 2003.
7. DOMIGUEZ, Sgfried Vasques. Implantando o CRM: um estudo de caso M. Q. I.. **In. V SEMEAD**, junho de 2001.
8. GUMMESSON, E. **Marketing de relacionamento total**. Porto Alegre: Bookman, 2005.
9. KOTLER, Philip. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. São Paulo: Atlas, 1998.
10. KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de Marketing**. 7. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1998.
11. KOTLER, Philip; FOX, Karen F. A. **Marketing estratégico para instituições educacionais**. Tradução Ailton Bonfim Brandão. São Paulo: Atlas, 1994.
12. LAURINDO, Fernando José Barbin; SHIMIZU, Tamio; CARVALHO, Marly Monteiro de; RABECHINI JUNIOR, Roque. O papel da Tecnologia da informação (TI) na estratégia das organizações. **Gestão e Produção**, v. 8, n.2, agosto de 2001.
13. NEVES, Guilherme L. C.; SOUZA, Nicole Amboni de; LUCAS, Elaine R. de Oliveira.. Aplicativos de Gestão de bibliotecas e a utilização dos pilares do CRM. **In: Encontro Nacional de Ciência da Informação - CIFORM**, 2005, Salvador,



- BA. Anais do VI CIFORM. Salvador: Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2005
14. NEVES, Guilherme. L. C.; SOUZA, Nicole Amboni de; LUCAS, Elaine R. de Oliveira.. Estratégia de CRM aplicada a DSI: uma proposta para as bibliotecas universitárias. **In:** Encontro Nacional de Ciência da Informação, 2005, Salvador, BA. Anais do VI CIFORM. Salvador: Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2005.
  15. NEWELL, Frederick. **Customer Relationship Management in the new era of internet marketing**, de. McGraw-Hill, 2000. Adaptado por J. M. Dentinho e R. Fidalgo.
  16. NORRIS, G. et al. **E-Business e ERP: transformando as organizações**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.
  17. PENTEADO, Marcus Teixeira. A importância do relacionamento com os clientes: modelo de CRM. IV **SINAP - Simpósio Internacional de Gestão de Negócios em ambiente portuário**. Universidade Católica UNISANTOS, 2007.
  18. QUEIROZ, Valdir Donizete de Souza. O CRM – Customer Relationship Management – fidelizando o cliente. Programa de pós-graduação, Uni-Facef, Franca, 2002.
  19. RODRIGUES, Rodrigo de A. M. D. Vantagens e dificuldades da implantação do CRM em empresas. **Knowledge Management Press & Consulting**, junho de 2002.
  20. SILVA, R. C. A aplicabilidade da gestão de relacionamento com o cliente (CRM) em bibliotecas. **XV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias – SNBU**, 2008.
  21. SILVA JUNIOR, A.; MUNIZ, R. M.; MARTINS, P. O.. Processo evolutivo e gestão universitária: um estudo comparativo entre três IES familiares. **In: VI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006.
  22. SUSIN, Eliane Martins; SUSIN, Junior Antonio. O marketing de relacionamento como estratégia de sobrevivência e competitividade das instituições de ensino superior. v. 7, n. 13, *Global Manager*. Faculdade da Serra Gaúcha, Caxias do Sul, RS: FSG, 2007.
  23. TELLES, R. **Marketing empresarial B2B**. São Paulo: Saraiva, 2003.
  24. VALENTE, Camille Antequera; CARVALHO NETO, Silvio. Marketing de Relacionamento em Instituições de Ensino Superior: Estudo dos Aspectos Fundamentais para o Relacionamento com os Discentes Potenciais de Cursos de

Pós-Graduação. **In:** II Congresso de Iniciação Científica do Uni-FACEF, 2008, Franca. Anais II Congresso de Iniciação Científica Uni-FACEF, 2008. v. 1.

25. YONG, Chu Shao. Tecnologia de Informação. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, janeiro a março de 1992.
26. ZUBOFF, Shoshana. Automatizar/informatizar: As duas faces da tecnologia inteligente. **Revista de administração de empresas**. São Paulo. v.34. n.6. p. 80-91. 1994.

# A SEDIMENTOLOGIA DOS MANGUES DE ARACRUZ DA RESERVA ECOLÓGICA DOS MANGUEZAIS PIRAQUÊ-AÇU E PIRAQUÊ-MIRIM

Bruno de Aquino Portela<sup>7</sup>

## RESUMO

O objetivo deste trabalho foi estudar a sedimentologia dos mangues de Aracruz da Reserva Ecológica dos Manguezais Piraquê-Açu e Piraquê-Mirim, com o enfoque na Granulometria e na Matéria Orgânica. Para este estudo foram realizadas três coletas; uma no mês de Março, uma no mês de Abril e a outra no mês de Maio de 2006. A região próxima ao Rio Piraquê-Açu apresentou sedimento bastante lamoso, enquanto a região superior (próximo ao Apicum), sedimento arenoso. A Matéria Orgânica variou entre 3% e 38% no local estudado. A vegetação desta área se compõe dos três tipos de mangue: Preto, Branco e Vermelho. A presença desta vegetação ocasionou em uma maior retenção de sedimentos finos na faixa ribeirinha, e a falta desta vegetação nas proximidades do Apicum levou a deposição dos sedimentos mais arenosos.

**Palavras-chave:** Manguezal, Mangue, Sedimentologia, Granulometria e Matéria Orgânica

## ABSTRACT

The objective was to study the sedimentology of Aracruz mangroves at the Ecological Reserve of Mangrove Piraquê-Açu and Piraquê-Mirim, focusing on Granulometry and Organic Matter. For this study were performed three times; one in March, one in April and another in May 2006. The area near Piraquê-Açu River presented fairly muddy sediment, while the upper region (near Apicum), presented sandy sediment. The Organic Matter varied between 3% and 38% in the studied area. The vegetation of this area is composed of three types of mangroves: Black, White and Red. The presence of vegetation resulted in greater retention of fine sediments around the riverside track, and the lack of vegetation in the vicinity of Apicum caused sandy sediments deposition.

**Keywords:** Mangrove, Mangrove, Sedimentology, Granulometry and Organic Matter

## 1 INTRODUÇÃO

A costa brasileira possui aproximadamente 10.123,76 km<sup>2</sup> de manguezais (HERZ, 1991) e estão distribuídos desde o Rio Oiapoque (04° 30'N) Amapá, até Laguna em Santa Catarina (28° 30'S) (SCHAEFFER-NOVELLI, 1993). Sua localização, restrita à

---

<sup>7</sup> Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo, em 2007. Pós-graduando em Produção de Recursos do Petróleo e Gás Pela Faculdade Norte Capixaba de São Mateus. Professor da Faculdade Norte Capixaba de São Mateus.

faixa entre marés, faz com que sejam verdadeiros pontos de ligação entre os ambientes marinhos e terrestres (ARAÚJO & MACIEL, 1979).

O termo mangue é usado para designar um grupo florísticamente diverso de arbustos e árvores pertencentes a famílias não relacionadas, que partilham de adaptações e características fisiológicas especiais, possibilitando sua permanência em áreas alagadas, salinas, de substrato silteoso inconsolidado e com baixo teor de oxigênio. Por outro lado, o termo manguezal é usado para se referir a uma comunidade de mangue, ou ecossistema (CITRON E SCHEAFFER-NOVELLI, 2000).

Todos os manguezais da América Tropical, na qualidade de zonas úmidas, são reconhecidas como “Ecossistemas – chave”, cuja preservação é crítica para o funcionamento de outros ecossistemas maiores e mais diversos que se estendem além dos limites de um bosque de mangue (DINERSTEIN ET AL., 1995)

Os manguezais são ecossistemas costeiros dos mais produtivos e apesar de sua capacidade de resiliência a estressores naturais, as florestas de mangue são extremamente vulneráveis a muitos estressores causados por atividades humanas, incluindo sedimentação, construção de canais, diques, dragagem e muitos outros tipos de poluição (CINTRON E SCHEAFFER-NOVELLI, 1983).

De acordo com Scheaffer-Novelli (1995), os manguezais estão entre os principais responsáveis pela manutenção de boa parte das atividades pesqueiras das regiões tropicais e servem de refúgio natural para reprodução e desenvolvimento (berçário) assim como local para alimentação e proteção de crustáceos, moluscos e peixes de valor comercial. Dentre as espécies de crustáceos destaca-se o *Ucides cordatus*, conhecido como caranguejo-uçá, o qual é muito procurado comercialmente. Além dessa fauna encontram-se principalmente três espécies de árvores de mangue: *Rhizophora mangle*, também conhecido como mangue vermelho, *Laguncularia racemosa* ou mangue branco e *Avicennia shaueriana* dita como mangue preto.

Segundo Carvalho (1994), o estudo da sedimentação é de vital interesse na conservação, desenvolvimento e utilização dos solos e dos recursos hídricos. Os sedimentos do manguezal (SCHEAFFER-NOVELLI, 1995) possuem características variáveis, por suas origens serem diferentes, originam-se no próprio ambiente, pela decomposição das folhas, galhos, restos de animais mortos e plantas trazidas de fora do ambiente, por onda, ventos ou fluxo de rios. Existem benefícios derivados dos sedimentos que permite ser um meio condutor de microrganismo ou matéria orgânica diversa que melhora a fauna fluvial. A falta de correntes afeta os sedimentos, e com a eficiência de retenção, criam-se depósitos para sedimentos (CARVALHO, 1994). Outro fator são as plantas lenhosas, dos mangues que retêm e permitem o acúmulo de sedimentos.

Os sedimentos estuarinos são derivados de certo número de fontes incluindo: águas doces (pluviais e fluviais) e marinhas, o continente, a atmosfera, a erosão do fundo e margens dos estuários e a atividade biológica dentro do sistema. É normal que possa ocorrer dominância de determinadas fontes, mas esta dependerá da magnitude relativa de todas as outras fontes e a dinâmica dos processos de erosão, transporte e deposição. A natureza e a distribuição das fácies sedimentares em estuários são controladas pela

interação entre os processos hidrodinâmicos, a morfologia do fundo e os tipos e a quantidade de componentes sedimentares, tais como conchas, matéria orgânica, grãos de areia, pelotas fecais e lama disponível (Davis, 1985).

## 2 ÁREA DE ESTUDO

A área estudada localiza-se em trechos do manguezal do Rio Piraquê-Açu, Aracruz, Espírito Santo (19° 50' S, 40° 10' W), onde se encontra a Reserva Ecológica dos Manguezais Piraquê-Açu e Piraquê-Mirim que juntos formam a bacia do Piraquê, um complexo estuarino da região. Estes rios apresentam respectivamente 50 e 22 km de extensão. Dos 50km do Rio Piraquê-Açu, os últimos 19km são margeados por manguezal, enquanto o Rio Piraquê-Mirim são os últimos 15km.

O clima da região é tropical úmido, com estação seca pouco pronunciada, segundo (PANOSO et al, 1978). A predominância florística em todo rio é composta pelos três tipos de mangue: Preto, Branco e Vermelho.

Considerando as marés nos dias de coletas relacionados (19 de março, 23 de abril e 13 de maio) a máxima foi de 1,3m no dia 23 de abril e a mínima foi de 0,2m no dia 19 de março, segundo a tábua de maré fornecida pela Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de Aracruz.

## 3 METODOLOGIA

No mês de março foram usadas 3 demarcações de transectos (T1, T2 e T3) já existentes em um trabalho de programa de dissertação de mestrado da UFES, (“Dinâmica Espaço-Temporal de *Ucides cordatus*, Decapoda, Ocypodidae, no Manguezal do Rio Piraquê-Açu, Aracruz ES. “), desenvolvido por Rita de Cássia Conti. Essas transecções se dividem em três pontos ao longo do rio. A primeira em Santa Cruz (24k 376527-1 S e 7795915-5 W) (Figura 1), a segunda em Irajá (24k 371369-2 S e 7798012-9 W) (Figura 2) e a terceira no Adrião (Figura 3) (24k 369252-6 S e 7798590-4 W); marcados na unidade de medida em UTM com Datum SAD69. Cada transecção é dividida em três faixas (F1, F2 e F3) que se estendem desde o rio Piraquê – Açu até o apicum, sendo perpendiculares à margem do rio e paralelas entre si. Estas demarcações foram traçadas com o auxílio do GPS.

A primeira transecção foi demarcada próxima ao rio, a segunda na região intermediária do mangue e a terceira perto do apicum, sendo esta zona a que faz parte da sucessão natural do manguezal para outras comunidades de vegetais, sendo o resultado da deposição de areia fina pela ocasião da preamar (Bigarella,1947). A T1 apresentou 306m dividido e 3 faixas: do rio a F1 mede-se 10 m, de F1 a F2, 110 m e de F2 a F3, 186 m. A transecção 2 expôs 159 m de extensão, sendo do rio a F1 10 m de F1 a F2 73m e de F2 a F3 76 m. O T3 exibiu 115 m no qual do rio a F1 mede-se 10 m, de F1 a F2 58 m e de F2 a F3 47 m. Assim, foram amostradas nove parcelas no total.

No decorrer da pesquisa realizou-se 3 coletas, uma no dia 19 de março, uma no dia 23 de abril e outra no dia 13 de maio. As coletas foram todas iniciadas em maré baixa. Em cada faixa de cada transector foi coletadas uma amostra, utilizando um coletor de sedimento de (100 mm) PVC, adaptado para coleta em manguezal confeccionado segundo (Rebelo, 1986), em uma profundidade de 30 cm e uma quantidade média de 500g de sedimento. Posteriormente a amostra foi acondicionada em refrigerador para consequentes análises.

As amostras foram lavadas em bacia para a retirada do sal e depois encubadas na estufa à 60°C em béqueres nas dependências do Projeto Sereias (Aracruz – ES) para secagem. Posteriormente, o sedimento seco foi encaminhado para o Laboratório de Sedimentologia da UFES (Vitória) para dar seguimento às análises.

O material seco foi quarteado e em seguida foi pesado 50g em balança analítica. Os 50g foram levados a um processo de via-úmida, onde foram eliminados o silte e argila (lama). Esse processo utiliza a peneira de abertura 0,062mm. O material restante após a via-úmida foi acondicionado novamente em estufa a 60°C por um dia. Após a segunda secagem, a amostra foi levada ao Laboratório da ESFA (Santa Tereza) para dar início às análises de quantificação de Matéria Orgânica (M.O).

Inicialmente foram pesados nove cadinhos de porcelana identificados e vazios e em seguida com a amostra a ser analisada. A porcelana com a amostra foi levada a murfla pré-aquecida à 600°C, ao atingir 1200°C o material permaneceu por 2 horas para ocorrer à queima de M.O. No término de duas horas de queima, o material foi levado ao dessecador para esfriamento e após 30 minutos esse material foi pesado novamente em Balança Analítica. O valor perdido da queima na murfla de cada porcelana corresponde ao indicador de M.O.

O valor restante (não queimado) foi levado para o laboratório de Sedimentologia da UFES para dar início as análises granulométricas.

O sedimento foi pesado e em seguida foi colocado no jogo de peneiras granulométricas de separação e quantificação de grãos cuja disposição é: 4.000; 3.360; 2.380; 2.000; 1.410; 1.000; 0.710; 0.500; 0.350; 0.250; 0.177; 0.125; 0.105; 0.074; 0.062 e <0.062 (fundo). As peneiras já se encontravam posicionadas no aparelho Rotor no qual permaneceu durante 15 minutos em agitação constante. Após o término do tempo, cada porção do material retido nas peneiras foram postos em vidro de relógio e pesado na balança analítica.

As análises estatísticas foram feitas com auxílio do programa Excel e do programa Básica do MSDOS, UERJ, e o programa Google Earth para visualização aérea por Satélite do local estudado.

#### **4 RESULTADOS**

Ao analisarmos a figura 4 para silte e argila (lama) em T1F1 observa-se um índice de 65% de lama, enquanto T3F3 não se observou a presença de lama. Nota-se que na

Figura 4 para areia T3F2 apresentou 100% de areia, cuja análise granulométrica deste transecto apresentou a característica de, areia grossa, mal selecionada, aproximadamente simétrica, enquanto T1F1 apresentou 34%, tendo sua característica granulométrica de, areia muito grossa, moderadamente selecionada, assimétrica para o lado dos finos.

Ao analisarmos a Figura 5 para silte e argila (lama) em T1F1 obteve-se um índice de 56% de lama, sendo que em T3F2 apresentou 5%. Observando a Figura 5 para areia, percebe-se que T3F2 apresentou 95%, cuja classificação granulométrica foi, areia grossa, mal selecionada, aproximadamente simétrica. Ao mesmo tempo T1F1 qualificase como, areia média, mal selecionada, aproximadamente simétrica, apresentando 43%.

Ao analisarmos a Figura 6 para silte e argila, observou-se que T2F1 obteve-se um índice de 83% de lama, enquanto T3F2 observou-se apenas 11%. De acordo com a análise da Figura 6 para areia, encontrou-se em T3F2 um valor de 88% com sua classificação granulométrica de, areia grossa, mal selecionada e assimétrica para o lado dos finos, em contrapartida T2F2 apresentou menor índice de 11%, mas com sua característica igual a T3F2.

Na composição granulométrica dos trechos estudados, encontramos no geral o predomínio de lama (silte e argila), que é uma característica do ambiente estudado. Não foram observados apenas em T3F2 e T3F3.

Encontrou-se o predomínio de areia grossa e mal selecionada ao longo das análises dos sedimentos dos transectos, devido à grande contribuição do aporte fluvial do rio Piraque-açú, e à proximidade da desembocadura fluvial, onde há a mistura de sedimentos marinhos, fluviais e a complexidade hidrodinâmica.

Na análise de matéria orgânica na (Tabela 2), para coleta1, nota-se que T2F2 apresenta 38% de M. O, em contrapartida, T3F2 apresentou 12%. Verifica-se que na coleta 2 T2F2 apresentou um teor de 35%, enquanto que T3F2 obteve-se um teor inferior de 4%. Na coleta 3 em T2F2 obteve-se 22%, e T3F1 6% apenas.

## 5 DISCUSSÃO

“Sedimento pode ser considerado como o resultado de integração de todos os processos que ocorrem em um ecossistema aquático. Do ponto de vista de ciclagem de matéria e fluxo de energia, o sedimento é um dos compartimentos mais importantes dos ecossistemas aquáticos continentais. Nele ocorrem processos biológicos, físicos e / ou químicos, que influenciam o metabolismo de todo o sistema (ESTEVES, 1998)”.

Na grande maioria dos ecossistemas distinguem-se no sedimento duas camadas: a recente ou biológica e a permanente. A camada recente compreende a parte do sedimento, geralmente com maior concentração de matéria orgânica (M. O), que está em contato direto com a coluna d'água. Corresponde à parte do sedimento biologicamente mais ativa, pois nela os microorganismos e organismos bentônicos encontram as condições ambientais mais favoráveis para o seu desenvolvimento.

A camada permanente ou sedimento permanente, localizada abaixo da camada recente, é caracterizada pelo baixo teor de M. O e pelo fato de apresentar-se, geralmente, em anaerobiose (ESTEVEES, 1998).

Segundo Ungemach (1960), para o sedimento ser considerado orgânico deve apresentar concentração de matéria orgânica superior a 10% do peso seco.

O sedimento mineral é caracterizado pelo baixo teor de matéria orgânica (menos de 10% do peso).

Em regiões internas de golfos e baías, onde o efeito das ondas é reduzido, os manguezais ocupam bancos de sedimento com texturas muito finas. Nesses casos, não há barreiras físicas entre o bosque e a massa da água principal (JIMENEZ, 1999).

Segundo classificação textural proposta por Shepard (1954, in SUGUIO, 1973), o sedimento das parcelas do bosque ribeirinho, e da bacia são, em geral, areia lamosa. Após as análises foi constatado nos transectos (T1F1, T2F1, T3F1) a classificação de areia lamosa. Em todos transectos nas faixas 3 de todas as coletas apresentam maior quantidade de areia, devido à proximidade ao apicum, sendo esta região que fornece o sedimento arenoso.

Nos transectos (T1F1, T2F1, T3F1), dos três pontos ao longo do rio, existem em sua maioria a classificação granulométrica predominante de areia grossa, mal selecionada, assimétrica para o lado dos finos e areia média, mal selecionada, aproximadamente simétrica. Este local sofre influência direta da maré.

Nos dias de coleta as precipitações pluviométricas nas áreas de estudo foram bastante evidentes. Nas semanas que antecedem a primeira coleta, o tempo estava nublado com pancadas de chuvas ocasionais. No dia 19 de março (primeira coleta), o tempo continuou fechado com a maré subindo rapidamente. Na coleta de 23 de abril, o dia anterior também estava bastante chuvoso, apresentando chuva fina no dia da coleta. Na última coleta (13 de maio), choveu no dia anterior e a coleta foi realizada com maré morta, apresentando um sedimento bem seco. As chuvas nas áreas de estudo influenciam diretamente nas vazões, gerando maiores descargas fluviais.

As análises apresentaram alto teor de matéria orgânica. O alto teor pode estar relacionado com a baixa densidade de caranguejos na região de coleta, possuindo maiores depósitos de folhas, troncos em decomposição, supostamente uma baixa ciclagem de nutrientes realizada pelos caranguejos.

## REFERÊNCIAS

1. ARAÚJO, D.S.D.; MACIEL, N. C. **Os manguezais do recôncavo da Baía de Guanabara**. Cadernos FEEMA, Sér. Téc., 60p. + 6 apêndices. 1979.
2. BIGARELLA, J.J. **Contribuição do estudo da planície litorânea do Estado do Paraná**. *B. Geogr.*, 55: 747-779, 2001



3. CARVALHO, N. O. **Hidrossedimentologia prática**. Rio de Janeiro: s.ed., 1994, 372 p.
4. CINTRÓN, G.; SCHAEFFER-NOVELLI, Y. **Mangrove forest: ecology and response to natural and man induced stressors**. UNESCO Reports in Marine science, 23: 87-113. 1983
5. DAVIS, R. A. **Coastal sedimentary environments**. New York: Springer-Verlag, 1985, p. 77-173.
6. DINERSTEIN, E. et al. **A conservation assessment of the terrestrial ecoregions of Latin America and the Caribbean**. The World bank in association with The World Wildlife Fund, Washington, D.C.; USA, 1995.
7. ESTEVES, F.A. **Fundamentos de Limnologia**. 2. ed.. Rio de Janeiro: Interciência, 1998.
8. GOOGLE Earth. **image © 2006 digital globe, Fotografia Aérea** (acesso via internet), 01 de jul. 2006. Imagem Satélite
9. HERZ, R. **Manguezais do Brasil**. São Paulo, IOUSP/CIRM, 1995, 233 p.
10. PANOSO, L. A. et al. **Levantamento e reconhecimento dos solos do Estado do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: EMBRAPA. Bolm. Técnico, 1995.
11. REBELO, F.C. **Metodologia para o estudo da endofauna de manguezais (macrobentos)**. In: Schaeffer, Y., CINTRÓN, G. Guia para estudo de áreas de manguezal: estrutura função e flora. São Paulo: Caribben Ecological research, Apêndice 3, 23 p, 1995
12. SCHAEFFER-NOVELLI, Y. **Manguezal: ecossistema entre a terra e o mar**. Caribbean Ecological Research pub. 64p., São Paulo, 1995.
13. SCHAEFFER-NOVELLI, Y. et al. **Brazilian mangroves aquatic ecosystem health and management**, 1995, p. 561-570.
14. SUGUIO, K. **Introdução à sedimentologia**. São Paulo: EDUSP, 1995
15. UNGEMACH, H.. **Fedimentchemismus und seine Beziehung zun Stosshaushalt in 40 europaischen Seen, Germany**, Universitat kiel, 1960, 420 p.

## O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA ATRAVÉS DO MÉTODO TRADUÇÃO-GRAMÁTICA NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO

Kessya Pinitente Fabiano<sup>8</sup>

### RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal investigar se o método tradução gramática tem sido utilizado nas escolas de ensino médio nos dias atuais para a aquisição de uma segunda língua, o inglês. Com essa intenção, buscou-se fundamentação nas teorias sobre técnicas utilizadas para o aprendizado da língua inglesa ao longo do tempo. Como fechamento, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, sendo aplicados questionários a alunos e professores do Ensino Médio do município de Nova Venécia para a verificação das expectativas, do trabalho efetivamente desenvolvido e dos resultados obtidos.

Palavras-chave: Investigar, Aquisição, Técnicas, Aprendizado.

### ABSTRACT

The present article had as main goal to investigate if the grammar-translation method has been used in the process of acquisition a foreign language in high schools nowadays. So, it was required reasons in theories about used techniques to learn English language. At last, it was developed a field search, with the application of questionnaires to teachers and high school students of Nova Venécia in order to check the expectations of the developed work and the obtained results.

**Key-Words:** Investigate; Acquisition; Techniques, Learning

## 1 INTRODUÇÃO

Não apenas temos sido inacabados, mas nos tornamos capazes de nos saber inacabados. Aí se abre para nós a possibilidade de inserção numa busca permanente... A permanência da educação também está no caráter de constância da busca, percebida como necessária.

Paulo Freire

---

<sup>8</sup> Licenciada em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pelo Instituto de Ensino Superior de Nova Venécia; Especialista em Didática do Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior de Nova Venécia; Especialista em Língua Portuguesa e Língua Inglesa pelo Instituto de Ensino Superior de Nova Venécia

Estamos vivendo em uma época de constante evolução, e no ritmo que as coisas andam, é fácil ficar desatualizado. Todo tempo é tempo de conhecer e de exigir um novo modelo de ensino. Um ensino interativo; um ensino interessante, atual e real. E, principalmente, um ensino exigente, que desperte no estudante a responsabilidade de atualizar-se, de buscar informações e de manter-se atento às mudanças.

Este novo posicionamento no ensino, implica aprender a aprender, traduzindo a capacidade de refletir, analisar e tomar consciência do que se sabe, buscar novas informações, adquirir novos conhecimentos resultantes da rápida evolução.

Reconhece-se a importância de focalizar o processo de aprendizagem, mais do que a instrução e a transmissão de conteúdo, lembrando que hoje é mais relevante o “como” você sabe do que “o que e o quanto” você sabe. Aprender é saber realizar. Conhecer é compreender as relações, é atribuir significados às coisas, levando em conta não apenas o atual, mas também o passado.

Hoje, sessenta por cento da população mundial, é no mínimo, bilíngue, o que justifica a preocupação com a prática de ensino da língua estrangeira. Há quinhentos anos, o Latim era a língua mais estudada no mundo, mas, depois, no século 16, o Francês, o Italiano e o Inglês ganharam maior importância devido às mudanças políticas na Europa. Atualmente a língua inglesa é a mais estudada. (RICHARDS & RODGERS, 2001).

Assim, justifica-se fazer uma pesquisa de campo, para averiguar quais os métodos utilizados pelos professores no ensino da língua inglesa e verificar se o método tradução-gramática, uma das primeiras técnicas a ser utilizada no aprendizado de línguas estrangeiras, permanece nas escolas depois de vários anos.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O tema do presente estudo abrange a fundamentação teórica desse trabalho e opiniões de autores que comentam e discutem problemas relacionados ao ensino da Língua Inglesa através do método tradução-gramática.

### **2.1 CONCEITO DE TRADUÇÃO**

Segundo Silveira Bueno em seu minidicionário da Língua Portuguesa, a palavra tradução possui o seguinte significado: “Ato de traduzir, de passar um texto para outra língua: interpretação” (s.a, p. 674).

Já Campos (1987, p. 08), interpreta a tradução da seguinte forma:

A tradução é uma senhora que sempre andou “na boca do povo”, como se diz: parece que ela sempre esteve na berlinda, e as coisas que se têm dito dela nem sempre têm sido as mais elogiosas, nem sequer as mais compreensivas – como se houvesse, contra ela, uma espécie de preconceito ou prevenção. Existem, é claro, os adeptos fanáticos, que a louvam com todas as cordas do coração;

assim como existem, de outro lado, e aparentemente em maior número, pessoas que falam mal dela com todo o veneno que são capazes.

Arrojo (2002, p. 76) classifica a tradução como produtora de significados:

Ao considerarmos a tradução uma atividade essencialmente produtora de significados, e ao considerarmos o trabalho do tradutor pelo menos tão complexo quanto a do escritor de textos originais, fica evidente que não pode haver fórmulas mágicas nem atalhos fáceis para se aprender a traduzir.

Traduzir não pode ser meramente o transporte ou a transferência de significados de uma língua para outra, porque o próprio significado de uma palavra, ou de um texto, será determinado através de uma leitura.

Para alguns, a problemática está naqueles que acreditam que a tradução deve seguir as palavras do original, enquanto para outros, deve corresponder às idéias do original. As opiniões são as mais diversas possíveis. O fato é que todos acabam recorrendo a ela, pois ninguém é capaz de dominar com perfeição todas as línguas nas mais diversas partes do mundo, nem mesmo aquelas que foram faladas em épocas distantes e hoje são consideradas como “mortas”.

## 2.2 O MÉTODO TRADUÇÃO-GRAMÁTICA

Puren et al. (1988) citado por Cestaro (2003) expõe que na Europa, durante a Idade Média, a Língua Latina possuía muito prestígio, sendo considerada a língua da Igreja, dos negócios, das relações internacionais, das publicações filosóficas, literárias e científicas. Já Saviani et al. (1996) citado por Cestaro (2003) relata que no século XVI exigia-se dos educadores o bilinguismo: o latim como língua culta e o vernáculo como língua popular. Assim, no final da Idade Média e começo da Renascença, as línguas vernáculas – o francês, o italiano, o inglês, o espanhol, o alemão e o holandês – tornaram-se cada vez mais importantes e o latim, cada vez menos usado na oralidade. À medida que diversas línguas nacionais suplantaram o latim como língua de comunicação, elas se tornaram objeto de aprendizagem escolar. Vale salientar que é o modo de ensino do Latim que prevalece durante toda a Idade Média e que o ensino das línguas vivas ou modernas vai se basear no modelo de ensino do Latim.

A partir do século XVIII, os textos em língua estrangeira tornam-se objeto de estudo; os exercícios de versão/gramática passam a substituir a forma anterior de ensino que partia de frases isoladas tiradas da língua materna. É com base nesse modelo de ensino que o século XVIII assistirá à consagração do chamado “método tradução-gramática” mais comumente chamado de “tradicional” ou “clássico”.

A abordagem tradicional, historicamente, a primeira e mais antiga metodologia servia para ensinar as línguas clássicas como grego e latim. Germain et al. (1993) citado por Cestaro (2003) diz que é a concepção de ensino do latim; língua morta, considerado como disciplina mental, necessária à formação do espírito que vai servir de modelo ao ensino das línguas vivas. Os objetivos desta metodologia que vigorou até o início do século XX, era o de transmitir um conhecimento sobre a língua, permitindo o acesso a

textos literários e um domínio da gramática normativa. Propunha-se a tradução e a versão como base de compreensão da língua em estudo. O dicionário e o livro de gramática eram, portanto, instrumentos úteis de trabalho.

A aprendizagem da língua estrangeira era vista como uma atividade intelectual em que o aprendiz deveria memorizar as regras e os exemplos, com o propósito de ter o domínio na morfologia e na sintaxe. Os alunos recebiam e elaboravam listas exaustivas de vocabulário. As atividades propostas tratavam de exercícios de aplicação das regras da gramática, ditados, tradução e versão. A relação professor/aluno era vertical, ou seja, ele representava a autoridade no grupo/classe, pois detinha o saber. Pouca iniciativa era atribuída ao aluno; a interação professor/aluno era praticamente inexistente. O controle da aprendizagem era, geralmente rígido e não se permitia errar.

De acordo com Prator e Celce Murcia et al. (1979) citado por Santana (2003), as características fundamentais do Método de Tradução de Gramática são:

- Aulas são ministradas na língua materna, com pequeno uso ativo do idioma designado;
- O vocabulário é ensinado na forma de listas de palavras isoladas;
- Pequena ou nenhuma atenção é dada à pronúncia;
- Pouca atenção ao conteúdo de textos, que são tratados como exercícios em análise gramatical;
- A leitura de difíceis textos clássicos começa-se cedo;
- Elaboração de longas explicações sobre a complexidade da gramática que é dada;
- Provê as regras gramaticais e focaliza-se na inflexão de palavras.

Diane Larsen-Freeman, em seu livro *Techniques and Principles in Language Teaching* et al (1986) citado por Freitas (s.a) proporciona algumas descrições técnicas associadas ao Método de Tradução de Gramática seguindo da seguinte forma:

- Tradução de passagem literária (traduzindo idioma designado a idioma nativo);
- Ler questões de compreensão (achando informação em uma passagem, fazendo conclusões e relacionando a experiência pessoal);
- Antônimos/Sinônimos (achando antônimos e sinônimos para palavras ou jogos de palavras);
- Aplicação dedutiva de regra (entendimento das regras gramaticais e aplicando-os em novos exemplos);
- Preencher os espaços em branco (Preenchimento de aberturas em orações com palavras novas ou artigos de uma gramática particular);
- Memorização (memorização de listas de vocabulários, regras gramaticais e paradigmas gramaticais);
- Uso das palavras em orações (os estudantes criam orações para ilustrar o conhecimento, o significado e o uso de palavras novas);
- Composição (os estudantes escrevem sobre um tópico que usa o idioma designado).

O primeiro grande movimento em oposição ao método tradicional de gramática e tradução ocorreu por volta dos anos 50, quando o behaviorismo na área da psicologia e o estruturalismo na área da lingüística estavam na moda. Os linguistas de então

passaram a valorizar a língua na sua forma oral. Sustentavam que o aprendizado de línguas estaria relacionado a reflexos condicionados, e que a mecânica de imitar, repetir, memorizar e exercitar palavras e frases seria instrumental para se alcançar habilidade comunicativa. Esta visão acabou dando origem aos métodos áudio-orais e audiovisuais, baseados em automatismo e atrelados a planos didáticos tipo Livro 1, Livro 2, etc. Tais métodos não dependem de instrutores realmente proficientes na língua estrangeira, por isso, são mais fáceis de serem montados e baratos de serem mantidos, sendo por esta razão até hoje bastante populares em cursinhos de inglês no Brasil. Com o declínio da popularidade da metodologia áudio-linguística, alguns cursos retornaram parcialmente ao método de tradução e gramática, acrescentando livros de exercícios escritos a seus programas.

### 2.3 MÉTODO DIRETO

O método direto tem esse nome devido à forma de abordar a língua alvo diretamente sem tradução para a língua nativa. As aulas são totalmente ministradas na língua alvo desde o início, através de situações baseadas na vida real. O conteúdo é introduzido pelo professor através de objetos também reais ou de figuras, fotos, gestos, para que o aluno associe o significado da língua estrangeira diretamente, sem tradução para a língua nativa. A iniciativa da conversação parte tanto do professor quanto dos alunos, que também conversam entre si. A gramática nunca é apresentada explicitamente, mas deve ser intuída pelos alunos.

Suas principais técnicas, segundo Larsen-Freeman et al (1986) citado por Freitas (s.a) são:

- Leitura em voz alta de passagens, peças ou diálogos;
- Exercício de pergunta e resposta conduzido na língua alvo;
- Prática de conversação sobre situações reais;
- Ditado de textos na língua alvo;
- Exercícios de completar espaços para avaliar intuição de regras ou vocabulário;
- Desenho induzido por ditado do professor ou dos colegas;
- Composição escrita de assuntos escolhidos em sala.

### 2.4 MÉTODO ÁUDIO-LINGUAL

Muitas são as semelhanças entre o método Audio-Lingual e o Método Direto. Embora sejam também muitas as diferenças. Ele surgiu a partir das ideias geradas pela linguística descritiva e pela psicologia behaviorista. Sua meta é tornar os alunos capazes de usar a língua alvo comunicativamente. Para isso, eles devem aprendê-la automaticamente sem parar para pensar, formando novos hábitos na língua alvo e superando os antigos hábitos de sua língua nativa. O conteúdo é estrutural, sendo apresentado em diálogos iniciais. Esses diálogos são aprendidos com memorização, imitação e repetição. A partir deles, são conduzidos exercícios para fixação dos conteúdos e vocabulário. Tais exercícios incluem muita repetição e jogos de pergunta-resposta. As respostas certas dos alunos são reforçadas positivamente com prêmios ou

elogios. A gramática é introduzida pelos elementos dados no diálogo, mas não são comuns explicações explícitas de regras. Há uma constante interação aluno-aluno, especialmente nos jogos de repetição ou “drills”, quando estes se revezam nos diferentes papéis do diálogo. Mas, esta interação é dirigida pelo professor, que é responsável por proporcionar aos alunos um modelo de fala, além de dirigir e controlar seu aprendizado linguístico de forma facilitadora. A competência oral recebe maior atenção. A pronúncia é ensinada desde o começo, geralmente com os alunos trabalhando em laboratórios de línguas e em atividade em pares.

Suas principais técnicas são, segundo Larsen-Freeman et al (1986) citado por Freitas (s.a):

- Memorização de diálogos;
- Conversação em pares;
- Dramatização de diálogos memorizados;
- Memorização de frases longas parte por parte;
- Jogos de repetição (para memorizar estruturas ou vocabulário);
- Jogos de pergunta-resposta (para praticar estruturas);
- Jogos de completar diálogos;
- Jogo de construção de frases a partir de pistas (palavras) dadas;
- Jogo de transformação de frases negativas em afirmativas, etc.;
- Jogos para diferenciar palavras parecidas (sheep / ship).

## 2.5 SILENT WAY (OU MÉTODO SILENCIOSO)

A aquisição linguística é vista aqui como um processo no qual as pessoas, através do raciocínio, descobrem e formulam regras sobre a língua aprendida. Esta aprendizagem visa à expressão do pensamento, percepção e sentimento dos alunos. Para isso eles precisam desenvolver autoconfiança e independência. É o aluno quem constrói seu aprendizado, sendo que o professor pode incitar sua percepção, provocar seu raciocínio. O “silêncio” é uma ferramenta para esse fim. O professor dá uma situação, propõe uma estrutura, por exemplo, “Take a red...”, (olhando para uma ficha vermelha) e depois se silencia (os alunos devem perceber que ele pediu a cor vermelha). A todo o momento os alunos são incitados a pensarem e o silêncio do professor os obriga a se ajudarem mutuamente. Fichas com cores, ou sinais que representem sons ou palavras são constantemente usados. Os alunos começam seu aprendizado pelos sons da língua, vendo o professor manipular essas fichas. Cada cor representa um som. Pouco a pouco, os alunos vão formando palavras com a associação dessas fichas. O professor cria situações que focalizam a atenção dos alunos para a estrutura da língua. Com o mínimo de pistas faladas, os alunos são conduzidos a produzir a estrutura.

As principais técnicas, segundo Larsen-Freeman et al (1986) citado por Freitas (s.a) são:

- O silêncio do professor;
- Correção em pares;
- Uso de fichas coloridas associadas a sons ou palavras;
- Autocorreção;

- Uso de gestos;
- Quadro de palavras;
- Avaliação da lição no final da aula pelos alunos.

## 2.6 SUGGESTOPEDIA (SUGESTOPEDAGOGIA)

O método parte do princípio de que a aprendizagem linguística é normalmente “atrasada” em decorrência de “barreiras” que o próprio aprendiz se impõe, por medo ou auto-sugestão. A conciliação do estudo da “sugestão” e da pedagogia, que dá nome ao método, procura ajudar os alunos a superarem essas barreiras. Por isso, há muita ênfase no sentimento dos alunos e na necessidade de ativação de suas potencialidades cerebrais. Portanto, o ambiente de estudo deve ser relaxante e confortável, e o aluno precisa confiar no professor para que ele possa ativar sua imaginação e ajudá-lo na aprendizagem. Pôsteres com informações gramaticais são dispostos pela sala e trocados periodicamente para incitar a aprendizagem periférica do aluno, ou seja, sua capacidade de aprender através de estímulos externos, pelas coisas que o cercam no ambiente escolar e que não são às vezes objetivamente explicitadas numa lição.

A apresentação do conteúdo é feita em duas etapas. Na primeira, chamada de fase receptiva, o professor lê um diálogo ao ritmo de uma música de fundo. Este procedimento não só ajudaria a manter o ambiente relaxante como também ativaria os dois lados do cérebro dos estudantes. Estes acompanham a leitura do professor e checam a tradução. Posteriormente, o professor repete a leitura enquanto os alunos apenas ouvem e relaxam. Em casa, eles releem o mesmo texto antes de dormir e quando acordam, a fim de fixarem o conteúdo. A segunda fase, a fase ativa, visaria à prática das novas estruturas. Nesse momento, os alunos organizam atividades de dramatização, jogos, música e exercícios de pergunta-resposta.

As principais técnicas segundo Larsen-Freeman et al(1986) citado por Freitas (s.a) são:

- Adequação da sala a tipo certo de luz, cadeira, decoração, etc.;
- Uso de pôsteres nas paredes com informações gramaticais;
- Visualização com olhos fechados de cenas imaginárias;
- Criação de nova identidade descrita pelos alunos;
- Dramatização de situação improvisada;
- Leitura ao ritmo de músicas;
- Escuta de leitura com olhos fechados;
- Leitura dramatizada de pequenos textos (os alunos leem rindo, chorando, cantando, etc.).

## 2.7 COMMUNITY LEARNING (COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM)

Uma das principais crenças desse método é a de que os alunos devem ser vistos como “pessoas por inteiro” Larsen-Freeman et al (1986) *apud* Freitas (s.a), onde não só os sentimentos e intelecto de cada um contam, mas principalmente o modo como relacionam suas reações físicas, instintivas e sua vontade de aprender entre si. O



professor precisa estar sempre alerta para a necessidade de apoio que seus alunos têm com relação a seus medos e inseguranças na aprendizagem. Para isso, é fundamental construir um bom relacionamento comunitário na classe; assim, o próprio professor deverá ocupar uma posição menos autoritária e ameaçadora, sentando-se na mesma posição dos alunos. Estes necessitam estar sempre bem informados quanto ao que deve acontecer em cada atividade, e suas limitações individuais devem ser levadas em conta na hora da cobrança. Deste modo, sentem-se mais seguros. É importante que os alunos sintam-se de certa forma com o controle da interação para tornarem-se mais responsáveis pelo seu próprio aprendizado. A cooperação, e não a competição, deve ser incentivada. A aprendizagem linguística visa à comunicação e expressão de ideias. A língua nativa pode ser usada como apoio pelos alunos, que muitas vezes constroem frases a partir de blocos de palavras traduzidas pelo professor. É costume os alunos gravarem estas frases em pedaços e depois transcrevê-las por inteiro em textos. Novas frases podem ser criadas a partir dessas iniciais e pontos gramaticais de pronúncia ou de vocabulário podem ser daí extraídos. Os alunos são constantemente convidados a dizer como se sentem e o professor deve ser capaz de compreender suas reações e conduzi-los a uma aprendizagem sempre melhor.

As principais técnicas, segundo Larsen-Freeman et al (1986) citado por Freitas (s.a) são:

- Gravação da conversa dos alunos;
- Transcrição das gravações;
- Uso de gravações para corrigir ou reforçar pronúncia;
- Formulação de novas frases a partir de outras já gravadas;
- Tarefas em pares ou em pequenos grupos;
- Reflexão aberta sobre as atividades em sala.

## 2.8 TOTAL PHYSICAL RESPONSE (TOTAL RESPOSTA FÍSICA)

Este método está ligado a uma abordagem de ensino de línguas chamada de “abordagem de compreensão“. Ele é assim denominado, pois, ao contrário de outros métodos que enfocam as habilidades de fala primeiramente, enfatiza a compreensão auditiva. Essa postura vem da observação de que as crianças passam um certo tempo expostas à língua materna através da audição e somente após um certo período é que começam, então, a esboçar as primeiras formas de conversação oral. Em muitos pontos, esta abordagem se assemelha ao método direto, no entanto, a diferença básica é que aqui a língua materna pode ser usada no início para facilitar a aprendizagem dos alunos.

Um dos enfoques desta abordagem é a aprendizagem prazerosa da língua. Espera-se que o estudante realmente goze do prazer de aprender. Para isso usam-se muitas atividades divertidas e engraçadas e, o movimento corporal é um grande recurso para ajudar na compreensão. Muitas estruturas são aprendidas e praticadas através de comandos. O professor dá um comando, por exemplo, “hands up”, e mostra o gesto para que os alunos assimilem a ordem e o movimento certo. Quando os alunos já repetiram uma série de comandos, eles então passam a demonstrá-los ao resto da turma. Após terem

domínio de uma série deles, os alunos aprendem a lê-los e escrevê-los e, somente após uma certa exposição às novas estruturas, começa-se a falar e ditar outros comandos.

As principais técnicas, segundo Larsen-Freeman et al (1986) citado por Freitas (s.a) são:

- Uso de comandos pelo professor para ditar um comportamento aos alunos;
- Uso de comandos pelos alunos para o professor executar;
- Ação seqüencial (o professor dita uma série de ações de uma só vez e o aluno a executa, por exemplo, “take out a pen, take out a piece of paper, write an imaginary letter, fold the letter, put it in an envelop, write the address on the envelop, put a stamp on it and mail it”).

## 2.9 ABORDAGEM COMUNICATIVA

A meta desta abordagem é tornar os alunos comunicativamente competentes. Assim, a aprendizagem linguística é vista como um processo de comunicação no qual o simples conhecimento das formas da língua alvo, seu significado e funções, são insuficientes. É preciso ser capaz de usar a língua apropriadamente dentro de um contexto social. O falante tem de saber escolher entre diferentes estruturas a que melhor se aplica às circunstâncias da interação entre ele e o ouvinte ou, entre o escritor e leitor. Por exemplo, “o falante desenvolve várias formas sutis para mostrar desagrado, recusar, aceitar, convidar, pedir algo etc.” NEVES et al (1996) *apud* Paiva (1996). Isso envolve o domínio não só de competência gramatical ou linguística, mas também de habilidades sociolingüísticas, discursivas e estratégicas.

Com o intuito de desenvolver essas habilidades, a mais marcante característica desse método é a prática de realizar atividades que envolvam comunicação real. Tal comunicação ocorre quando os sujeitos são livres para trocarem conhecimentos. Num jogo de pergunta-resposta no qual os alunos são obrigados a repetirem estruturas preestabelecidas, por exemplo, “what day is today? \_ Today is Tuesday \_ sendo que ambos conhecem a resposta, não havendo, portanto comunicação real, mas apenas a prática mecânica de estruturas. Para usar realmente as potencialidades comunicativas, os alunos resolvem problemas, discutem idéias e posições, jogam, fazem dramatizações, etc. O uso de material autêntico como artigo de revista, jornal, trechos de programas de rádio e TV também é muito importante para que os alunos tenham acesso à língua como ela é, usada efetivamente por seus falantes. Exploram-se muito atividades de conversação em pequenos grupos, dessa forma, maximiza-se o tempo de uso da língua pelos alunos.

As principais técnicas segundo Larsen-Freeman et al (1986) citado por Freitas (s.a) são:

- Uso de material autêntico;
- Texto com frases desordenadas para os alunos ordenarem;
- Jogos de cartões com pistas para os alunos fazerem perguntas autênticas e obterem repostas também pessoais;
- Uso de figuras em seqüência, sugerindo estórias que os alunos tentam prever;

- Dramatização de cenas propostas pelos alunos ou professor.

### 3 METODOLOGIA

Neste trabalho, os dados obtidos na pesquisa foram coletados através de questionário de perguntas fechadas aplicados para alunos e professores das escolas de Ensino Médio no município de Nova Venécia.

Atualmente, as escolas públicas de Ensino Médio Titos dos Santos Neves e Veneciano são as únicas que oferecem aos seus alunos a disciplina de Língua Inglesa para a aprendizagem de uma segunda língua.

A escola Veneciano está localizada próxima ao centro da cidade. Já a escola Titos dos Santos Neves, com sua sede no bairro Rúbia, tem como ponto forte a localização por atender o maior bairro da cidade e demais bairros próximos que constituem a parte alta da cidade, assim conhecida como “Cidade Alta”. Desta forma, ambas as escolas atendem a um público grande.

Foi constatado que a maioria dos alunos entrevistados (79,83%) não fez nenhum curso destinado ao aprendizado da língua inglesa, o que indica que os alunos entram no Ensino Médio sem ter um conhecimento da língua adequado. Assim, as escolas precisariam de profissionais qualificados para atender à deficiência desses alunos, porém os dados apresentados comprovaram que 66,67% dos professores entrevistados possuem menos de 05 (cinco) anos de experiência e que estão concluindo o ensino superior. Nesse resultado todos os professores estão ministrando a disciplina de Língua Inglesa pela primeira vez, há menos de 04 (quatro).

Foi observado que (14,29%) dos alunos, sentem-se desmotivados na aula de língua inglesa por não gostarem da disciplina e que (54,63%) consideram as matérias difíceis e (34,45%) responderam que essas dificuldades se devem à falta de vocabulário, assim, (23,52%) afirmaram que a deficiência concentra-se na dificuldade de compreensão em expressões orais. Desta forma, nas aulas que são ministradas pelos professores de língua inglesa não é dada a devida importância para a oralidade dos alunos que por esse motivo, não conseguem aprender o vocabulário que é passado ao longo da aprendizagem da disciplina, o que foi comprovado que (53,79%) dos alunos, responderam que o método mais utilizado pelos professores é o método gramática e tradução (35,29%) o que comprova que as aulas são ministradas através do método tradução-gramática, ou seja por mais antigo que seja tal método, ainda hoje ele é utilizado nas escolas de ensino médio, para a aquisição de uma língua estrangeira.

Mesmo sendo antigo e muito utilizado nas escolas nos dias atuais, observa-se que os alunos não gostam do método tradução-gramática. Se os docentes direcionassem suas aulas para outros métodos de aprendizagem, poderiam fazer com que os alunos gostassem de outros métodos e provavelmente o índice de desmotivação cairia.

O trabalho aqui desenvolvido foi de muito valia, pois todos admitem a importância de se conhecer a língua inglesa e saber colocá-la em uso efetivo. Por isso vê-se muitas

pesquisas na área de aquisição da segunda língua, ainda em andamento. Após um balanço sobre os pontos fortes e os pontos fracos deste trabalho, seria interessante registrar:

#### **Pontos fortes**

- Contato com a opinião do aluno sobre o próprio aprendizado;
- Levantamento junto aos professores, que provocou, no mínimo, reflexões sobre o seu trabalho, convertendo-se em diretrizes para consolidação de posturas;

#### **Pontos fracos:**

- Número pequeno de estabelecimentos de ensino médio no município de Nova Venécia que oferecem a língua inglesa como aprendizado de uma língua estrangeira na escola. Se a escola estadual oferecesse a língua inglesa para aquisição de uma língua estrangeira, o trabalho poderia ter um número maior de professores respondendo ao questionário.

## **REFERÊNCIAS**

1. ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2002.
2. BRASIL. MEC. **Parâmetros curriculares nacionais: língua estrangeira / ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.
3. BUENO, Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD.
4. CAMPOS, Geir. **Como Fazer Tradução**. Petrópolis: Vozes, 1987.
5. CESTARO, Selma Alas Martins. O Ensino da Língua Estrangeira: História e Metodologia. Disponível na Internet. <http://www.hottopos.com.br/videturb6/selma.htm>. 18 de maio.2005.
6. FERRÃO, Romário Gava. **Metodologia científica para iniciantes em pesquisa**. Linhares, ES: Unilinhares/Incaper, 2003.
7. LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and principles in language teaching**. New York: OUPress,1986. In: FREITAS, Lúcia Gonçalves de. **Metodologias de Ensino de Língua Estrangeira**. Disponível na Internet. <http://www.serradigital.com.br/lucia/metodos.htm>. 20 de abril. 2005.
8. MATTAR, Fauze N. **Pesquisa de marketing: edição compacta**. São Paulo: Atlas, 2001.

9. NEVES, M. S. **Os mitos de abordagens tradicionais e estruturais ainda interferem na prática em sala de aula.** 1996. In: PAIVA, V. L. M. O. **Ensino de língua inglesa**, Reflexões e experiências. Belo Horizonte: Pontes/UFMG, 1996. P. 69-80.
10. **PASSWORD:** English Dictionary for speakers of Portuguese. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
11. PRETTI, Oreste. **A aventura de ser estudante:** um guia metodológico. 3. Ed. Cuiabá: EdUFMT, 2001.
12. RICHARDS, Jack & RODGERS, Theodore S. **Approaches and methods in Language Teaching.** 2. ed. Cambridge University Press, 2001.
13. SANTANA, P.O. **Learning a language:** an analysis of the methods, approaches and techniques of the second Language Learning. Nova Venécia: 2003, 75 p. Monografia (Língua Inglesa) – Faculdade da Região dos Lagos, 2003.

## **UM OLHAR PEDAGÓGICO NA CONCEPÇÃO ROUSSENIANA: uma interseção aos saberes históricos advinda do Iluminismo**

**Marília Alves Chaves<sup>9</sup>**

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo expor dentro de uma sustentação histórica a ruptura dos anseios educacionais medievais e a ascensão iluminista ao despertar do processo educacional desenvolvido por Rousseau, além de firmar um paralelo com as práticas pedagógicas pós-modernas. Tal perspectiva contribui para a percepção da pedagogia contemporânea como resultado de anseios educacionais advindos do fim do período medieval. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste está respaldada em um amplo embasamento teórico e sob reflexões na prática pedagógica pós-moderna. Portanto percebe-se que teorias utilizadas hoje no processo educacional emergiram do mundo das ideias, do naturalismo e da cientificidade leiga advindas do Iluminismo.

**Palavras-chave: Educação, Iluminismo, Prática Pedagógica.**

### **ABSTRACT**

This article aims to explain within a historical support the disruption of medieval educational aspirations and Illuminism growing to the awakening of the educational process developed by Rousseau, and also try to establish a parallel with the postmodern pedagogical practices. This perspective contributes to the perception of contemporary pedagogy as a result of educational aspirations arising from the late medieval period. The methodology used for the development of this work is based on a broad theoretical and practical reflections about postmodern teaching. So we realize that theories used today in the educational process emerged from the world of ideas, Naturalism and the resulting scientism from the Illuminism.

**Keywords:** Education, Illuminism, pedagogical practice.

## **1 INTRODUÇÃO**

Romper com os preceitos da educação medieval era o desafio dos Iluministas. É num cenário de ascensão de uma nova classe dominante, à luz das revoluções burguesas e a seguinte queda do Antigo Regime, que o Iluminismo sustentado no poder da Razão Humana e o Ideal Liberal de Educação se constroem.

---

<sup>9</sup> Licenciatura Plena em História, Pós-graduada em História Social da Educação no Brasil. Professora da Faculdade Norte Capixaba de São Mateus.

A dialética presente no discurso educacional se identifica no Deísmo, ou seja, a luta pelo fim do fanatismo e a não aceitação a Deus como único supremo. Na França verbetes de Voltare, D' Alembert, Diderot, Helvetius, Rousseau e Montesquieu, na Inglaterra, Newton e Reid, herdeiros de Locke e Hume e na Alemanha, Wolf, Lessing, Baumgarten e Kant, fazem difundir no cenário intelectual e a maneira natural de liberdade da inteligência humana. A estes cabem o discurso de que a escola deve ser leiga e não religiosa.

O processo educacional em foco de Rousseau despertou críticas no campo acadêmico, dando margem e sustentação à pedagogia contemporânea firmando o discurso e a prática descrita em sua obra Emílio o que permite a indagação: “Como seria possível a educação natural de Emílio em uma sociedade corrompida”...

Assim é neste contexto histórico e educacional que as inquietações para a concretização do pensamento do homem e pelo ideal liberal de educação se desenvolvem e perduram até os dias atuais.

## **2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO XVIII E A ASCENSÃO ILUMINISTA NA EDUCAÇÃO**

O século XVIII ou Século das Luzes é marcado pela ascensão iluminista em alguns centros da Europa, entendido como um movimento intelectual que correspondia aos interesses daqueles que almejavam mais liberdade política e econômica.

O termo Iluminismo refere-se à razão (luz), a capacidade humana de conhecer compreender e julgar, de modo geral os pensadores defendiam a liberdade de expressão e a educação para o povo, além de inspirar o confronto entre o Antigo Regime e a burguesia que juntamente com o Movimento de Independência das colônias buscavam os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, aspirados no mundo pela Revolução Francesa.

Este pensamento de Kant e Fichte se prolongará no século XIX como uma “razão prática”, a práxis, a intervenção racional do mundo. Assim o homem pode construir-se e encontrar-se em sua inteligência e coração por sua própria intervenção crítica do mundo social.

No Brasil, o movimento Iluminista foi vivenciado pelas Conjurações Mineira e Baiana. Sustentando o poder da razão humana e conseqüentemente o Deísmo, teoria que sustenta que não há mais lugar para os dogmas nem para o fanatismo religioso.

Apesar de o Marquês de Condorcet, deputado da assembleia legislativa francesa defender a pedido de Robespierre um Plano Nacional de Educação e a Instrução Pública adjunta de um saber necessário à educação que ganhará força apenas no século XIX, algumas ideias educacionais para uma educação de responsabilidade do Estado não foram postas em prática.

O pensamento pedagógico liberal enfrentou inúmeras dificuldades para romper com o pensamento do “século das trevas” (período medieval), dentre elas a ausência da qualificação profissional dos mestres e a excessiva teoria literária dos conteúdos ainda pouco científicos. Os mestres mal pagos e muito insatisfeitos pelo fato de não conseguirem disciplinar as turmas, que se viam ociosas em meio a percepção da falta de cientificidade dos conteúdos, passaram a utilizar castigos corporais como refúgio para obtenção da disciplina.

Quanto ao ensino superior, ainda era escolástico, apoiando a fé na razão e na cristianização da Filosofia e na lógica aristotélica para a educação onde tudo se deduz na vontade de Deus.

No início do século XIX, período Napoleônico as tendências liberais são abandonadas e o Estado por plenos anseios políticos volta-se para o Ensino Médio, objetivando um ensino particular que propagasse o ideal liberal de educação e abandona o ensino primário que retorna às mãos do clero.

A Pedagogia ainda vislumbra o sonho de dar a um Estado submisso ao povo, o papel da educação leiga, ou seja, sem os ideários religiosos de manipulação partidária. Este sonho ecoou ao século XIX no naturalismo de Rousseau, na Pedagogia Idealista de Kant e em Pestalozzi que pertenceu ao século XVIII mas, prevaleceu no século XIX, Diderot, D’ Alembert, Voltaire, Rousseau e Helvetius que não eram educadores, mas, continuaram ao longo da História desmistificar as superstições e a obscuridade teórico-religiosa.

### **3 A PEDAGOGIA NATURALISTA DE ROUSSEAU E AS HERANÇAS PEDAGÓGICAS DA PÓS-MODERNIDADE**

É de responsabilidade iluminista as reflexões de uma política educacional centrada no esforço de buscar uma escola leiga, ou seja separada dos ideais religiosos e de responsabilidade do Estado.

Jean Jacques Rousseau, natural de Genebra, na Suíça, tal como Locke criticou o absolutismo e estendeu a educação à doutrina liberal. Para Rousseau o indivíduo em estado de natureza é bom, mas se corrompe na sociedade e destrói sua liberdade.

É de práxi dizer que ele provocou uma revolução copernicana, ou seja, assim como Copérnico tirou a Terra do centro do Universo, Rousseau tirou o professor do centro dos interesses pedagógicos e em seu lugar colocou o aluno, que afirma “Viver é o que eu desejo ensinar-lhe. Quando, ele sair das minhas mãos, ele não será um magistrado, soldado ou sacerdote, ele será, antes de tudo um homem”.

Como admirador da natureza, Rousseau quer retomar o contato com as plantas, os animais e fenômenos físicos, além de valorizar a experiência, a educação ativa voltada para a vida, para a ação motora que é a curiosidade.



É Rousseau um dos destaques do desenvolvimento iluminista no contexto educacional, movimento que vai contestar não somente a estrutura política, religiosa e pedagógica por meio de um novo olhar sobre o ser humano, mas propor uma nova maneira de educar o indivíduo.

No contexto educacional do Iluminismo e de Rousseau, a criança deveria ser educada de maneira natural, com a finalidade de que fosse despertada a bondade e as qualidades naturais do ser humano. A escola, segundo Rousseau, cabia o papel do Estado e a mesma não deveria ser religiosa, mas, leiga estando livre para os sentidos e para a razão de uma educação popular.

O processo pedagógico que Rousseau desenvolve, está totalmente relacionado ao conceito de liberdade, assim Rousseau expõe um modelo de educação para crianças com métodos bem diferentes daqueles tradicionais existentes em sua época.

O desenvolvimento afetivo dos adultos para com as crianças, na França do século XVIII, era algo que necessitava de intervenção. Mesmo existindo o amor pelos filhos, dificilmente admitiam amar as crianças pelo que elas eram, mas sim, por aquilo que deveria ser traçado enquanto um ideal do adulto. Até a mortalidade infantil não significava uma perda para a sociedade, pois era considerada algo natural para o indivíduo.

A visão social da época tinha a criança como um “adulto em miniatura” e as mesmas tinham que começar a trabalhar muito precocemente, e até mesmo vestirem-se como adultos consequentemente, participando inclusive das festas que somente adultos participariam.

Nos meandros políticos que Rousseau expõe no contrato social se constitui a primeira essência de uma nova democracia, mas sem dúvida o direcionamento que o mesmo apresenta são os princípios da vontade coletiva para o social que almeja também para o processo educacional

A educação natural se presume na recusa ao intelectualismo, ou seja, a pessoa não se reduz ao intelecto – razão, mas também na razão sensitiva como delimitou Platão em sua teoria do Mundo dos Sentidos.

Dentre as críticas atribuídas a Rousseau está a de propor uma educação negativa, por não estimular o contato entre os homens, mesmo assim percebe-se que é perpetua a indignação de como seria Emílio em uma sociedade corrompida pelo próprio homem em outros autores que expressam suas preocupações quanto ao processo educacional, como Emília Ferreiro,

Respaldo nos anseios educacionais de Rousseau, baseado em Emílio e na existência do ser, que os preceitos educacionais iluministas também atingem Portugal servindo de base para importantes reformas no ensino.

Estes, assim como Rousseau permeiam a educação não como uma simples transmissão da herança dos antepassados e sim como define Libâneo, “educar é conduzir de um

estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação. O ato pedagógico pode, então ser definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais, tanto no nível intrapessoal como no nível da influência do meio”, sobretudo este com a participação ativa do educando.

Conclui-se que a educação como parte integrante do processo histórico é ponto de partida e de chegada no processo educacional, evidenciada de fato na ascensão iluminista e no ideal liberal de educação de Rousseau que constitui um marco para a pedagogia contemporânea.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo histórico trouxe a percepção de que as mudanças nas relações sociais, políticas e econômicas entre os homens transpõem mudanças no contexto educacional.

Desde a decadência medieval as teorias educacionais em foco a de Rousseau, numa perspectiva liberal ansiavam pela ruptura dominante da obscuridade do medievo. O século das Luzes trouxe em meio a críticas advindas de seu próprio cenário a possível concretização deste sonho.

Portanto, percebe-se que o histórico pedagógico desenvolvido por Rousseau, onde o discente não deveria ser reduzido à dimensão apenas intelectual, como se a natureza pudesse ser apenas razão e reflexão, mas, sim estas deveriam estar vislumbradas dos sentidos, das emoções e das virtudes ganharam espaço nos saberes pedagógicos modernos e estimularam o desenvolvimento da Escola Nova. Assim, apesar das críticas devido à educação de Emílio, os anseios pedagógicos de Rousseau de fato contribuíram para a construção de um saber pedagógico coletivo e qualitativo, para o pleno desenvolvimento de um processo ensino aprendizagem com saberes não apenas teórico-racionais, mas de fato, um saber humanístico e de “Mundo”.

#### REFERÊNCIAS

1. REIS, José Carlos. **A história entre a Filosofia e a Ciência**/José Carlos Reis.- 3.ed.,1 reimp.- Belo Horizonte: Autentica, 2006.
2. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**/Maria Lúcia de Arruda Aranha.- 3 ed. Ver. e ampl. – São Paulo: Moderna 2006.
3. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**/ Maria Lúcia de Arruda Aranha.-São Paulo: Moderna 1992.
4. HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**/Regina Célia Cazaux Haydt,- São Paulo: Ática 1999.

# A TECNOLOGIA É ALIADA OU VILÃ DA EDUCAÇÃO? REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO E OS DESAFIOS DA MODERNIDADE

Gilmara Gomes da Silva Sarmento<sup>10</sup>

## RESUMO

Este artigo pretende abordar alguns aspectos vistos como desafios enfrentados pela educação em face do capitalismo e do desenvolvimento tecnológico e científico subsequente. Pretende refletir sobre a influência da tecnologia na construção do conhecimento interrogando: seriam tais tecnologias colaboradoras na busca do conhecimento ou apenas um mecanismo de reafirmação da ética da vantagem? Até que ponto as ferramentas tecnológicas ajudam na aprendizagem ou aliena o indivíduo do saber? Para as análises aqui realizadas contou-se com a experiência dos autores como educadores e de outros professores que atuam no ensino fundamental, médio e superior.

**Palavras-Chave:** capitalismo; conhecimento; aprendizagem

## ABSTRACT

This article intends to approach some aspects seen as challenges faced by the education due the capitalism and its subsequent technological and scientific development. Its intention is to reflect about the influence of technology in the construction of knowledge by asking: Would such technologies be co-operative in the search of knowledge or would they only be a mechanism to reaffirm the advantage of the ethics? To what extent can the technological tools help in the learning process or alienate the individual away from it? The analysis presented here counted on the authors experiences as well as educators and other teachers that work in elementary, high school and academic levels.

**Key-words:** capitalism; knowledge; learning

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho procurar analisar alguns efeitos do progresso tecnológico sobre a Educação na sociedade contemporânea. Visto que desde a Revolução Industrial, a tecnologia tem tomado parte das atividades humanas cotidianas, desde as mais elementares às mais complexas. Ela se manifesta no âmbito doméstico, no campo do trabalho, nos momentos de lazer, de estudo, etc. Com maior ou menor grau de acesso, todos os membros da sociedade atual se relacionam de um modo ou de outro com os

---

<sup>10</sup> Graduada em Economia Doméstica na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Mestre em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

dispositivos tecnológicos disponíveis. O consumo crescente de aparelhos eletroeletrônicos, por exemplo, evidencia isso e torna o homem incapaz de pensar o mundo sem a ajuda desses equipamentos, ferramentas e recursos tecnológicos modernos.

Sem dúvida, o progresso técnico-científico melhorou em muitos aspectos a vida do homem atual, contudo, também evidencia efeitos nocivos à própria existência da espécie humana. Basta lembrar que as descobertas químicas e biológicas possibilitaram produzir tratamentos, medicamentos e vacinas contra doenças e enfermidades que acometiam a humanidade, mas também que certos avanços ameaçam a existência futura, uma vez que podem ser utilizados pelo próprio homem contra si e contra o planeta (natureza). Seja sob a forma de armas químicas (como aconteceu na Segunda Guerra), seja forma biológica (vírus, bactérias e fungos letais cultivados em laboratório) que possuem ambos altíssimos graus de destruição.

Essa ameaça tende a aumentar uma vez que a hegemonia e o poder estão cada vez mais associados à capacidade de descobrir, produzir e monopolizar alta tecnologia. Assim, nota-se que o discurso de ordem entre países e empresas (indústrias) é o do desenvolvimento tecnológico, que envolve a corrida e a concorrência na busca por descobertas e conhecimentos que os coloquem em tal patamar (hegemônico). Nesse contexto, parece que a produção de conhecimento técnico-científico e, conseqüentemente de mercadorias, não necessariamente se objetiva a satisfação das necessidades humanas reais, mas sim de se produzir riqueza e poder, pois de que outra forma se explicaria a existência de pobreza e de miséria diante de tamanho progresso alcançado pela humanidade?

Nesse caso cabe refletir: se quem produz o conhecimento e a tecnologia é o próprio homem, e este é fruto de determinada educação familiar, escolar, acadêmica, etc. Qual tem sido o papel da educação na formação deste homem?

## **2 CIÊNCIA E SOCIEDADE: BREVE PROCESSO HISTÓRICO**

Não poderíamos abordar o estado atual da nossa sociedade sem antes tecer breves comentários a respeito do processo histórico que a constituiu. Sabe-se que a Revolução Industrial iniciada em meados do século XVIII na Inglaterra é um marco importante que determina a consolidação do sistema capitalista. No entanto, para que esse sistema vigorasse, a sociedade ocidental passou por um longo processo histórico antecedente, iniciado com as Grandes Navegações, passando por movimentos como o Renascimento, a Reforma e o Iluminismo, que lhe preparou o terreno. Estes acontecimentos históricos em seu conjunto são responsáveis por uma série de transformações econômicas, sociais, políticas e morais que propiciaram a transição para o capitalismo. No nível do pensamento, a transformação mais importante foi o estabelecimento da ciência e do homem no centro da sociedade.

Assim, a valorização dos interesses individuais e da ciência como produtora de saber (conhecimento) foi determinante para o desenvolvimento de inventos e do comércio, o surgimento das fábricas e indústrias que mudaram radicalmente a divisão do trabalho e

as formas de conceber o mundo. O trabalho humano artesanal transformou-se em assalariado com auxílio de máquinas e com o intuito de produzir elevados volumes de mercadorias. Essas mudanças, apoiadas por teorias principalmente econômicas, difundiam uma nova ordem moral para essa nova sociedade: o livre comércio, o individualismo e o consumo de mercadorias. Desse modo, se afirma a sociedade da solidariedade orgânica (DURKHEIM, 2000), dos interesses individuais e de relações que se baseiam na produção, comercialização e consumo de bens (mercadorias), ou seja, a sociedade Capitalista.

Desde a sua consolidação, o capitalismo se sustenta do consumo e da criação incessante de novas necessidades, pois estas permitem a continuidade da produção de mercadorias, do comércio das mesmas e do lucro. Deste modo, é fácil constatar que o conhecimento técnico interessa ao capitalismo, pois este permite a renovação dos produtos, dos inventos e das mercadorias. E o conhecimento intelectual? Este que supostamente prepara o indivíduo para pensar o mundo. Karl Marx desde o século XIX havia percebido uma notável separação entre o trabalho manual e o intelectual, sendo este último monopolizado pela elite que se preparava para assumir os postos de poder e reproduzir sua condição de classe, através do que ele denominou de ideologia burguesa.

Isso nada mais era do que desenvolver um discurso favorável a manutenção das condições de expansão capitalista, conduzido a massa a oferecer sua mão-de-obra em prol “do progresso”, podendo assim consumir e/ou quem sabe acumular, já que em tese, esta nova sociedade permite a mobilidade social. No entanto, esta mobilidade como verificou Marx, era muito difícil, visto que a classe pobre estava “predestinada” ao trabalho manual e a especialização voltada para esta atividade, assim dificilmente teria acesso as condições materiais e educacionais favoráveis para pensar sua condição de classe explorada e mudá-la.

Essa “denúncia” contida nas obras de Marx serviu para embasar lutas das massas contra os efeitos nefastos do capital em muitas partes do mundo, mas não foi suficiente para que se ampliasse o acesso ao ensino intelectual às massas, pois estas, bem preparadas se tornariam uma ameaça ao capital. Nesse sentido, o acesso à educação era restrito à elite, e ao pobre cabia apenas o conhecimento técnico a ser empregado através da sua força de trabalho, a baixo custo, em uma das etapas de produção numa fábrica ou indústria, e ao final, tornar-se consumidor, com o pequeno salário recebido pelos produtos que ele mesmo ajudou produzir.

Desse modo, percebe-se que ao sistema capitalista não interessa formar propriamente cidadãos, mas mão-de-obra (barata) e consumidores. A massa popular lhe serve oferecendo mão-de-obra e absorvendo junto com as elites, as novas tecnologias. Assim, quanto mais apartado do conhecimento, para que não pensasse sua condição de classe, melhor serviria aos interesses da elite. Aquela que para Karl Marx acumula o capital, monopoliza o conhecimento e, por conseguinte, os postos de poder reproduzindo os seus próprios interesses.

Será esse o papel da educação na atualidade? Reproduzir os interesses da classe dominante? Ou tem contribuído para ampliar o conhecimento de todos indistintamente? Existe separação entre educação do rico (para o trabalho intelectual) e a educação do

pobre (para o trabalho manual)? A que se pensar que desde os primórdios, a educação tem exercido um duplo papel frente ao capitalismo: ora reforça os mecanismos de reprodução desse sistema, ora questiona suas consequências sobre a vida do homem e sobre a sociedade. Assim, em determinados momentos, porta-se como porta-voz das elites e como instrumento de poder destas; em outros, possibilita que as classes menos favorecidas transcendam a condição de dominação a que estão submetidos (BOURDIEU, 1982).

### **3 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA NO BRASIL**

Pode-se dizer que a educação e o desenvolvimento tecnológico não acompanharam de forma sistemática os primeiros séculos de nossa história, pois o interesse português na exploração das riquezas impediu que o mesmo se interessasse em educar os que aqui se estabeleciam. Estavam aqui apenas para explorar a terra, não para desenvolvê-la. Do mesmo modo, a educação, o desenvolvimento industrial-manufatureiro e o comércio não eram incentivados, e em muitos momentos até proibidos (PRADO JR., 1977).

Assim, apenas nos século XIX, após o estabelecimento da corte no Brasil, houve algumas mudanças significativas no âmbito da educação, como a que ocorreu com a criação de alguns cursos superiores, por exemplo. No entanto, essas mudanças não alcançaram as classes pobres da colônia, que continuaram sem ter acesso à educação. Pode-se dizer que isso só correu algumas décadas após a Proclamação da República, no Estado Novo, quando a educação começou a ser sistematizada. Contudo, o acesso à educação não ocorreu de forma igualitária, pois nesse novo contexto a elaboração do ensino profissionalizante teve como principal objetivo preparar os filhos da massa para atuar como mão-de-obra qualificada na indústria nascente.

Desse modo, durante algum tempo, a educação no Brasil contribuiu para reproduzir a antiga lógica colonialista. A lógica da submissão e da exclusão do pobre assentada num sistema educacional autoritário, que reservava à elite as condições favoráveis para cursar o ensino acadêmico e desenvolver a reflexão intelectual, o que lhes preparava para ocuparem os mais altos cargos na administração pública, nas profissões liberais e na política, atuando a favor de seus interesses.

Como bem analisou Freire (2003), pode-se ver que a nossa constituição história “não nos deixou marcas como sujeitos, mas como objetos”, pois vindos de uma estrutura econômica cíclica e autoritária, nossa organização social foi o reflexo dessa estrutura econômica. Sempre estivera voltada para o mercado externo, e nos detemos a produzir para ele, e dele receber toda a sorte de influência. Isso também no aspecto educacional. (p.18)

A nossa industrialização tardia e o ingresso no capitalismo de fato com a abolição da escravidão e posterior investimento na indústria, não significou necessariamente a produção de modelos novos de desenvolvimento, que considerasse nossas idiossincrasias, mas ao contrário, significou o estabelecimento de interesses da elite política aliada com o capital internacional. Assim, entre nós, o emprego de tecnologia em maior escala que remonta mais especificamente a década 1950, inicia um processo

de favorecimento à entrada massiva de multinacionais no país e a consequente saída de capitais para seus países de origem. Como desenvolver a educação nacional em tal contexto? Que peso a formação integral, técnica e reflexiva, para todos, teria sobre tais interesses?

Sem pretensões de nos aprofundarmos na economia brasileira, gostaríamos apenas de recordar a partir de fatos históricos que entre nós a livre escolha, a máxima capitalista, disfarçada na ditadura da propaganda tem surtido grande efeito. Ainda hoje parece que não nos libertamos plenamente das amarras do peso colonialista, e isso parece que até se agrava quanto mais “globalizado” nós nos tornamos, pois muitas vezes valoriza-se o que vem de fora, importa-se modelos de desenvolvimento, de tecnologias, de técnicas educacionais pedagógicas, que não condizem com a nossa realidade.

Assim, a diversidade brasileira, uma das nossas maiores riquezas como observou Viotti (2001), acaba sendo rejeitada em nome da modernidade. Diferentes manifestações regionais tendem a se homogeneizar aos grandes centros de referência (as capitais), que por sua vez reproduzem modos de ser (consumir) de centros externos (capitais de países ditos desenvolvidos). Ou seja, as pessoas “são atraídas e influenciadas pela visão do mundo e pela maneira de viver desses centros” e acabam valorizando-os e homenageando-os em detrimento da sua própria cultura, costume e/ou necessidade (Shils, 1992).<sup>11</sup>

Nesse sentido, não é difícil observar que o acesso aos direitos na nossa sociedade está longe de ser igual como se prega, no entanto a mídia se encarrega de nos fazer crer que nos tornamos iguais pelo consumo, quando esta atribui determinado valor ou status a pessoas de diferentes regiões, classes e posições a partir de determinados produtos ou mercadorias que consomem como frequentemente aparecem nas propagandas comerciais.

Essa imagem de igualdade via consumo, produz a ilusão de que pessoas de diferentes realidades socioeconômicas e culturais possuem necessidades também iguais estimulando o consumo de mercadorias. Muitas vezes esse consumo se multiplica, sem que se perceba que as decisões e escolhas aparentemente pessoais que se realiza em sociedade estão ou podem estar de certa forma condicionada a tais propagandas. Assim, muitas vezes passamos de cidadãos a nos transformarmos em simples “guardiões de mercadorias” (LESSA, 2006).

Qual deve ser o papel da educação frente à tentativa globalizante de homogeneizar as diversidades e culturas? Formar cidadãos conscientes de suas potencialidades, limitações e necessidades ou apenas formar produtores, reprodutores e consumidores de mercadorias?

---

<sup>11</sup> Sobre a noção de “sistema central de valores” e a relação entre o centro e a periferia, ver Shils (1992).

#### 4 EDUCAÇÃO É MUDANÇA?

Educação é mudança, esse belíssimo título afirmativo de uma das obras de nosso maior educador, Paulo Freire, aqui transformado em interrogação tem como objetivo refletir se a educação realmente tem sido mecanismo de mudança e transformação social, diante dos desafios da modernidade. Pretendemos questionar se a ação educacional (formal e informal) tem sido suficientemente reflexiva, capaz de levar o homem a transcender a condição de simples assimilador de informações, tornando-o de fato LIVRE. Ou apenas se atem em reproduzir regras e normas para que este possa adequar-se aos valores “modernos” estabelecidos, transformando-se em simples “guardiões de mercadoria”?

Para Lessa (2006), somos herdeiros de uma tradição que começou com a Revolução Industrial, momento a partir do qual a sociedade priorizou a produção de mercadorias, daí em diante as classes dominantes passaram a ser "guardiãs do capital", e os assalariados "guardiões" da sua força de trabalho (p.235). Nessa nova sociedade tudo vira mercadoria, e cada um com os mecanismos que possui se esforça o quanto pode para “guardar” um número cada vez maior de mercadoria.

Lessa utiliza essa metáfora para criticar a sociedade de consumo. Quer dizer que o homem moderno passa grande parte de sua vida, senão toda ela, trabalhando para consumir. Tempo é uma coisa que já não mais existe nesta sociedade, pois como a produção de mercadoria é renovada cotidianamente, assim também se renova o desejo de possuí-las ou “guardá-las”. Com isso o homem se torna escravo da ideia de lucro e ocupa todo o tempo tentando obtê-lo, e assim garantir um lugar nessa sociedade.

Afinal de contas, o consumo é um importante mecanismo de distinção, pois a sociedade capitalista aboliu a nobreza de sangue, focalizando a capacidade individual (“méritos”) de acumular riqueza como principal mecanismo para a ascensão social. Logo, quem se capitaliza tem melhores condições para ampliar seu consumo, com inclusão de determinadas mercadorias que nem todos teriam condições de possuir. Assim, POSSUIR e CONSUMIR distingue pessoas e classes. Destarte é comum as pessoas buscarem se destacar das demais serem “notadas”, “amadas” e “invejadas”, não pelo que são, mas pelo o que podem consumir ou pelo que consomem como observou Calligaris (1999).

Se considerarmos o ato de consumir como uma ação social nos termos de Max Weber, veremos que a escolha sobre o que consumir é em grande medida motivada por ações anteriores ao ato do consumo (TOMAZI, 2000). Como por exemplo, o apego a certos valores atribuídos a essa ação e transmitidos pela sociedade ou por certos grupos sociais. Isso significa que as necessidades de consumo não necessariamente correspondem às necessidades reais ou de fato, mas podem se configurar em desejos criados pela sociedade de consumo e propagandeados como necessidades “reais” e/ou valores com grande efeito sobre a vida das pessoas<sup>12</sup>.

Diante disso, há que se pensar sobre o que consumimos e por que consumimos. Se o ato do consumo tem por finalidade a satisfação de uma necessidade real ou fomos

---

<sup>12</sup> Quando uma propaganda atribui determinado valor ou característica pessoal (virilidade, sagacidade, versatilidade, etc.) àqueles que consomem determinadas marca ou produto, por exemplo.



transformamos em “guardiões de mercadoria” pela propaganda de massa. Se as necessidades não são reais, dificilmente as pessoas se consideram satisfeitas nessa sociedade, pois os desejos são constantemente recriados pelo mercado tecnológico que disponibiliza ininterruptamente novos produtos.

Assim, a busca pelo TER passa a ser uma luta incessante travada pelo homem moderno, luta contra ele próprio e contra os demais, pois “precisa” supera seus limites para se igualar aos potencialmente “diferentes” ou para se distinguir dos demais e ocupar uma posição reconhecida nessa sociedade.

Com esse intuito, a pressa e a “falta de tempo” passam a ser a palavra de ordem nos discursos cotidianos. Falta-nos tempo para uma boa e longa conversa, para os momentos de troca de experiências e vivências entre amigos e familiares, falta-nos tempo para refletir, seja sobre questões profundas e complexas, seja sobre amenidades, falta-nos tempo para a refeição familiar que pode se configurar em espaço de diálogo e aprendizado, etc. Geralmente nos falta tempo, porque estamos ocupados demais trabalhando horas a fio ou a mais para atender as “exigências” da modernidade.

As gerações pós-Revolução Industrial convivem com isso, antes mesmo de aprenderem a língua mãe, aprendem a ser guardiãs de mercadoria. Por vezes aprendem coisas ou obtêm informações muito mais através da TV ou da Internet do que com os próprios pais, que em grande parte do tempo se empenham para obter cada dia mais “mercadoria”.

No entanto, o esforço que os pais empreendem para acumular ou “obter mercadorias”, em grande medida tem como pano de fundo o desejo de oferecer “o melhor” para os filhos. Porém, o que significa “o melhor” na sociedade contemporânea? A posse de um capital adequado para pagar o melhor colégio da cidade? Fazer com que estes realizem uma diversidade de cursos (inglês, francês, espanhol, informática, etc.)? E que concomitantemente frequentem aulas de caratê, judô, balé, natação ou a escolhinha de futebol? Poder lhes presentear com as melhores marcas no que se refere ao vestuário? Proporcionar-lhes todo o conforto possível, poder dar-lhes o computador e o celular de última geração? Os MP3, MP4, Playstation, etc. e ainda pagar-lhe uma viagem a Disney? O que significa “o melhor”?

Muitos pais se esforçam para dar aos filhos o que não tiveram (em termos materiais) na infância, pois assim acreditam que estarão preparando-os para o futuro. No entanto, na medida em que os cercam de atividades e lhes transmitem infra-estrutura material, encurta-se o tempo dedicado à transmissão de infraestrutura imaterial (atenção, carinho, limites, valores, etc.), que é de fundamental importância para prepará-los para a vida. Afinal de contas, somos seres humanos ou mercadorias?

Lessa (2006: 234) alerta que até mesmo “a informação pode sim ser uma mercadoria. Uma aula ou um serviço que não são matéria natural transformada pela mão humana podem ser vendidas e compradas do mesmo modo como um martelo”. Deste modo, como a sociedade contemporânea (mercado) exige profissionais competitivos, criativos e bem preparados, e ao mesmo tempo disponibiliza (vende) uma infinidade de cursos com essa finalidade, os pais mais “antenados” tentam o quanto podem “preparar” os

seus rebentos desde cedo, para o futuro e para o mercado. Adquirindo, no sentido de Lessa, ou investindo nos filhos como “guardiões de mercadorias”.

Como educadores, contraditoriamente ouvimos pais queixarem-se da dificuldade de educar os filhos, fazê-los se interessar pelos estudos, etc. Muitas vezes estas queixas são relacionadas por eles com o apego ou uso exagerado das tecnologias acessadas cotidianamente por seus filhos. Porém, cabe ressaltar que em grande medida essas tecnologias foram proporcionadas ou disponibilizadas aos filhos por eles próprios, por várias razões, das quais destacaremos duas delas: a crença de que o acesso à tecnologia contribui positivamente no processo de educação para o futuro; a crença de que as tecnologias ou regalos tecnológicos poderão entretê-los (os filhos), substituindo-os (os pais) enquanto estão fora do ambiente doméstico trabalhando para obter “novas mercadorias”.

Assim, quando a aquisição e o acesso ilimitado dos filhos a bens tecnológicos não refletem positivamente na interação deles com o mundo externo (às vezes com os próprios pais) e nos rendimentos escolares, não é raro, seus progenitores recorrerem à escola e aos professores por dificuldades de lidar com a situação. Isto parece [d]-enunciar certa fragilidade ou crise da família como instituição primeira socializadora do indivíduo. Pois quando as famílias recorrem à escola, e muitas vezes argumentam que já não sabe o que fazer ou já tentaram de tudo, geralmente esperam que a escola e os educadores tenham a solução para o que consideram um problema, transferindo para esta instituição tal responsabilidade, por vezes desconsiderando o “problema” como um desafio moderno que demanda um esforço coletivo numa mesma direção.

O desafio moderno de transformar as tecnologias em recursos positivos utilizados na educação formal e informal exige dois movimentos. Um que se configura na incorporação pelo ambiente escolar das novas linguagens, inclusive, tecnológicas, para atrair os educandos, e outro que deve partir da família com a valorização das relações face-a-face, do diálogo, dos limites e de um estilo de vida em que a tecnologia seja ferramenta para facilitar a vida e não peça central da vida das pessoas que com ela convive.

Todavia, esse desafio não é nada fácil, pois implica romper paradigmas tanto por parte da escola e dos educadores, quanto por parte dos pais. A escola, enquanto espaço de educação formal, precisa aprender a acompanhar as mudanças aceleradas do mundo moderno, questionando-as e ao mesmo tempo adaptando-as quando possível, para atrair crianças, adolescentes e jovens cada vez mais atraídos pelas ferramentas tecnológicas. Para os pais (família), implica racionalizar o tempo para dedicar um esforço a mais em atenção à educação dos filhos, em relação as suas atividades e interesses, suas potencialidades, suas limitações e fragilidades, para que possam em cooperação desenvolver valores humanos (tão caros ao mundo moderno) e maturidade emocional para enfrentar o mundo externo, inclusive, o mundo da escola. Para tanto, é necessário fazer concessões, transformar a visão de mundo e até mesmo mudar o estilo de vida, fato que nem todos os pais da modernidade estão dispostos a realizar.

Quem de nós está disposto a abrir mão de nossa carreira, ou de ganhar mais, por exemplo, para acompanhar de perto o crescimento e a educação dos filhos? Afinal,

vivemos o tempo das individualidades. Assim, parece-nos mais fácil justificar a continuidade de nossos projetos particulares, muitas vezes relacionando o trabalho, a ausência física e emocional e a “falta de tempo” à necessidade de conseguir os meios (lucro pelo trabalho e/ou acumulação capitalista) para “prepará-los para o futuro” ou educá-los. Isso geralmente “justifica” o pouco ou nada de nosso tempo dedicado a eles, e o fato de preenchermos o tempo deles com as inúmeras atividades já citadas, contudo, o excesso de atividades e responsabilidade que tende a subtrair das crianças a sua infância é totalmente prejudicial como já detectaram especialistas da área. Isso pode refletir negativamente sobre o tipo de adulto que esta será no futuro. Acerca disso comentou o psiquiatra e psicoterapeuta Roberto Shinyashiki numa entrevista concedida a revista Isto é online em outubro de 2005: “com a desculpa de prepará-los para o futuro, os malucos dos pais estão roubando a infância dos filhos. Essas crianças serão adultos inseguros e terão discursos hipócritas”.

Nessa mesma entrevista, o psiquiatra chama atenção para o excesso de autoestima cultivado às vezes desde a infância, quando as crianças ganham dos pais toda a infraestrutura material que desejam, mas lhes falta o desenvolvimento de certos valores. Este fato geralmente na vida adulta se apresenta em desequilíbrio emocional para tomar decisões, e para aceitar suas limitações e erros e buscar melhorar. Formando indivíduos hipócritas que se utilizam de marketing’s pessoais para conseguir o que desejam ou para muitas vezes encobrir suas incompetências.

Desse modo, é fácil concluir que criança e adolescente que desde a infância foram “educadas” para serem guardiões de mercadoria, muito provavelmente estarão nesta fase da vida cultivando mais do que nunca os valores dessa atividade. Assim, tudo não passará de mercadoria que poderão substituir à medida que não lhes proporcionar a satisfação imediata: prazer e/ou status, por exemplo. Isso se traduz no mundo das relações interpessoais, seja na escola, na vida em família, com os amigos, etc.

Quando equacionamos esse tipo de “educação” às exigências cada vez mais opressivas do mercado de trabalho que “independentemente” da vontade dos indivíduos, os forçam a se adequarem as suas demandas, percebemos que cada vez mais os jovens se submetem a realizar escolhas e tarefas sem necessariamente valorizar o processo pelos quais essas devem ser desenvolvidas. A escolha da profissão, por exemplo, nem sempre está associada à aptidão ou identificação pessoal com a carreira, mas com características como: quanto de capital ou de status tal ou qual carreira poderá me proporcionar. Desse modo, o interesse pela construção do conhecimento durante o processo de formação pode não ser considerado um fim em si mesmo (ou como uma atividade importante), pois o objetivo maior pode ser a aquisição do diploma.

Esse indivíduo pode não se preparar adequadamente, inclusive utilizar meios ilícitos para conseguir o diploma, e ainda assim conseguir um posto de trabalho reconhecido, seja através de uma relação pessoal, ou do famoso marketing comentado por Shinyashiki. O resultado disso geralmente pode ser como mencionou o citado psiquiatra, incompetência e arrogância. Ou seja, indivíduos despreparados para oferecer determinados serviços e que se valem de determinada posição econômica ou social para permanecer nos postos de trabalho sem mudar necessariamente a sua qualidade profissional.

Esse tipo de situação pode ser facilmente visualizado na nossa sociedade, inclusive nas esferas públicas. Quando isso acontece, muitas vezes a responsabilidade pela postura de tais profissionais recai sobre a educação que tiveram, ou seja, sobre a escola, a academia e às vezes sobre a família que falharam na formação adequada do sujeito.

Diante disso se torna cada dia mais desafiador o papel da escola, da academia e do educador na vida das pessoas. E um dos grandes desafios da educação formal na atualidade não nos parece ser mais o de transcender a “consciência bancária” como denunciou Freire na década de 70, mas o de fazer com que crianças, adolescentes e jovens muito mais do que ter consciência que o conhecimento é um processo de troca e interação a qual ele também é sujeito, o de fazê-los entender, e isto depende também da colaboração da família, que antes de qualquer coisa, o conhecimento em si é importante e o único capaz de tornar o homem um ser verdadeiramente livre.

Fazer o jovem se interessar pela educação não tem sido tarefa fácil nos dias de hoje, por menos bancária e mais democrática que seja a educação e os educadores, pois estamos diante de gerações acostumadas ao acesso imediato a uma série de informações acabadas propagadas pelos meios de comunicação. Desse modo, a construção do conhecimento entendida como um processo de interação entre professor-aluno/ensino-aprendizagem, por vezes torna-se um fardo na medida em que demandam do aluno um esforço de reflexão, compreensão, interpretação e análise para o qual não estão preparados.

Como conceituou Alain Touraine em 1969, vivemos na *sociedade da informação*, mais não necessariamente na sociedade do conhecimento. Embora as pessoas recebam e archive uma infinidade de informações no decorrer da vida, isso não significa que saberiam contextualizá-las e sistematizá-las. E isso se agrava na medida em que a educação é banalizada e o certificado (diploma) passa a ter um peso maior do que o conhecimento. Assim, a educação passa a ser uma mercadoria, e como mercadoria não é o processo pela qual é produzida que interessa, mas a finalidade prática (que pode ser a distinção social).

Dessa perspectiva, o interesse em aprender/conhecer pela ação criadora (reflexão/ação/participação) fica aquém dos interesses mais imediatos. Ler um texto, compreendê-lo e realizar suas próprias conclusões, por exemplo, demanda um tempo e esforço que grande parte do alunado moderno não está interessado em “perder” e fazer. O imediatismo, a ética do “se dar bem” com menor esforço possível tem levado a uma parte significativa desse grupo, buscar nos recursos tecnológicos modernos uma maneira imediata de desenvolver tais atividades. Assim, a internet, por exemplo, que pode ser uma importante aliada da educação, dos educadores e dos pais, muitas vezes se transforma num empecilho ou até mesmo em pesadelo. Visto que um número significativo de alunos desde o ensino fundamental ao superior, passando por pós-universitários se utilizam de cópias da internet nos seus trabalhos acadêmicos e/ou estão vulneráveis a cair em ciladas da rede – como rede de pedofílias, conversa de psicopatas, etc.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Como educadores passamos constantemente por situações em que alunos se apropriam indevidamente de trabalhos capturados da internet. Como cidadãos, vemos com frequência as consequências desastrosas

Nesse sentido faz-se emergente a pergunta: qual o papel da educação ou a educação tem conseguido cumprir o seu papel? Brandão brilhantemente anuncia que “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender a ensinar” (BRANDÃO, 1981: 7). No entanto, diante de tantos desafios e “facilidades” da modernidade, se a educação não conseguir ser suficientemente sedutora e de fato reflexiva, a tendência será apenas reproduzir o status quo ao invés de transformar o indivíduo, ou como sentenciou Freire (1999: 17), levando-o a “ser dirigido pela propaganda ideológica, política e comercial”, transformando-se cada vez mais em “objetos e massas”.

## 5 CONCLUSÃO

Se a tecnologia disponível nos dias de hoje tende a multiplicar as possibilidades em vários setores da vida humana, por outro é uma grande aliada do mercado e do capital para criar “necessidades” (desejos) que comprometem a relação entre os homens. Os valores que embasam a educação recebida na família, por exemplo, e que norteavam as escolhas pessoais, agora são facilmente contrapostos por crianças, adolescentes e jovens com outros que recebem do mercado por meio das propagandas veiculadas pelos meios de comunicação, em forma de novelas, reality shows, etc. Estes valores são por vezes contraditórios com os que receberam não só da família, mas também da escola, da igreja, etc. Instituições sociais cujos valores também mudam em virtude das transformações da própria sociedade.

Assim, a confusão de valores em decorrência do progresso que August Comte e Durkheim diagnosticaram na sociedade do século XIX, parece ainda bastante presente na sociedade atual. E se a incidência do suicídio foi estudada pelo segundo pensador, como sendo uma patologia social naquela sociedade, que vivia um momento de desintegração de suas normas e regras sociais, poderíamos dizer que não apenas o suicídio persiste, como somos vítimas de outros “males da modernidade”, como por exemplo, as depressões, os stress, as toxicomanias e síndromes (de pânico, etc.).

Muitas vezes, os nossos alunos quando chegam à escola ou à universidade uma parte deles está afetada de algum modo por um ou mais desses males. O que fazer diante dessa realidade? Embora não tenhamos as respostas para tal pergunta, gostaríamos de deixar algumas pistas para a reflexão, pois não se trata aqui de condenar o presente, muito menos de ser pessimista com relação ao futuro, mas fazer coro e encorajar aqueles que, apesar de tudo, acreditam que através da educação é possível transformar.

Como incentivar um aluno a tomar gosto pelo conhecimento e buscar construí-lo e não apenas recebê-lo? Como fazê-los enxergar que a vida não é feita apenas de competição, mas na verdade é a cooperação que move o mundo (se em todos os aspectos as pessoas deixassem de cooperar, o mundo viraria um completo caos)? Como demonstrar que os conhecimentos técnicos são muito importantes, mas sem os conhecimentos a cerca de

---

do uso sem limites da internet por jovens e adolescentes às vezes com desfechos trágicos para os próprios e/ou para suas famílias.

sua sociedade e cultura, sem ética, sem os valores humanos como o respeito, a cooperação, a solidariedade, etc. não se chega muito longe?

Só uma coisa é certa; não mudamos o outro se nós mesmos não estamos mudados. Não convencemos ou seduzimos ninguém da importância do conhecimento se não acreditamos de fato naquilo que ensinamos. Não contribuiremos para que as famílias participem integralmente da educação de seus filhos, se reproduzirmos na educação de nossos filhos (em família), o que criticamos na educação de nosso aluno (falta de limites, etc.). Não construiremos uma sociedade mais humana e reflexiva através da educação, se o nosso principal objetivo for o do TER e o de SER “guardiões de mercadorias”.

## REFERÊNCIAS

1. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.
2. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 1981.
3. CALLIGARIS, Contardo. **Do homem cordial ao homem vulgar**. Folha de São Paulo, São Paulo, 12 de dez. 1999. Disponível em: [www.folha.com.br](http://www.folha.com.br). Acesso em: 15 de agosto 2009.
4. DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
5. FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 23 Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1999.
6. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
7. LESSA, Sérgio. **Trabalho, sociabilidade e individuação**. In: *Revista Trabalho, Educação e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz. V. 4, nº 2, 2006.
8. SHILS, Edward. **Centro e periferia**. Lisboa: Difel, 1992.
9. TOMAZI, Nelson Dácio. **Iniciação à sociologia**. 2.ed. São Paulo: Atual, 2000.
10. TOURAINE, Alain. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. Petrópolis: Vozes, 2006. 261 p.
11. VANNUCHI, Camilo. **“cuidado com os burros motivados”**. Entrevista concedida por Roberto Shinyashiki à Revista Isto é online. Acessada em 15 de setembro 2009.

## Mundo Acadêmico

### Apresentação

A revista Mundo Acadêmico publica trabalhos técnicos culturais, científicos e/ou acadêmicos, nas áreas ligadas aos cursos oferecidos de graduação, desde que atenda aos objetivos da Instituição. Admite-se, de preferência, autor pertencente à Faculdade, sem limitar, contudo, as contribuições e intercâmbios externos, julgados pelo Conselho Editorial, de valor para a Revista e, sobretudo, para a sociedade brasileira.

### Normas de Publicação

Os originais entregues para publicação deverão ser assinados pelo autor e seguir as seguintes normas:

#### 1 Texto

- 1.1 Os trabalhos devem ser inéditos e submetidos ao Conselho Editorial, para a avaliação e revista de pelo menos, dois de seus membros, cabendo-lhe o direito de publicá-lo ou não;
- 1.2 O texto deve ser apresentado em formato A4 (210x297mm);
- 1.3 Os trabalhos e artigos não devem ultrapassar o total de vinte laudas, em espaçamento normal; resumos de dissertação e monografia, duas laudas e resenhas e/ou relatos, não devem ultrapassar quatro laudas;
- 1.4 O texto deve ser entregue em CD e impresso, sendo composto no editor de texto Word for Windows, com fonte Time New Roman 12;
- 1.5 O trabalho deve apresentar obrigatoriamente:
  - Título;
  - Nome(s) do(s) autor(es)
  - Breve currículo do(s) autor(es), enfocando as atividades mais condizentes com o tema trabalhado;
  - Introdução;
  - Corpo do trabalho;
  - Resultado e/ou conclusões;
  - Referências bibliográficas.

#### 2 Referências Bibliográficas

As referências bibliográficas deverão ser listadas imediatamente após texto, em ordem alfabética, obedecendo Normas Técnicas.

#### 3 Citações

Qualquer citação no texto deverá ter obrigatoriamente identificação completa da fonte, acrescida da (s) página (s) de onde foi retirada a citação.

#### Pede-se aos autores

- Seguir rigorosamente o Manual de Normas Técnicas da UNISAM, que se encontra a disposição de todos na Biblioteca e na intranet do site da Instituição;
- Linguagem condizente como produção científica, evitando abreviações, jargões e neologismos desnecessários;
- Objetividade quanto à construção do título do artigo;
- Apresentação do significado de cada sigla que conta do texto na primeira vez em que ocorre.

#### Considerações Finais

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores e o Conselho de Editoração não se responsabilizará pelas opiniões expressadas nos artigos assinados.

## **A UTILIZAÇÃO DO CRM: um estudo de caso em instituição de ensino superior**

Andressa Salvador<sup>1</sup>  
Elen Karla Trés<sup>2</sup>  
Fernando Bom Costalonga<sup>3</sup>

### **RESUMO**

A Tecnologia da informação tem sido assunto de grande relevância no cenário econômico sendo tratado pelos países de primeiro mundo como um dos dois maiores fatores responsáveis pelo sucesso das organizações. O presente artigo tem por objetivo compreender como a tecnologia do CRM pode ser utilizada nas instituições de ensino superior privadas, para obtenção de vantagem competitiva. Para tanto, realizou-se um estudo de caso na empresa “Alfa” na qual se adotou uma pesquisa com enfoque qualitativo. Na primeira etapa foram abordados conceitos e aspectos relacionados a instituições de ensino superior privadas, tecnologia de informação, marketing de relacionamento e por fim CRM – gerenciamento de relacionamento com o cliente. Posteriormente, foram desenvolvidas entrevistas semi-estruturadas, junto a 4 gestores das coordenações administrativa, acadêmica, de marketing e de TI. Como técnica de análise de dados adotou o método de análise de conteúdo através da interpretação dos fragmentos de texto respondidos pelos entrevistados. Os resultados obtidos revelam que os principais processos da empresa em estudo envolvem a captação e retenção de alunos e que as atividades envolvidas para esse fim correspondem a atividades de CRM mesmo não possuindo um sistema efetivo e integrado. Por fim compreendeu-se que a integração de CRM e TI na empresa possibilitaria a agilidade e viabilidade de diversas ações que hoje não são possíveis devido a morosidade e inviabilidade de aquisição dessas informações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologia de informação, vantagem competitiva, marketing de relacionamento

### **ABSTRACT**

The Information Technology has been a subject of great importance in the economic scenario being addressed by developed countries as two major factors responsible for the success of organizations. This article aims to understand how CRM technology can

---

<sup>1</sup> Formada em Administração de Empresas e especialista em Gestão Empresarial e Didática no Ensino Superior pela Faculdade Capixaba de Nova Venécia e mestranda em Administração de Empresas pela FUCAPE.

<sup>2</sup> Formada em Administração de Empresas e especialista em Gestão Empresarial e Didática no Ensino Superior pela Faculdade Capixaba de Nova Venécia e mestranda em Administração de Empresas pela FUCAPE.

<sup>3</sup> Formado em Ciências Contábeis pela Faculdade Castelo Branco, especialista em MBA Gestão Empresarial pelo Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC, especialista em Didática no Ensino Superior pela Faculdade Capixaba de Nova Venécia e mestrando em Administração de Empresas pela FUCAPE.



be used in private higher education institutions to obtain competitive advantage. There was a case study in the company "Alpha" which adopted a qualitative approach to research. In the first stage were discussed concepts and issues related to private higher education institutions, information technology, relationship marketing and finally CRM - customer relationships managing. Subsequently, we developed semi-structured interviews, along with four managers of administrative coordination, academic, marketing and IT. As a technique of data analysis we adopted the method of content analysis through the interpretation of text fragments answered by respondents. The results showed that the main business processes in a study involving capitation grants and retention of students and activities involved for this purpose correspond to CRM activities even not having an effective and integrated system. Finally it was concluded that the integration of CRM and IT in business could improve agility and viability of many actions that are not possible today due to lengthy and inviability of acquiring information.

**Keywords:** Information technology, competitive advantage, relationship marketing

## 1 INTRODUÇÃO

A Tecnologia da informação tem sido assunto de grande relevância no cenário econômico. De acordo com Yong (1992), os países de primeiro mundo têm tratado a TI como um dos maiores fatores responsáveis pelo sucesso das organizações.

“A TI evoluiu de uma orientação tradicional de suporte administrativo para um papel estratégico dentro da organização” (LAURINDO; SHIMIZU; CARVALHO; RABECHINI JUNIOR, 2001).

Yong (1992) destaca que nos últimos dez anos, as facilidades difundidas desse mercado, possibilitaram às organizações aplicações no nível estratégico, voltando suas atenções para o cliente, redução de custo, melhoramento em qualidade, novos produtos, administração estratégica via TI, novos conceitos e paradigmas via TI, colocando a tecnologia inteligente a serviço da organização.

Segundo Andrade (2002), todo esse avanço afeta diversos segmentos: varejo, serviços, financeiro, manufatura e educação. Que a concorrência se faz presente no meio das inovações tecnológicas, é um fato incontestável. As organizações estão sempre mudando, buscando se adaptar às novas exigências do seu ambiente.

De acordo com Susin e Susin (2007), devido ao grande número de surgimento de instituições de ensino superior privadas no Brasil, estas estão buscando sua diferenciação no mercado frente aos concorrentes.

Com esse pensamento, as instituições de ensino superior estão procurando entender e compreender melhor seu cliente através do marketing de relacionamento. Segundo Bretzke (2000), “a verdadeira vantagem competitiva surge quando o canal de relacionamento está apto a atender aos clientes, em tempo real, por telefone, internet, ou qualquer outro meio focalizado em suas necessidades”.

Para Kotler e Armstrong (1998), o marketing sustenta a idéia de que é preciso determinar as necessidades e desejos do mercado e proporcionar a satisfação desejada de forma mais eficiente que a do concorrente.

Assim, é preciso dotar a empresa de meios que permitam conhecer e relacionar-se melhor com os clientes. De acordo com Bretzke (2000) “esses meios integrados deram origem a um novo conceito, chamado de CRM – Customer Relationship Management (Gerenciamento do Relacionamento com o Cliente).

Boghi e Shitsuka (2002), afirmam que o CRM “armazena dados sobre todas as inter-relações da empresa com o cliente, criando um valioso grupo de informações comportamentais”. Os autores ainda destacam que algumas empresas já conseguiram conquistar a lealdade do cliente através do sistema.

No intuito de estudar essas questões, pretende-se compreender com esse artigo, como a tecnologia do CRM pode ser utilizada nas instituições de ensino superior privadas para obtenção de vantagem competitiva, utilizando, para tanto, um estudo de caso na empresa “Alfa” pertencente ao setor de ensino superior privado do estado do Espírito Santo.

A pesquisa com enfoque qualitativo teve como técnica de coleta de dados uma entrevista semi-estruturada junto a 4 (quatro) gestores das coordenações administrativa, acadêmica, de marketing e de TI. Para uma abordagem mais profunda adotou-se o método de análise de conteúdo através da interpretação dos fragmentos de texto respondidos pelos entrevistados.

O artigo está organizado em cinco partes. Na parte 1, foi desenvolvida uma introdução, mencionando o problema a ser respondido através do estudo de caso; na parte 2, é feita uma abordagem bibliográfica dos principais conceitos e correntes de estudo acerca da tecnologia de informação, marketing de relacionamento e por fim o sistema de CRM – gerenciamento do relacionamento do cliente. Posteriormente, são relatados os aspectos metodológicos da pesquisa. No capítulo seguinte é apresentado um histórico da empresa em estudo, e em seguida são apresentadas as informações coletadas. Por fim, na seção 6 são relatadas as considerações finais embasadas nos principais pontos enfocados no artigo que mostram como a utilização da ferramenta do CRM pode ser utilizada na empresa “Alfa” para obtenção de vantagem competitiva.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A educação superior no Brasil passou, nos últimos anos, por um acelerado crescimento. De acordo com Silva Junior, Muniz e Martins (2006) de 1996 até 2004 houve um crescimento de 122,83% no número de matrículas na educação superior. Do total de 2.013 IES existentes em 2004, as instituições privadas representam 88,87%. O setor de educação superior tornou-se também mais competitivo na última década, no interior do Estado do Espírito Santo, devido à interiorização da educação, ampliando a abertura de faculdades particulares.

Devido a esse aumento de oferta no setor, as Instituições de Ensino Superior Privadas (IESP) precisam estar em constante inovação para se diferenciar da concorrência e manter-se no mercado. Isso faz com que as IESP modifiquem suas estratégias para captação de alunos, surgindo a necessidade de utilizar as ferramentas do marketing educacional, mais especificamente as estratégias do marketing de relacionamento.

A comunicação, por muito tempo, se deu através das mídias tradicionais, porém, de acordo com Albertin (2001) as tecnologias vêm alterando essa visão tradicional de mídia de marketing (compra e venda), permitindo às organizações melhorar sua comunicação com seus clientes ampliando, sua eficiência no processo de atratividade.

De acordo com Kotler e Fox (1994) marketing educacional deve ser uma atividade central das instituições modernas. As instituições devem conhecer seu mercado, atrair recursos suficientes e convertê-los em programas, serviços e idéias apropriadas, bem como, distribuí-los de forma eficaz aos públicos-alvo. Os autores sugerem que o marketing institucional deve envolver além dos fatores tradicionais como matrículas, mensalidade, instalação, corpo docente e localização, fatores de manutenção e satisfação dos alunos em relação aos serviços oferecidos na instituição.

Essa percepção do autor implica utilizar a construção do relacionamento estável e duradouro nas instituições de ensino privadas como o diferencial frente ao ambiente competitivo em que elas estão inseridas. Esse cenário, de acordo com Dominguez (2001), conduz as empresas a uma reorganização em dois pólos: a tecnologia da informação e o marketing.

O marketing de relacionamento, que segundo Kotler (1998, p. 30) “é a prática da construção de relações satisfatórias a longo prazo com partes-chaves – consumidores, fornecedores e distribuidores – para reter sua preferência e negócios a longo prazo”, torna-se fator chave para ganho de posicionamento e de vantagem competitiva no mercado. E a Tecnologia da Informação, de acordo com Zuboff (1994) proporciona uma nova infra-estrutura para as atividades produtivas e comunicativas nas organizações, destacando ainda que os administradores, através da implantação de novas tecnologias, objetivam a redução de custos e a agilidade nos processos buscando novas fontes de estratégias para obter vantagem competitiva.

Segundo Bretzke (2000), “essa integração de marketing e TI é inevitável e urgente para recuperar o atraso das décadas de 70 e 80, quando a prioridade da informatização era dada aos processos internos das áreas administrativas e de produção”. [...] “com o advento da microinformática, alterou-se esse quadro e o marketing foi dotado de meios para mudar a forma de fazer negócios, passando a adotar um sistema decisório centrado no cliente”.

Assim, com o avanço da tecnologia e o surgimento do marketing direto emerge uma poderosa filosofia para administrar relações duradouras com o cliente, Customer Relationship Management (CRM). Segundo Queiroz (2002), o CRM trata da identificação e criação de novos valores com clientes individuais e compartilha seus benefícios para toda a cadeia de negócios. Gummesson (2005, p. 280) define CRM como “valores e estratégias de marketing de relacionamento com ênfase no

relacionamento com os clientes transformados em aplicações práticas”. Segundo Callegari, Kovaleski e Francisco (2007) o CRM pode ser entendido como a aplicação prática da filosofia e da estratégia de marketing de relacionamento.

Norris et al (2001) aponta a relação entre CRM e Enterprise Resources Planning (ERP) ao definir o CRM como um componente da nova geração de sistemas ERP que focalizam os processos voltados para o exterior da empresa (front office), unindo-os ao mecanismo interno de processamento das transações dos sistemas ERP originais.

Newell (2000) enfatiza em sua obra, que o segredo do sucesso do CRM está em identificar o que cria valor para os clientes e oferecer precisamente o que desejam, de forma individual e como os clientes têm diferentes conceitos de valor, o CRM procura identificar segmentos de mercado com características semelhantes.

Para Rodrigues (2002) as vantagens em utilizar a ferramenta analítica do CRM inclui a separação dos clientes que geram maior rentabilidade, a fim de tratá-lo de forma prioritária no que tange o atendimento, oferecimento de produtos e serviços diferenciados dos demais, bem como, a possibilidade de otimizar recursos em marketing, atingindo diretamente o público-alvo, além de identificar os potenciais clientes como lucratividade futura para a empresa. Ainda como vantagem, pode ser citada o feedback dos clientes quanto à qualidade dos produtos e serviços oferecidos e suas necessidades futuras.

Callegari, Kovaleski e Francisco (2007) incluem como vantagem da utilização do CRM o aumento da percepção da marca pelo cliente, maximização dos lucros, fidelização dos clientes, diferenciação percebida pelo cliente frente à concorrência.

De acordo com Lucas, Neves e Souza, (2005), Bretzke (2000), Penteado (2007) entre outros autores, a implantação do sistema de CRM é baseada em quatro pilares considerados básicos: identificar, diferenciar, interagir e personalizar.

Para os autores, através dos quatro pilares você conseguirá conhecer o cliente individualmente; poderá diferenciá-lo de acordo com a sua necessidade; interagir dando um feedback, mostrando estar sempre atualizado e por fim personalizar o atendimento, usando o conhecimento adquirido nos demais pilares, permitindo à empresa criar uma variedade de produtos ou serviços específicos.

Telles (2003) afirma que o CRM implica alterações estruturais de processos, deslocamentos de poder, novas competências e principalmente mudanças de natureza cultural e então fatores como falta de comprometimento da alta gerência ou dos funcionários dificultam a implantação de um gerência por CRM. Segue abaixo os fatores de sucesso na implantação do CRM elencados pelo autor.

FATORES DE SUCESSO NA IMPLANTAÇÃO DO CRM	
Envolvimento da alta administração no projeto de CRM:	Adoção, como premissa, de que o marketing de relacionamento é um assunto corporativo, não devendo ficar circunscrito a setores e departamentos sem o poder de decisão necessário.
Cumplicidade de áreas-chaves:	Cooptação, adesão e simpatia das áreas-chaves da organização são aspectos cruciais e determinantes para o sucesso.
Compreensão da cultura da empresa e do perfil do negócio:	Adoção de CRM envolve a necessidade de acomodações, ajustes e/ou transformações; é necessária uma proposta viável, negociada e validada pela organização em termos de relacionamento com o cliente.
Convicção presente e conhecimento de processos de implantação de CRM:	Necessidade de “pensar grande, começar pequeno e crescer rápido”
Seleção de solução adequada ao perfil de negócio e aos objetivos da empresa no curto, médio e longo prazo:	Estabelecimento e entendimento claro dos objetivos do negócio, assim como a configuração de operação do negócio.
Escolha dos parceiros certos:	A correta e adequada seleção de consultores e fornecedores é fundamental na avaliação e no desenho dos processos.
Preferência a fornecedores com tradição e/ou capacidade de oferta de garantias:	Devem-se considerar aqueles com experiência em desenvolvimento, se possível em negócios similares, assim como sua capacidade em relação a garantias de execução do projeto, qualidade, resultado, suporte e atualização das soluções.
Exigência e garantias tecnológica e ampla experiência na integração dos aplicativos de CRM:	A implementação do CRM demanda esforço significativo de integração de mídias com os sistemas existentes, incluindo os legados.
Treinamento de usuário final:	A eficácia e o potencial de ganhos de eficiência ao longo do tempo estão associados à compreensão e ao conhecimento da operação do sistema pelos usuários finais, pelos funcionários do front office, interagindo com os clientes.

Quadro 1 – Fatores de sucesso na implantação do CRM

Fonte: Adaptado de Telles (2003)

Carr (2003) evidencia em seu estudo alguns pontos importantes para o sucesso na implantação e adoção das práticas de TI nas organizações. Segundo ele, para que haja melhores desempenhos em TI é preciso que a organização seja aberta a inovações e trocas organizacionais, que haja confiança organizacional, cooperação, e a ausência de conflito. A alta gerência deve apoiar e articular a necessidade por TI além de comunicar a sua funcionalidade com o contexto da estratégia, estrutura e sistemas organizacionais, além de requerer alterações significantes em estruturas organizacionais, padrões de comunicação e relações de poder.

Segundo Silva (2008), o CRM quando avaliado do ponto de vista tecnológico, envolve a capturação dos dados do cliente em toda a empresa, a consolidação de todos os dados

internos e externos em um banco de dados central, análise destes e a utilização das informações para interagir com o cliente através dos diversos pontos de contato que a empresa possui.

Ferramentas de datamining<sup>4</sup> através do database marketing<sup>5</sup> ou data warehouse<sup>6</sup> do CRM, por exemplo, conforme Bretzke (2000) permitem a criação de cadastros atualizados do público-alvo e sua comunicação efetiva.

Conforme mencionado por Susin e Susin (2007), para oferecer um serviço educacional com qualidade torna-se importante um processo de investigação das necessidades, objetivando a satisfação do aluno. O centro das atenções passa a ser o cliente, desenvolvendo um conjunto de ferramentas, processos e tecnologia que colocam em prática uma nova estrutura que visa à personalização do atendimento, fazendo com que a relação com o cliente seja gerenciada.

Devido ao aumento da oferta de ensino, fatores como bibliotecas, salas de aulas confortáveis, estacionamento, segurança, áreas de conveniências passaram a ser percebidas pelos clientes como fatores básicos das IES. Essa similaridade entre as opções oferecidas proporcionou o surgimento do marketing de relacionamento nas instituições, que possibilitou o aumento da percepção dos seus clientes em relação a sua qualidade de ensino. Em decorrência disso, essas faculdades podem criar, corrigir e aprimorar os processos e sistemas que possam influenciar na busca pela excelência (VALENTE; CARVALHO NETO, 2008).

Portanto, o uso correto da tecnologia CRM abre oportunidade, para que os gerentes possam identificar e antecipar-se às necessidades do cliente. Silva (2008) afirma que “o gerente passa a ter uma postura mais pró-ativa em relação ao contato e ao atendimento do cliente, uma vez que as informações decorrentes da utilização do CRM possibilitam gerenciamento mais efetivo do processo de trabalho e melhor planejamento das atividades”.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

Para realização do trabalho, adotou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, pois o enfoque concentra-se em averiguar o significado da utilização do CRM nas IESP através do sentimento das pessoas envolvidas nos setores estratégicos da organização, sem preocupar-se com mensuração dos dados expostos (MINAYO, 2001).

---

<sup>4</sup> **Datamining:** é uma técnica de mineração dos dados utilizada para “[...] encontrar os clientes mais rentáveis ou segmentos relevantes soterrados na mina de informações dos bancos de dados”, possibilitando a segmentação da base de dados por meio da análise do perfil do cliente ou prospect (BRETZKE, 2000, p.160)

<sup>5</sup> **Database marketing:** Banco de dados “[...] que contém apenas os dados de perfil dos clientes potenciais e atuais e seus dados de vendas e relacionamento”. (BRETZKE, 2000, p.192)

<sup>6</sup> **Data warehouse:** “É o processo de integrar dados da empresa em um único repositório, depurado, consolidado e consistente que fornece informações confiáveis para suportar o processo de tomada de decisões estratégicas”. Diferentemente do database marketing, o data warehouse contém dados de toda a empresa, como empregados, estoque, ativos, clientes e etc. (BRETZKE, 2000, p.190)

A pesquisa foi desenvolvida através de um estudo de caso (YIN, 2001) na empresa “Alfa” pertencente ao setor de ensino privado do Estado do Espírito Santo. Realizou-se o estudo com base em duas etapas. Na primeira identificaram-se as bases teóricas que fundamentam a pesquisa. Na segunda fase, desenvolveram-se entrevistas semi-estruturadas com o objetivo de evidenciar em profundidade aspectos relacionados aos valores, atitudes e opiniões do fenômeno estudado (MINAYO, 2001).

A entrevista semi-estruturada foi aplicada junto a 4 gestores das coordenações administrativa, acadêmica, de marketing e de TI. A utilização das entrevistas ocorre devido à necessidade de compreender as informações do cliente necessárias em cada setor, a fim de entender o papel do CRM nas IESP e apresentar os benefícios de implantação da ferramenta na empresa em estudo.

Adotou-se como método de análise dos dados a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) cujo objetivo concentra-se em descobrir o que está por trás dos fragmentos manifestos (MINAYO, 2001) através da utilização de categorias de análise para melhor classificação das afirmações dos entrevistados.

#### **4 HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO**

A empresa “Alfa” pertence ao setor de ensino superior privado localizado no Estado do Espírito Santo. Iniciou suas atividades em 1999 e atualmente oferece cursos superiores distribuídos nas três modalidades instituídas pelo Mec – licenciatura, tecnológico e bacharelado, nas áreas de educação, negócios e jurídica, bem como, especialização lacto-sensu nas áreas de gestão, saúde, educação pública e jurídica. Possui aproximadamente 2.000 alunos na graduação e 500 alunos na especialização.

#### **5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

A pesquisa realizada junto aos gestores propiciou a compreensão dos processos existentes na empresa, os quais deram respaldo para elencar benefícios com a implantação do CRM na instituição de ensino superior.

Ante os fragmentos das entrevistas, foi possível identificar que os principais processos desenvolvidos na empresa concentram-se na captação e retenção de alunos e os setores chave envolvidos são o financeiro e o acadêmico (que inclui as coordenações de curso, biblioteca e secretaria). Existem ainda alguns setores de apoio que ajudam no monitoramento desses processos, que são o Núcleo de Apoio Pedagógico, o Núcleo de Apoio psicológico e a Ouvidoria.

Foram relatadas diversas ações desenvolvidas ao longo do ciclo de vida da instituição, que podem ser chamadas de acordo com o conceito de Kotler (1998) quanto a marketing de relacionamento, citadas a seguir:

- Participação de feiras e eventos educacionais;
- Realização de visitas e palestras orientadas;

- Abertura de suas portas para que alunos do ensino médio conheçam suas instalações e vivenciem o ambiente universitário numa tentativa de influenciar a escolha do futuro aluno.

Além disso, mencionaram ações que são realizadas na empresa pelos setores e que de acordo com o referencial teórico, podem ser classificadas como ferramentas analíticas do CRM:

- Conhecimento e estudo das necessidades dos públicos-alvo;
- Fortalecimento do relacionamento com os stakeholders;
- Comunicação direta dos produtos e serviços oferecidos;
- Conhecimento e estudo das expectativas dos alunos ingressantes em relação aos serviços oferecidos e a evolução da sua satisfação;
- Identificação da imagem percebida da IES pelos públicos-alvos.
- Exploração dos diferenciais competitivos em relação à concorrência;
- Compreensão dos fatores que motivam a inadimplência do aluno e a sua evasão escolar;
- Conhecimento da vida acadêmica do aluno;
- Identificação e exploração das demandas futuras.

Essas ações, de acordo com os gestores, foram essenciais para o aumento do número de alunos inscritos e matriculados, bem como redução da inadimplência e evasão escolar. Porém, compreendeu-se que elas ocorrem isoladas em cada setor, inibindo outras possibilidades a partir da utilização da mineração de um banco de dados integrado proposto por Bretzke (2000) na implantação de um CRM.

Ferramentas de datamining através do database marketing ou data warehouse do CRM, por exemplo, conforme Bretzke (2000) permitiriam a criação de cadastros atualizados dos alunos atuais, prospects e egressos, para a realização da comunicação efetiva direcionada ao público-alvo em questão.

Apesar de não existir um CRM analítico na empresa em estudo, foi possível compreender, de acordo com a teoria abordada, que as ações desenvolvidas pelos gestores são nitidamente resultados de um sistema de CRM e sua implantação serviria como um facilitador, agilizando o processo de tomadas de decisões, além de oferecer outras informações das quais hoje a empresa não dispõe, pela morosidade e inviabilidade de aquisição dos dados requeridos.

Telles (2003) em seu estudo aborda sobre questões chave que interferem no processo de implementação da ferramenta do CRM, como alterações estruturais de processos, deslocamentos de poder, novas competências e principalmente mudanças de natureza cultural. Os fragmentos das falas dos gestores evidenciam a existência de uma cultura aberta a essas mudanças requeridas para o processo elucidado, uma vez que as pessoas que estariam envolvidas nessa implantação já desenvolvem de forma natural atividades exigidas pelo sistema.

Com o desenvolvimento da pesquisa, ficou claro que através da utilização do CRM nas faculdades particulares além de entender o cliente e desenvolver melhorias junto a esse,



também torna-se possível explorar os benefícios percebidos pelo cliente como diferencial competitivo evidenciados por Callegari, Kovaleski e Francisco (2007).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo do artigo concentrou-se em compreender o significado da utilização do CRM nas Instituições de Ensino Superior Privadas, como fonte estratégica para gerar vantagem competitiva, realizando um estudo de caso na empresa “Alfa”. A partir dos resultados obtidos foi possível concluir que os principais processos da empresa em estudo envolvem a captação e retenção de alunos.

Identificou-se também que várias atividades, que atualmente são desenvolvidas pela empresa, correspondem a atividades de CRM mesmo não possuindo um sistema efetivo e integrado. E que essas ações são essenciais para o aumento do número de alunos inscritos e matriculados, bem como redução da inadimplência e evasão escolar.

Verificou-se ainda que a empresa “Alfa” busca, através das diversas ações elencadas no capítulo 5, a construção de um relacionamento estável e duradouro com seu público-alvo, com o objetivo da obtenção de diferencial frente ao ambiente competitivo em que ela está inserida. Portanto, através do estudo de caso, percebeu-se que a integração de CRM e TI na empresa possibilitaria a agilidade e viabilidade de diversas ações que hoje não são possíveis, devido à morosidade e inviabilidade de aquisição dessas informações.

Apesar do objetivo da pesquisa não considerar motivos da não implantação efetiva de um sistema de CRM pela empresa, enquanto pesquisadores, buscamos compreender o porquê a empresa em estudo executa várias atividades de CRM por setores de forma isolada, mas ainda não implantou um sistema integrado de CRM, como sugerido pelos diversos autores elucidados nesse artigo. A resposta evidencia um receio da diretoria em burocratizar e desintegrar ações que atualmente são feitas e conhecidas por todos os setores da empresa. Esse fator pode ser sugerido como um problema de pesquisa para futuros estudos na área. Ou seja, até que ponto um sistema informatizado de CRM não torna as ações chaves da empresa como uma atribuição específica de um setor diminuindo sua efetividade e abrangência?

Foi abordado pelos autores que a aquisição de um software de CRM não tem nenhum valor, se este não está adequado à estrutura logística e funcional da empresa. Assim, podemos suscitar a questão: Como avaliar a viabilidade da implantação de um sistema de CRM em dada organização?

Além disso, devemos tomar cuidado com a construção de sentido e significado que a informação sobre o cliente e o mercado pode proporcionar para a empresa. Pois, parece relativamente fácil relatar dados sobre o cliente e seu mercado, entretanto, saber interpretar e usar essas informações de acordo com o contexto social e cultural de seus clientes, é um desafio para a organização.

Por fim, também poderíamos perguntar: Até que ponto um sistema informatizado de CRM não torna os relacionamentos entre os clientes interno/externo de forma mais fria

do que ações pessoais desenvolvidas *in loco*? Como equilibrar TI e relacionamento pessoal com o cliente?

## 7 REFERÊNCIAS

1. ALBERTIN, Alberto Luiz. Valor estratégico dos projetos de tecnologia de informação. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 41, n. 3, julho a setembro de 2001.
2. ANDRADE, Antonio Rodrigues de. Comportamento e estratégias de organizações em tempos de mudança sob a perspectiva da tecnologia da informação. **Caderno de Pesquisa em Administração**. São Paulo, v. 09, n. 02, abril a junho 2002.
3. BOGHI, Claudio; SHITSUKA, Ricardo. **Sistemas de informação: um enfoque dinâmico**. São Paulo: Érica, 2002.
4. BRETZKE, Miriam. **Marketing de relacionamento e competição em tempo real: com CRM (Customer Relationship Management)**. São Paulo: Atlas, 2000.
5. CALLEGARI, Nelson Malta; KOVALESKI, João Luiz; FRANCISCO, Antonio Carlos de. CRM: uma ferramenta tecnológica inovadora. **3º Encontro de Engenharia e Tecnologia dos Campos Gerais**, agosto de 2007.
6. CARR, Nicholas G. **TI já não importa**. HBR, Maio, 2003.
7. DOMIGUEZ, Sgfried Vasques. Implantando o CRM: um estudo de caso M. Q. I.. **In. V SEMEAD**, junho de 2001.
8. GUMMESSON, E. **Marketing de relacionamento total**. Porto Alegre: Bookman, 2005.
9. KOTLER, Philip. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. São Paulo: Atlas, 1998.
10. KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de Marketing**. 7. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1998.
11. KOTLER, Philip; FOX, Karen F. A. **Marketing estratégico para instituições educacionais**. Tradução Ailton Bonfim Brandão. São Paulo: Atlas, 1994.
12. LAURINDO, Fernando José Barbin; SHIMIZU, Tamio; CARVALHO, Marly Monteiro de; RABECHINI JUNIOR, Roque. O papel da Tecnologia da informação (TI) na estratégia das organizações. **Gestão e Produção**, v. 8, n.2, agosto de 2001.
13. NEVES, Guilherme L. C.; SOUZA, Nicole Amboni de; LUCAS, Elaine R. de Oliveira.. Aplicativos de Gestão de bibliotecas e a utilização dos pilares do CRM. **In: Encontro Nacional de Ciência da Informação - CIFORM**, 2005, Salvador,

- BA. Anais do VI CIFORM. Salvador: Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2005
14. NEVES, Guilherme. L. C.; SOUZA, Nicole Amboni de; LUCAS, Elaine R. de Oliveira.. Estratégia de CRM aplicada a DSI: uma proposta para as bibliotecas universitárias. **In:** Encontro Nacional de Ciência da Informação, 2005, Salvador, BA. Anais do VI CIFORM. Salvador: Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2005.
  15. NEWELL, Frederick. **Customer Relationship Management in the new era of internet marketing**, de. McGraw-Hill, 2000. Adaptado por J. M. Dentinho e R. Fidalgo.
  16. NORRIS, G. et al. **E-Business e ERP: transformando as organizações**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.
  17. PENTEADO, Marcus Teixeira. A importância do relacionamento com os clientes: modelo de CRM. IV **SINAP - Simpósio Internacional de Gestão de Negócios em ambiente portuário**. Universidade Católica UNISANTOS, 2007.
  18. QUEIROZ, Valdir Donizete de Souza. O CRM – Customer Relationship Management – fidelizando o cliente. Programa de pós-graduação, Uni-Facef, Franca, 2002.
  19. RODRIGUES, Rodrigo de A. M. D. Vantagens e dificuldades da implantação do CRM em empresas. **Knowledge Management Press & Consulting**, junho de 2002.
  20. SILVA, R. C. A aplicabilidade da gestão de relacionamento com o cliente (CRM) em bibliotecas. **XV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias – SNBU**, 2008.
  21. SILVA JUNIOR, A.; MUNIZ, R. M.; MARTINS, P. O.. Processo evolutivo e gestão universitária: um estudo comparativo entre três IES familiares. **In: VI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006.
  22. SUSIN, Eliane Martins; SUSIN, Junior Antonio. O marketing de relacionamento como estratégia de sobrevivência e competitividade das instituições de ensino superior. v. 7, n. 13, *Global Manager*. Faculdade da Serra Gaúcha, Caxias do Sul, RS: FSG, 2007.
  23. TELLES, R. **Marketing empresarial B2B**. São Paulo: Saraiva, 2003.
  24. VALENTE, Camille Antequera; CARVALHO NETO, Silvio. Marketing de Relacionamento em Instituições de Ensino Superior: Estudo dos Aspectos Fundamentais para o Relacionamento com os Discentes Potenciais de Cursos de

Pós-Graduação. **In:** II Congresso de Iniciação Científica do Uni-FACEF, 2008, Franca. Anais II Congresso de Iniciação Científica Uni-FACEF, 2008. v. 1.

25. YONG, Chu Shao. Tecnologia de Informação. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, janeiro a março de 1992.
26. ZUBOFF, Shoshana. Automatizar/informatizar: As duas faces da tecnologia inteligente. **Revista de administração de empresas**. São Paulo. v.34. n.6. p. 80-91. 1994.

# A SEDIMENTOLOGIA DOS MANGUES DE ARACRUZ DA RESERVA ECOLÓGICA DOS MANGUEZAIS PIRAQUÊ-AÇU E PIRAQUÊ-MIRIM

Bruno de Aquino Portela<sup>7</sup>

## RESUMO

O objetivo deste trabalho foi estudar a sedimentologia dos mangues de Aracruz da Reserva Ecológica dos Manguezais Piraquê-Açu e Piraquê-Mirim, com o enfoque na Granulometria e na Matéria Orgânica. Para este estudo foram realizadas três coletas; uma no mês de Março, uma no mês de Abril e a outra no mês de Maio de 2006. A região próxima ao Rio Piraquê-Açu apresentou sedimento bastante lamoso, enquanto a região superior (próximo ao Apicum), sedimento arenoso. A Matéria Orgânica variou entre 3% e 38% no local estudado. A vegetação desta área se compõe dos três tipos de mangue: Preto, Branco e Vermelho. A presença desta vegetação ocasionou em uma maior retenção de sedimentos finos na faixa ribeirinha, e a falta desta vegetação nas proximidades do Apicum levou a deposição dos sedimentos mais arenosos.

**Palavras-chave:** Manguezal, Mangue, Sedimentologia, Granulometria e Matéria Orgânica

## ABSTRACT

The objective was to study the sedimentology of Aracruz mangroves at the Ecological Reserve of Mangrove Piraquê-Açu and Piraquê-Mirim, focusing on Granulometry and Organic Matter. For this study were performed three times; one in March, one in April and another in May 2006. The area near Piraquê-Açu River presented fairly muddy sediment, while the upper region (near Apicum), presented sandy sediment. The Organic Matter varied between 3% and 38% in the studied area. The vegetation of this area is composed of three types of mangroves: Black, White and Red. The presence of vegetation resulted in greater retention of fine sediments around the riverside track, and the lack of vegetation in the vicinity of Apicum caused sandy sediments deposition.

**Keywords:** Mangrove, Mangrove, Sedimentology, Granulometry and Organic Matter

## 1 INTRODUÇÃO

A costa brasileira possui aproximadamente 10.123,76 km<sup>2</sup> de manguezais (HERZ, 1991) e estão distribuídos desde o Rio Oiapoque (04° 30'N) Amapá, até Laguna em Santa Catarina (28° 30'S) (SCHAEFFER-NOVELLI, 1993). Sua localização, restrita à

---

<sup>7</sup> Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo, em 2007. Pós-graduando em Produção de Recursos do Petróleo e Gás Pela Faculdade Norte Capixaba de São Mateus. Professor da Faculdade Norte Capixaba de São Mateus.

faixa entre marés, faz com que sejam verdadeiros pontos de ligação entre os ambientes marinhos e terrestres (ARAÚJO & MACIEL, 1979).

O termo mangue é usado para designar um grupo florísticamente diverso de arbustos e árvores pertencentes a famílias não relacionadas, que partilham de adaptações e características fisiológicas especiais, possibilitando sua permanência em áreas alagadas, salinas, de substrato silteoso inconsolidado e com baixo teor de oxigênio. Por outro lado, o termo manguezal é usado para se referir a uma comunidade de mangue, ou ecossistema (CITRON E SCHEAFFER-NOVELLI, 2000).

Todos os manguezais da América Tropical, na qualidade de zonas úmidas, são reconhecidas como “Ecossistemas – chave”, cuja preservação é crítica para o funcionamento de outros ecossistemas maiores e mais diversos que se estendem além dos limites de um bosque de mangue (DINERSTEIN ET AL., 1995)

Os manguezais são ecossistemas costeiros dos mais produtivos e apesar de sua capacidade de resiliência a estressores naturais, as florestas de mangue são extremamente vulneráveis a muitos estressores causados por atividades humanas, incluindo sedimentação, construção de canais, diques, dragagem e muitos outros tipos de poluição (CINTRON E SCHEAFFER-NOVELLI, 1983).

De acordo com Scheaffer-Novelli (1995), os manguezais estão entre os principais responsáveis pela manutenção de boa parte das atividades pesqueiras das regiões tropicais e servem de refúgio natural para reprodução e desenvolvimento (berçário) assim como local para alimentação e proteção de crustáceos, moluscos e peixes de valor comercial. Dentre as espécies de crustáceos destaca-se o *Ucides cordatus*, conhecido como caranguejo-uçá, o qual é muito procurado comercialmente. Além dessa fauna encontram-se principalmente três espécies de árvores de mangue: *Rhizophora mangle*, também conhecido como mangue vermelho, *Laguncularia racemosa* ou mangue branco e *Avicennia shaueriana* dita como mangue preto.

Segundo Carvalho (1994), o estudo da sedimentação é de vital interesse na conservação, desenvolvimento e utilização dos solos e dos recursos hídricos. Os sedimentos do manguezal (SCHEAFFER-NOVELLI, 1995) possuem características variáveis, por suas origens serem diferentes, originam-se no próprio ambiente, pela decomposição das folhas, galhos, restos de animais mortos e plantas trazidas de fora do ambiente, por onda, ventos ou fluxo de rios. Existem benefícios derivados dos sedimentos que permite ser um meio condutor de microrganismo ou matéria orgânica diversa que melhora a fauna fluvial. A falta de correntes afeta os sedimentos, e com a eficiência de retenção, criam-se depósitos para sedimentos (CARVALHO, 1994). Outro fator são as plantas lenhosas, dos mangues que retêm e permitem o acúmulo de sedimentos.

Os sedimentos estuarinos são derivados de certo número de fontes incluindo: águas doces (pluviais e fluviais) e marinhas, o continente, a atmosfera, a erosão do fundo e margens dos estuários e a atividade biológica dentro do sistema. É normal que possa ocorrer dominância de determinadas fontes, mas esta dependerá da magnitude relativa de todas as outras fontes e a dinâmica dos processos de erosão, transporte e deposição. A natureza e a distribuição das fácies sedimentares em estuários são controladas pela

interação entre os processos hidrodinâmicos, a morfologia do fundo e os tipos e a quantidade de componentes sedimentares, tais como conchas, matéria orgânica, grãos de areia, pelotas fecais e lama disponível (Davis, 1985).

## 2 ÁREA DE ESTUDO

A área estudada localiza-se em trechos do manguezal do Rio Piraquê-Açu, Aracruz, Espírito Santo (19° 50' S, 40° 10' W), onde se encontra a Reserva Ecológica dos Manguezais Piraquê-Açu e Piraquê-Mirim que juntos formam a bacia do Piraquê, um complexo estuarino da região. Estes rios apresentam respectivamente 50 e 22 km de extensão. Dos 50km do Rio Piraquê-Açu, os últimos 19km são margeados por manguezal, enquanto o Rio Piraquê-Mirim são os últimos 15km.

O clima da região é tropical úmido, com estação seca pouco pronunciada, segundo (PANOSO et al, 1978). A predominância florística em todo rio é composta pelos três tipos de mangue: Preto, Branco e Vermelho.

Considerando as marés nos dias de coletas relacionados (19 de março, 23 de abril e 13 de maio) a máxima foi de 1,3m no dia 23 de abril e a mínima foi de 0,2m no dia 19 de março, segundo a tábua de maré fornecida pela Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de Aracruz.

## 3 METODOLOGIA

No mês de março foram usadas 3 demarcações de transectos (T1, T2 e T3) já existentes em um trabalho de programa de dissertação de mestrado da UFES, (“Dinâmica Espaço-Temporal de *Ucides cordatus*, Decapoda, Ocypodidae, no Manguezal do Rio Piraquê-Açu, Aracruz ES. “), desenvolvido por Rita de Cássia Conti. Essas transecções se dividem em três pontos ao longo do rio. A primeira em Santa Cruz (24k 376527-1 S e 7795915-5 W) (Figura 1), a segunda em Irajá (24k 371369-2 S e 7798012-9 W) (Figura 2) e a terceira no Adrião (Figura 3) (24k 369252-6 S e 7798590-4 W); marcados na unidade de medida em UTM com Datum SAD69. Cada transecção é dividida em três faixas (F1, F2 e F3) que se estendem desde o rio Piraquê – Açu até o apicum, sendo perpendiculares à margem do rio e paralelas entre si. Estas demarcações foram traçadas com o auxílio do GPS.

A primeira transecção foi demarcada próxima ao rio, a segunda na região intermediária do mangue e a terceira perto do apicum, sendo esta zona a que faz parte da sucessão natural do manguezal para outras comunidades de vegetais, sendo o resultado da deposição de areia fina pela ocasião da preamar (Bigarella,1947). A T1 apresentou 306m dividido e 3 faixas: do rio a F1 mede-se 10 m, de F1 a F2, 110 m e de F2 a F3, 186 m. A transecção 2 expôs 159 m de extensão, sendo do rio a F1 10 m de F1 a F2 73m e de F2 a F3 76 m. O T3 exibiu 115 m no qual do rio a F1 mede-se 10 m, de F1 a F2 58 m e de F2 a F3 47 m. Assim, foram amostradas nove parcelas no total.

No decorrer da pesquisa realizou-se 3 coletas, uma no dia 19 de março, uma no dia 23 de abril e outra no dia 13 de maio. As coletas foram todas iniciadas em maré baixa. Em cada faixa de cada transector foi coletadas uma amostra, utilizando um coletor de sedimento de (100 mm) PVC, adaptado para coleta em manguezal confeccionado segundo (Rebelo, 1986), em uma profundidade de 30 cm e uma quantidade média de 500g de sedimento. Posteriormente a amostra foi acondicionada em refrigerador para consequentes análises.

As amostras foram lavadas em bacia para a retirada do sal e depois encubadas na estufa à 60°C em béqueres nas dependências do Projeto Sereias (Aracruz – ES) para secagem. Posteriormente, o sedimento seco foi encaminhado para o Laboratório de Sedimentologia da UFES (Vitória) para dar seguimento às análises.

O material seco foi quarteado e em seguida foi pesado 50g em balança analítica. Os 50g foram levados a um processo de via-úmida, onde foram eliminados o silte e argila (lama). Esse processo utiliza a peneira de abertura 0,062mm. O material restante após a via-úmida foi acondicionado novamente em estufa a 60°C por um dia. Após a segunda secagem, a amostra foi levada ao Laboratório da ESFA (Santa Tereza) para dar início às análises de quantificação de Matéria Orgânica (M.O).

Inicialmente foram pesados nove cadinhos de porcelana identificados e vazios e em seguida com a amostra a ser analisada. A porcelana com a amostra foi levada a murfla pré-aquecida à 600°C, ao atingir 1200°C o material permaneceu por 2 horas para ocorrer à queima de M.O. No término de duas horas de queima, o material foi levado ao dessecador para esfriamento e após 30 minutos esse material foi pesado novamente em Balança Analítica. O valor perdido da queima na murfla de cada porcelana corresponde ao indicador de M.O.

O valor restante (não queimado) foi levado para o laboratório de Sedimentologia da UFES para dar início as análises granulométricas.

O sedimento foi pesado e em seguida foi colocado no jogo de peneiras granulométricas de separação e quantificação de grãos cuja disposição é: 4.000; 3.360; 2.380; 2.000; 1.410; 1.000; 0.710; 0.500; 0.350; 0.250; 0.177; 0.125; 0.105; 0.074; 0.062 e <0.062 (fundo). As peneiras já se encontravam posicionadas no aparelho Rotor no qual permaneceu durante 15 minutos em agitação constante. Após o término do tempo, cada porção do material retido nas peneiras foram postos em vidro de relógio e pesado na balança analítica.

As análises estatísticas foram feitas com auxílio do programa Excel e do programa Básica do MSDOS, UERJ, e o programa Google Earth para visualização aérea por Satélite do local estudado.

#### **4 RESULTADOS**

Ao analisarmos a figura 4 para silte e argila (lama) em T1F1 observa-se um índice de 65% de lama, enquanto T3F3 não se observou a presença de lama. Nota-se que na



Figura 4 para areia T3F2 apresentou 100% de areia, cuja análise granulométrica deste transecto apresentou a característica de, areia grossa, mal selecionada, aproximadamente simétrica, enquanto T1F1 apresentou 34%, tendo sua característica granulométrica de, areia muito grossa, moderadamente selecionada, assimétrica para o lado dos finos.

Ao analisarmos a Figura 5 para silte e argila (lama) em T1F1 obteve-se um índice de 56% de lama, sendo que em T3F2 apresentou 5%. Observando a Figura 5 para areia, percebe-se que T3F2 apresentou 95%, cuja classificação granulométrica foi, areia grossa, mal selecionada, aproximadamente simétrica. Ao mesmo tempo T1F1 qualificase como, areia média, mal selecionada, aproximadamente simétrica, apresentando 43%.

Ao analisarmos a Figura 6 para silte e argila, observou-se que T2F1 obteve-se um índice de 83% de lama, enquanto T3F2 observou-se apenas 11%. De acordo com a análise da Figura 6 para areia, encontrou-se em T3F2 um valor de 88% com sua classificação granulométrica de, areia grossa, mal selecionada e assimétrica para o lado dos finos, em contrapartida T2F2 apresentou menor índice de 11%, mas com sua característica igual a T3F2.

Na composição granulométrica dos trechos estudados, encontramos no geral o predomínio de lama (silte e argila), que é uma característica do ambiente estudado. Não foram observados apenas em T3F2 e T3F3.

Encontrou-se o predomínio de areia grossa e mal selecionada ao longo das análises dos sedimentos dos transectos, devido à grande contribuição do aporte fluvial do rio Piraque-açú, e à proximidade da desembocadura fluvial, onde há a mistura de sedimentos marinhos, fluviais e a complexidade hidrodinâmica.

Na análise de matéria orgânica na (Tabela 2), para coleta1, nota-se que T2F2 apresenta 38% de M. O, em contrapartida, T3F2 apresentou 12%. Verifica-se que na coleta 2 T2F2 apresentou um teor de 35%, enquanto que T3F2 obteve-se um teor inferior de 4%. Na coleta 3 em T2F2 obteve-se 22%, e T3F1 6% apenas.

## 5 DISCUSSÃO

“Sedimento pode ser considerado como o resultado de integração de todos os processos que ocorrem em um ecossistema aquático. Do ponto de vista de ciclagem de matéria e fluxo de energia, o sedimento é um dos compartimentos mais importantes dos ecossistemas aquáticos continentais. Nele ocorrem processos biológicos, físicos e / ou químicos, que influenciam o metabolismo de todo o sistema (ESTEVES, 1998)”.

Na grande maioria dos ecossistemas distinguem-se no sedimento duas camadas: a recente ou biológica e a permanente. A camada recente compreende a parte do sedimento, geralmente com maior concentração de matéria orgânica (M. O), que está em contato direto com a coluna d'água. Corresponde à parte do sedimento biologicamente mais ativa, pois nela os microorganismos e organismos bentônicos encontram as condições ambientais mais favoráveis para o seu desenvolvimento.

A camada permanente ou sedimento permanente, localizada abaixo da camada recente, é caracterizada pelo baixo teor de M. O e pelo fato de apresentar-se, geralmente, em anaerobiose (ESTEVEZ, 1998).

Segundo Ungemach (1960), para o sedimento ser considerado orgânico deve apresentar concentração de matéria orgânica superior a 10% do peso seco.

O sedimento mineral é caracterizado pelo baixo teor de matéria orgânica (menos de 10% do peso).

Em regiões internas de golfos e baías, onde o efeito das ondas é reduzido, os manguezais ocupam bancos de sedimento com texturas muito finas. Nesses casos, não há barreiras físicas entre o bosque e a massa da água principal (JIMENEZ, 1999).

Segundo classificação textural proposta por Shepard (1954, in SUGUIO, 1973), o sedimento das parcelas do bosque ribeirinho, e da bacia são, em geral, areia lamosa. Após as análises foi constatado nos transectos (T1F1, T2F1, T3F1) a classificação de areia lamosa. Em todos transectos nas faixas 3 de todas as coletas apresentam maior quantidade de areia, devido à proximidade ao apicum, sendo esta região que fornece o sedimento arenoso.

Nos transectos (T1F1, T2F1, T3F1), dos três pontos ao longo do rio, existem em sua maioria a classificação granulométrica predominante de areia grossa, mal selecionada, assimétrica para o lado dos finos e areia média, mal selecionada, aproximadamente simétrica. Este local sofre influência direta da maré.

Nos dias de coleta as precipitações pluviométricas nas áreas de estudo foram bastante evidentes. Nas semanas que antecedem a primeira coleta, o tempo estava nublado com pancadas de chuvas ocasionais. No dia 19 de março (primeira coleta), o tempo continuou fechado com a maré subindo rapidamente. Na coleta de 23 de abril, o dia anterior também estava bastante chuvoso, apresentando chuva fina no dia da coleta. Na última coleta (13 de maio), choveu no dia anterior e a coleta foi realizada com maré morta, apresentando um sedimento bem seco. As chuvas nas áreas de estudo influenciam diretamente nas vazões, gerando maiores descargas fluviais.

As análises apresentaram alto teor de matéria orgânica. O alto teor pode estar relacionado com a baixa densidade de caranguejos na região de coleta, possuindo maiores depósitos de folhas, troncos em decomposição, supostamente uma baixa ciclagem de nutrientes realizada pelos caranguejos.

## REFERÊNCIAS

1. ARAÚJO, D.S.D.; MACIEL, N. C. **Os manguezais do recôncavo da Baía de Guanabara**. Cadernos FEEMA, Sér. Téc., 60p. + 6 apêndices. 1979.
2. BIGARELLA, J.J. **Contribuição do estudo da planície litorânea do Estado do Paraná**. *B. Geogr.*, 55: 747-779, 2001

3. CARVALHO, N. O. **Hidrossedimentologia prática**. Rio de Janeiro: s.ed., 1994, 372 p.
4. CINTRÓN, G.; SCHAEFFER-NOVELLI, Y. **Mangrove forest: ecology and response to natural and man induced stressors**. UNESCO Reports in Marine science, 23: 87-113. 1983
5. DAVIS, R. A. **Coastal sedimentary environments**. New York: Springer-Verlag, 1985, p. 77-173.
6. DINERSTEIN, E. et al. **A conservation assessment of the terrestrial ecoregions of Latin America and the Caribbean**. The World bank in association with The World Wildlife Fund, Washington, D.C.; USA, 1995.
7. ESTEVES, F.A. **Fundamentos de Limnologia**. 2. ed.. Rio de Janeiro: Interciência, 1998.
8. GOOGLE Earth. **image © 2006 digital globe, Fotografia Aérea** (acesso via internet), 01 de jul. 2006. Imagem Satélite
9. HERZ, R. **Manguezais do Brasil**. São Paulo, IOUSP/CIRM, 1995, 233 p.
10. PANOSO, L. A. et al. **Levantamento e reconhecimento dos solos do Estado do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: EMBRAPA. Bolm. Técnico, 1995.
11. REBELO, F.C. **Metodologia para o estudo da endofauna de manguezais (macrobentos)**. In: Schaeffer, Y., CINTRÓN, G. Guia para estudo de áreas de manguezal: estrutura função e flora. São Paulo: Caribben Ecological research, Apêndice 3, 23 p, 1995
12. SCHAEFFER-NOVELLI, Y. **Manguezal: ecossistema entre a terra e o mar**. Caribbean Ecological Research pub. 64p., São Paulo, 1995.
13. SCHAEFFER-NOVELLI, Y. et al. **Brazilian mangroves aquatic ecosystem health and management**, 1995, p. 561-570.
14. SUGUIO, K. **Introdução à sedimentologia**. São Paulo: EDUSP, 1995
15. UNGEMACH, H.. **Fedimentchemismus und seine Beziehung zun Stosshaushalt in 40 europaischen Seen, Germany**, Universitat kiel, 1960, 420 p.

## O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA ATRAVÉS DO MÉTODO TRADUÇÃO-GRAMÁTICA NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO

Kessya Pinitente Fabiano<sup>8</sup>

### RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal investigar se o método tradução gramática tem sido utilizado nas escolas de ensino médio nos dias atuais para a aquisição de uma segunda língua, o inglês. Com essa intenção, buscou-se fundamentação nas teorias sobre técnicas utilizadas para o aprendizado da língua inglesa ao longo do tempo. Como fechamento, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, sendo aplicados questionários a alunos e professores do Ensino Médio do município de Nova Venécia para a verificação das expectativas, do trabalho efetivamente desenvolvido e dos resultados obtidos.

Palavras-chave: Investigar, Aquisição, Técnicas, Aprendizado.

### ABSTRACT

The present article had as main goal to investigate if the grammar-translation method has been used in the process of acquisition a foreign language in high schools nowadays. So, it was required reasons in theories about used techniques to learn English language. At last, it was developed a field search, with the application of questionnaires to teachers and high school students of Nova Venécia in order to check the expectations of the developed work and the obtained results.

**Key-Words:** Investigate; Acquisition; Techniques, Learning

## 1 INTRODUÇÃO

Não apenas temos sido incapazes, mas nos tornamos capazes de nos saber incapazes. Aí se abre para nós a possibilidade de inserção numa busca permanente... A permanência da educação também está no caráter de constância da busca, percebida como necessária.

Paulo Freire

---

<sup>8</sup> Licenciada em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pelo Instituto de Ensino Superior de Nova Venécia; Especialista em Didática do Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior de Nova Venécia; Especialista em Língua Portuguesa e Língua Inglesa pelo Instituto de Ensino Superior de Nova Venécia

Estamos vivendo em uma época de constante evolução, e no ritmo que as coisas andam, é fácil ficar desatualizado. Todo tempo é tempo de conhecer e de exigir um novo modelo de ensino. Um ensino interativo; um ensino interessante, atual e real. E, principalmente, um ensino exigente, que desperte no estudante a responsabilidade de atualizar-se, de buscar informações e de manter-se atento às mudanças.

Este novo posicionamento no ensino, implica aprender a aprender, traduzindo a capacidade de refletir, analisar e tomar consciência do que se sabe, buscar novas informações, adquirir novos conhecimentos resultantes da rápida evolução.

Reconhece-se a importância de focalizar o processo de aprendizagem, mais do que a instrução e a transmissão de conteúdo, lembrando que hoje é mais relevante o “como” você sabe do que “o que e o quanto” você sabe. Aprender é saber realizar. Conhecer é compreender as relações, é atribuir significados às coisas, levando em conta não apenas o atual, mas também o passado.

Hoje, sessenta por cento da população mundial, é no mínimo, bilíngue, o que justifica a preocupação com a prática de ensino da língua estrangeira. Há quinhentos anos, o Latim era a língua mais estudada no mundo, mas, depois, no século 16, o Francês, o Italiano e o Inglês ganharam maior importância devido às mudanças políticas na Europa. Atualmente a língua inglesa é a mais estudada. (RICHARDS & RODGERS, 2001).

Assim, justifica-se fazer uma pesquisa de campo, para averiguar quais os métodos utilizados pelos professores no ensino da língua inglesa e verificar se o método tradução-gramática, uma das primeiras técnicas a ser utilizada no aprendizado de línguas estrangeiras, permanece nas escolas depois de vários anos.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O tema do presente estudo abrange a fundamentação teórica desse trabalho e opiniões de autores que comentam e discutem problemas relacionados ao ensino da Língua Inglesa através do método tradução-gramática.

### **2.1 CONCEITO DE TRADUÇÃO**

Segundo Silveira Bueno em seu minidicionário da Língua Portuguesa, a palavra tradução possui o seguinte significado: “Ato de traduzir, de passar um texto para outra língua: interpretação” (s.a, p. 674).

Já Campos (1987, p. 08), interpreta a tradução da seguinte forma:

A tradução é uma senhora que sempre andou “na boca do povo”, como se diz: parece que ela sempre esteve na berlinda, e as coisas que se têm dito dela nem sempre têm sido as mais elogiosas, nem sequer as mais compreensivas – como se houvesse, contra ela, uma espécie de preconceito ou prevenção. Existem, é claro, os adeptos fanáticos, que a louvam com todas as cordas do coração;

assim como existem, de outro lado, e aparentemente em maior número, pessoas que falam mal dela com todo o veneno que são capazes.

Arrojo (2002, p. 76) classifica a tradução como produtora de significados:

Ao considerarmos a tradução uma atividade essencialmente produtora de significados, e ao considerarmos o trabalho do tradutor pelo menos tão complexo quanto a do escritor de textos originais, fica evidente que não pode haver fórmulas mágicas nem atalhos fáceis para se aprender a traduzir.

Traduzir não pode ser meramente o transporte ou a transferência de significados de uma língua para outra, porque o próprio significado de uma palavra, ou de um texto, será determinado através de uma leitura.

Para alguns, a problemática está naqueles que acreditam que a tradução deve seguir as palavras do original, enquanto para outros, deve corresponder às idéias do original. As opiniões são as mais diversas possíveis. O fato é que todos acabam recorrendo a ela, pois ninguém é capaz de dominar com perfeição todas as línguas nas mais diversas partes do mundo, nem mesmo aquelas que foram faladas em épocas distantes e hoje são consideradas como “mortas”.

## 2.2 O MÉTODO TRADUÇÃO-GRAMÁTICA

Puren et al. (1988) citado por Cestaro (2003) expõe que na Europa, durante a Idade Média, a Língua Latina possuía muito prestígio, sendo considerada a língua da Igreja, dos negócios, das relações internacionais, das publicações filosóficas, literárias e científicas. Já Saviani et al. (1996) citado por Cestaro (2003) relata que no século XVI exigia-se dos educadores o bilinguismo: o latim como língua culta e o vernáculo como língua popular. Assim, no final da Idade Média e começo da Renascença, as línguas vernáculas – o francês, o italiano, o inglês, o espanhol, o alemão e o holandês – tornaram-se cada vez mais importantes e o latim, cada vez menos usado na oralidade. À medida que diversas línguas nacionais suplantaram o latim como língua de comunicação, elas se tornaram objeto de aprendizagem escolar. Vale salientar que é o modo de ensino do Latim que prevalece durante toda a Idade Média e que o ensino das línguas vivas ou modernas vai se basear no modelo de ensino do Latim.

A partir do século XVIII, os textos em língua estrangeira tornam-se objeto de estudo; os exercícios de versão/gramática passam a substituir a forma anterior de ensino que partia de frases isoladas tiradas da língua materna. É com base nesse modelo de ensino que o século XVIII assistirá à consagração do chamado “método tradução-gramática” mais comumente chamado de “tradicional” ou “clássico”.

A abordagem tradicional, historicamente, a primeira e mais antiga metodologia servia para ensinar as línguas clássicas como grego e latim. Germain et al. (1993) citado por Cestaro (2003) diz que é a concepção de ensino do latim; língua morta, considerado como disciplina mental, necessária à formação do espírito que vai servir de modelo ao ensino das línguas vivas. Os objetivos desta metodologia que vigorou até o início do século XX, era o de transmitir um conhecimento sobre a língua, permitindo o acesso a

textos literários e um domínio da gramática normativa. Propunha-se a tradução e a versão como base de compreensão da língua em estudo. O dicionário e o livro de gramática eram, portanto, instrumentos úteis de trabalho.

A aprendizagem da língua estrangeira era vista como uma atividade intelectual em que o aprendiz deveria memorizar as regras e os exemplos, com o propósito de ter o domínio na morfologia e na sintaxe. Os alunos recebiam e elaboravam listas exaustivas de vocabulário. As atividades propostas tratavam de exercícios de aplicação das regras da gramática, ditados, tradução e versão. A relação professor/aluno era vertical, ou seja, ele representava a autoridade no grupo/classe, pois detinha o saber. Pouca iniciativa era atribuída ao aluno; a interação professor/aluno era praticamente inexistente. O controle da aprendizagem era, geralmente rígido e não se permitia errar.

De acordo com Prator e Celce Murcia et al. (1979) citado por Santana (2003), as características fundamentais do Método de Tradução de Gramática são:

- Aulas são ministradas na língua materna, com pequeno uso ativo do idioma designado;
- O vocabulário é ensinado na forma de listas de palavras isoladas;
- Pequena ou nenhuma atenção é dada à pronúncia;
- Pouca atenção ao conteúdo de textos, que são tratados como exercícios em análise gramatical;
- A leitura de difíceis textos clássicos começa-se cedo;
- Elaboração de longas explicações sobre a complexidade da gramática que é dada;
- Provê as regras gramaticais e focaliza-se na inflexão de palavras.

Diane Larsen-Freeman, em seu livro *Techniques and Principles in Language Teaching* et al (1986) citado por Freitas (s.a) proporciona algumas descrições técnicas associadas ao Método de Tradução de Gramática seguindo da seguinte forma:

- Tradução de passagem literária (traduzindo idioma designado a idioma nativo);
- Ler questões de compreensão (achando informação em uma passagem, fazendo conclusões e relacionando a experiência pessoal);
- Antônimos/Sinônimos (achando antônimos e sinônimos para palavras ou jogos de palavras);
- Aplicação dedutiva de regra (entendimento das regras gramaticais e aplicando-os em novos exemplos);
- Preencher os espaços em branco (Preenchimento de aberturas em orações com palavras novas ou artigos de uma gramática particular);
- Memorização (memorização de listas de vocabulários, regras gramaticais e paradigmas gramaticais);
- Uso das palavras em orações (os estudantes criam orações para ilustrar o conhecimento, o significado e o uso de palavras novas);
- Composição (os estudantes escrevem sobre um tópico que usa o idioma designado).

O primeiro grande movimento em oposição ao método tradicional de gramática e tradução ocorreu por volta dos anos 50, quando o behaviorismo na área da psicologia e o estruturalismo na área da lingüística estavam na moda. Os linguistas de então

passaram a valorizar a língua na sua forma oral. Sustentavam que o aprendizado de línguas estaria relacionado a reflexos condicionados, e que a mecânica de imitar, repetir, memorizar e exercitar palavras e frases seria instrumental para se alcançar habilidade comunicativa. Esta visão acabou dando origem aos métodos áudio-orais e audiovisuais, baseados em automatismo e atrelados a planos didáticos tipo Livro 1, Livro 2, etc. Tais métodos não dependem de instrutores realmente proficientes na língua estrangeira, por isso, são mais fáceis de serem montados e baratos de serem mantidos, sendo por esta razão até hoje bastante populares em cursinhos de inglês no Brasil. Com o declínio da popularidade da metodologia áudio-linguística, alguns cursos retornaram parcialmente ao método de tradução e gramática, acrescentando livros de exercícios escritos a seus programas.

### 2.3 MÉTODO DIRETO

O método direto tem esse nome devido à forma de abordar a língua alvo diretamente sem tradução para a língua nativa. As aulas são totalmente ministradas na língua alvo desde o início, através de situações baseadas na vida real. O conteúdo é introduzido pelo professor através de objetos também reais ou de figuras, fotos, gestos, para que o aluno associe o significado da língua estrangeira diretamente, sem tradução para a língua nativa. A iniciativa da conversação parte tanto do professor quanto dos alunos, que também conversam entre si. A gramática nunca é apresentada explicitamente, mas deve ser intuída pelos alunos.

Suas principais técnicas, segundo Larsen-Freeman et al (1986) citado por Freitas (s.a) são:

- Leitura em voz alta de passagens, peças ou diálogos;
- Exercício de pergunta e resposta conduzido na língua alvo;
- Prática de conversação sobre situações reais;
- Ditado de textos na língua alvo;
- Exercícios de completar espaços para avaliar intuição de regras ou vocabulário;
- Desenho induzido por ditado do professor ou dos colegas;
- Composição escrita de assuntos escolhidos em sala.

### 2.4 MÉTODO ÁUDIO-LINGUAL

Muitas são as semelhanças entre o método Audio-Lingual e o Método Direto. Embora sejam também muitas as diferenças. Ele surgiu a partir das ideias geradas pela linguística descritiva e pela psicologia behaviorista. Sua meta é tornar os alunos capazes de usar a língua alvo comunicativamente. Para isso, eles devem aprendê-la automaticamente sem parar para pensar, formando novos hábitos na língua alvo e superando os antigos hábitos de sua língua nativa. O conteúdo é estrutural, sendo apresentado em diálogos iniciais. Esses diálogos são aprendidos com memorização, imitação e repetição. A partir deles, são conduzidos exercícios para fixação dos conteúdos e vocabulário. Tais exercícios incluem muita repetição e jogos de pergunta-resposta. As respostas certas dos alunos são reforçadas positivamente com prêmios ou



elogios. A gramática é introduzida pelos elementos dados no diálogo, mas não são comuns explicações explícitas de regras. Há uma constante interação aluno-aluno, especialmente nos jogos de repetição ou “drills”, quando estes se revezam nos diferentes papéis do diálogo. Mas, esta interação é dirigida pelo professor, que é responsável por proporcionar aos alunos um modelo de fala, além de dirigir e controlar seu aprendizado linguístico de forma facilitadora. A competência oral recebe maior atenção. A pronúncia é ensinada desde o começo, geralmente com os alunos trabalhando em laboratórios de línguas e em atividade em pares.

Suas principais técnicas são, segundo Larsen-Freeman et al (1986) citado por Freitas (s.a):

- Memorização de diálogos;
- Conversação em pares;
- Dramatização de diálogos memorizados;
- Memorização de frases longas parte por parte;
- Jogos de repetição (para memorizar estruturas ou vocabulário);
- Jogos de pergunta-resposta (para praticar estruturas);
- Jogos de completar diálogos;
- Jogo de construção de frases a partir de pistas (palavras) dadas;
- Jogo de transformação de frases negativas em afirmativas, etc.;
- Jogos para diferenciar palavras parecidas (sheep / ship).

## 2.5 SILENT WAY (OU MÉTODO SILENCIOSO)

A aquisição linguística é vista aqui como um processo no qual as pessoas, através do raciocínio, descobrem e formulam regras sobre a língua aprendida. Esta aprendizagem visa à expressão do pensamento, percepção e sentimento dos alunos. Para isso eles precisam desenvolver autoconfiança e independência. É o aluno quem constrói seu aprendizado, sendo que o professor pode incitar sua percepção, provocar seu raciocínio. O “silêncio” é uma ferramenta para esse fim. O professor dá uma situação, propõe uma estrutura, por exemplo, “Take a red...”, (olhando para uma ficha vermelha) e depois se silencia (os alunos devem perceber que ele pediu a cor vermelha). A todo o momento os alunos são incitados a pensarem e o silêncio do professor os obriga a se ajudarem mutuamente. Fichas com cores, ou sinais que representem sons ou palavras são constantemente usados. Os alunos começam seu aprendizado pelos sons da língua, vendo o professor manipular essas fichas. Cada cor representa um som. Pouco a pouco, os alunos vão formando palavras com a associação dessas fichas. O professor cria situações que focalizam a atenção dos alunos para a estrutura da língua. Com o mínimo de pistas faladas, os alunos são conduzidos a produzir a estrutura.

As principais técnicas, segundo Larsen-Freeman et al (1986) citado por Freitas (s.a) são:

- O silêncio do professor;
- Correção em pares;
- Uso de fichas coloridas associadas a sons ou palavras;
- Autocorreção;

- Uso de gestos;
- Quadro de palavras;
- Avaliação da lição no final da aula pelos alunos.

## 2.6 SUGGESTOPEDIA (SUGESTOPEDAGOGIA)

O método parte do princípio de que a aprendizagem linguística é normalmente “atrasada” em decorrência de “barreiras” que o próprio aprendiz se impõe, por medo ou auto-sugestão. A conciliação do estudo da “sugestão” e da pedagogia, que dá nome ao método, procura ajudar os alunos a superarem essas barreiras. Por isso, há muita ênfase no sentimento dos alunos e na necessidade de ativação de suas potencialidades cerebrais. Portanto, o ambiente de estudo deve ser relaxante e confortável, e o aluno precisa confiar no professor para que ele possa ativar sua imaginação e ajudá-lo na aprendizagem. Pôsteres com informações gramaticais são dispostos pela sala e trocados periodicamente para incitar a aprendizagem periférica do aluno, ou seja, sua capacidade de aprender através de estímulos externos, pelas coisas que o cercam no ambiente escolar e que não são às vezes objetivamente explicitadas numa lição.

A apresentação do conteúdo é feita em duas etapas. Na primeira, chamada de fase receptiva, o professor lê um diálogo ao ritmo de uma música de fundo. Este procedimento não só ajudaria a manter o ambiente relaxante como também ativaria os dois lados do cérebro dos estudantes. Estes acompanham a leitura do professor e checam a tradução. Posteriormente, o professor repete a leitura enquanto os alunos apenas ouvem e relaxam. Em casa, eles releem o mesmo texto antes de dormir e quando acordam, a fim de fixarem o conteúdo. A segunda fase, a fase ativa, visaria à prática das novas estruturas. Nesse momento, os alunos organizam atividades de dramatização, jogos, música e exercícios de pergunta-resposta.

As principais técnicas segundo Larsen-Freeman et al(1986) citado por Freitas (s.a) são:

- Adequação da sala a tipo certo de luz, cadeira, decoração, etc.;
- Uso de pôsteres nas paredes com informações gramaticais;
- Visualização com olhos fechados de cenas imaginárias;
- Criação de nova identidade descrita pelos alunos;
- Dramatização de situação improvisada;
- Leitura ao ritmo de músicas;
- Escuta de leitura com olhos fechados;
- Leitura dramatizada de pequenos textos (os alunos leem rindo, chorando, cantando, etc.).

## 2.7 COMMUNITY LEARNING (COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM)

Uma das principais crenças desse método é a de que os alunos devem ser vistos como “pessoas por inteiro” Larsen-Freeman et al (1986) *apud* Freitas (s.a), onde não só os sentimentos e intelecto de cada um contam, mas principalmente o modo como relacionam suas reações físicas, instintivas e sua vontade de aprender entre si. O

professor precisa estar sempre alerta para a necessidade de apoio que seus alunos têm com relação a seus medos e inseguranças na aprendizagem. Para isso, é fundamental construir um bom relacionamento comunitário na classe; assim, o próprio professor deverá ocupar uma posição menos autoritária e ameaçadora, sentando-se na mesma posição dos alunos. Estes necessitam estar sempre bem informados quanto ao que deve acontecer em cada atividade, e suas limitações individuais devem ser levadas em conta na hora da cobrança. Deste modo, sentem-se mais seguros. É importante que os alunos sintam-se de certa forma com o controle da interação para tornarem-se mais responsáveis pelo seu próprio aprendizado. A cooperação, e não a competição, deve ser incentivada. A aprendizagem linguística visa à comunicação e expressão de ideias. A língua nativa pode ser usada como apoio pelos alunos, que muitas vezes constroem frases a partir de blocos de palavras traduzidas pelo professor. É costume os alunos gravarem estas frases em pedaços e depois transcrevê-las por inteiro em textos. Novas frases podem ser criadas a partir dessas iniciais e pontos gramaticais de pronúncia ou de vocabulário podem ser daí extraídos. Os alunos são constantemente convidados a dizer como se sentem e o professor deve ser capaz de compreender suas reações e conduzi-los a uma aprendizagem sempre melhor.

As principais técnicas, segundo Larsen-Freeman et al (1986) citado por Freitas (s.a) são:

- Gravação da conversa dos alunos;
- Transcrição das gravações;
- Uso de gravações para corrigir ou reforçar pronúncia;
- Formulação de novas frases a partir de outras já gravadas;
- Tarefas em pares ou em pequenos grupos;
- Reflexão aberta sobre as atividades em sala.

## 2.8 TOTAL PHYSICAL RESPONSE (TOTAL RESPOSTA FÍSICA)

Este método está ligado a uma abordagem de ensino de línguas chamada de “abordagem de compreensão“. Ele é assim denominado, pois, ao contrário de outros métodos que enfocam as habilidades de fala primeiramente, enfatiza a compreensão auditiva. Essa postura vem da observação de que as crianças passam um certo tempo expostas à língua materna através da audição e somente após um certo período é que começam, então, a esboçar as primeiras formas de conversação oral. Em muitos pontos, esta abordagem se assemelha ao método direto, no entanto, a diferença básica é que aqui a língua materna pode ser usada no início para facilitar a aprendizagem dos alunos.

Um dos enfoques desta abordagem é a aprendizagem prazerosa da língua. Espera-se que o estudante realmente goze do prazer de aprender. Para isso usam-se muitas atividades divertidas e engraçadas e, o movimento corporal é um grande recurso para ajudar na compreensão. Muitas estruturas são aprendidas e praticadas através de comandos. O professor dá um comando, por exemplo, “hands up”, e mostra o gesto para que os alunos assimilem a ordem e o movimento certo. Quando os alunos já repetiram uma série de comandos, eles então passam a demonstrá-los ao resto da turma. Após terem

domínio de uma série deles, os alunos aprendem a lê-los e escrevê-los e, somente após uma certa exposição às novas estruturas, começa-se a falar e ditar outros comandos.

As principais técnicas, segundo Larsen-Freeman et al (1986) citado por Freitas (s.a) são:

- Uso de comandos pelo professor para ditar um comportamento aos alunos;
- Uso de comandos pelos alunos para o professor executar;
- Ação seqüencial (o professor dita uma série de ações de uma só vez e o aluno a executa, por exemplo, “take out a pen, take out a piece of paper, write an imaginary letter, fold the letter, put it in an envelop, write the address on the envelop, put a stamp on it and mail it”).

## 2.9 ABORDAGEM COMUNICATIVA

A meta desta abordagem é tornar os alunos comunicativamente competentes. Assim, a aprendizagem linguística é vista como um processo de comunicação no qual o simples conhecimento das formas da língua alvo, seu significado e funções, são insuficientes. É preciso ser capaz de usar a língua apropriadamente dentro de um contexto social. O falante tem de saber escolher entre diferentes estruturas a que melhor se aplica às circunstâncias da interação entre ele e o ouvinte ou, entre o escritor e leitor. Por exemplo, “o falante desenvolve várias formas sutis para mostrar desagrado, recusar, aceitar, convidar, pedir algo etc.” NEVES et al (1996) *apud* Paiva (1996). Isso envolve o domínio não só de competência gramatical ou linguística, mas também de habilidades sociolingüísticas, discursivas e estratégicas.

Com o intuito de desenvolver essas habilidades, a mais marcante característica desse método é a prática de realizar atividades que envolvam comunicação real. Tal comunicação ocorre quando os sujeitos são livres para trocarem conhecimentos. Num jogo de pergunta-resposta no qual os alunos são obrigados a repetirem estruturas preestabelecidas, por exemplo, “what day is today? \_ Today is Tuesday \_ sendo que ambos conhecem a resposta, não havendo, portanto comunicação real, mas apenas a prática mecânica de estruturas. Para usar realmente as potencialidades comunicativas, os alunos resolvem problemas, discutem idéias e posições, jogam, fazem dramatizações, etc. O uso de material autêntico como artigo de revista, jornal, trechos de programas de rádio e TV também é muito importante para que os alunos tenham acesso à língua como ela é, usada efetivamente por seus falantes. Exploram-se muito atividades de conversação em pequenos grupos, dessa forma, maximiza-se o tempo de uso da língua pelos alunos.

As principais técnicas segundo Larsen-Freeman et al (1986) citado por Freitas (s.a) são:

- Uso de material autêntico;
- Texto com frases desordenadas para os alunos ordenarem;
- Jogos de cartões com pistas para os alunos fazerem perguntas autênticas e obterem repostas também pessoais;
- Uso de figuras em seqüência, sugerindo estórias que os alunos tentam prever;

- Dramatização de cenas propostas pelos alunos ou professor.

### 3 METODOLOGIA

Neste trabalho, os dados obtidos na pesquisa foram coletados através de questionário de perguntas fechadas aplicados para alunos e professores das escolas de Ensino Médio no município de Nova Venécia.

Atualmente, as escolas públicas de Ensino Médio Titos dos Santos Neves e Veneciano são as únicas que oferecem aos seus alunos a disciplina de Língua Inglesa para a aprendizagem de uma segunda língua.

A escola Veneciano está localizada próxima ao centro da cidade. Já a escola Titos dos Santos Neves, com sua sede no bairro Rúbia, tem como ponto forte a localização por atender o maior bairro da cidade e demais bairros próximos que constituem a parte alta da cidade, assim conhecida como “Cidade Alta”. Desta forma, ambas as escolas atendem a um público grande.

Foi constatado que a maioria dos alunos entrevistados (79,83%) não fez nenhum curso destinado ao aprendizado da língua inglesa, o que indica que os alunos entram no Ensino Médio sem ter um conhecimento da língua adequado. Assim, as escolas precisariam de profissionais qualificados para atender à deficiência desses alunos, porém os dados apresentados comprovaram que 66,67% dos professores entrevistados possuem menos de 05 (cinco) anos de experiência e que estão concluindo o ensino superior. Nesse resultado todos os professores estão ministrando a disciplina de Língua Inglesa pela primeira vez, há menos de 04 (quatro).

Foi observado que (14,29%) dos alunos, sentem-se desmotivados na aula de língua inglesa por não gostarem da disciplina e que (54,63%) consideram as matérias difíceis e (34,45%) responderam que essas dificuldades se devem à falta de vocabulário, assim, (23,52%) afirmaram que a deficiência concentra-se na dificuldade de compreensão em expressões orais. Desta forma, nas aulas que são ministradas pelos professores de língua inglesa não é dada a devida importância para a oralidade dos alunos que por esse motivo, não conseguem aprender o vocabulário que é passado ao longo da aprendizagem da disciplina, o que foi comprovado que (53,79%) dos alunos, responderam que o método mais utilizado pelos professores é o método gramática e tradução (35,29%) o que comprova que as aulas são ministradas através do método tradução-gramática, ou seja por mais antigo que seja tal método, ainda hoje ele é utilizado nas escolas de ensino médio, para a aquisição de uma língua estrangeira.

Mesmo sendo antigo e muito utilizado nas escolas nos dias atuais, observa-se que os alunos não gostam do método tradução-gramática. Se os docentes direcionassem suas aulas para outros métodos de aprendizagem, poderiam fazer com que os alunos gostassem de outros métodos e provavelmente o índice de desmotivação cairia.

O trabalho aqui desenvolvido foi de muito valia, pois todos admitem a importância de se conhecer a língua inglesa e saber colocá-la em uso efetivo. Por isso vê-se muitas

pesquisas na área de aquisição da segunda língua, ainda em andamento. Após um balanço sobre os pontos fortes e os pontos fracos deste trabalho, seria interessante registrar:

#### **Pontos fortes**

- Contato com a opinião do aluno sobre o próprio aprendizado;
- Levantamento junto aos professores, que provocou, no mínimo, reflexões sobre o seu trabalho, convertendo-se em diretrizes para consolidação de posturas;

#### **Pontos fracos:**

- Número pequeno de estabelecimentos de ensino médio no município de Nova Venécia que oferecem a língua inglesa como aprendizado de uma língua estrangeira na escola. Se a escola estadual oferecesse a língua inglesa para aquisição de uma língua estrangeira, o trabalho poderia ter um número maior de professores respondendo ao questionário.

## **REFERÊNCIAS**

1. ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2002.
2. BRASIL. MEC. **Parâmetros curriculares nacionais: língua estrangeira / ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.
3. BUENO, Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD.
4. CAMPOS, Geir. **Como Fazer Tradução**. Petrópolis: Vozes, 1987.
5. CESTARO, Selma Alas Martins. O Ensino da Língua Estrangeira: História e Metodologia. Disponível na Internet. <http://www.hottopos.com.br/videturb6/selma.htm>. 18 de maio.2005.
6. FERRÃO, Romário Gava. **Metodologia científica para iniciantes em pesquisa**. Linhares, ES: Unilinhares/Incaper, 2003.
7. LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and principles in language teaching**. New York: OUPress,1986. In: FREITAS, Lúcia Gonçalves de. **Metodologias de Ensino de Língua Estrangeira**. Disponível na Internet. <http://www.serradigital.com.br/lucia/metodos.htm>. 20 de abril. 2005.
8. MATTAR, Fauze N. **Pesquisa de marketing: edição compacta**. São Paulo: Atlas, 2001.

9. NEVES, M. S. **Os mitos de abordagens tradicionais e estruturais ainda interferem na prática em sala de aula.** 1996. In: PAIVA, V. L. M. O. **Ensino de língua inglesa**, Reflexões e experiências. Belo Horizonte: Pontes/UFMG, 1996. P. 69-80.
10. **PASSWORD:** English Dictionary for speakers of Portuguese. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
11. PRETTI, Oreste. **A aventura de ser estudante:** um guia metodológico. 3. Ed. Cuiabá: EdUFMT, 2001.
12. RICHARDS, Jack & RODGERS, Theodore S. **Approaches and methods in Language Teaching.** 2. ed. Cambridge University Press, 2001.
13. SANTANA, P.O. **Learning a language:** an analysis of the methods, approaches and techniques of the second Language Learning. Nova Venécia: 2003, 75 p. Monografia (Língua Inglesa) – Faculdade da Região dos Lagos, 2003.

## **UM OLHAR PEDAGÓGICO NA CONCEPÇÃO ROUSSENIANA: uma interseção aos saberes históricos advinda do Iluminismo**

**Marília Alves Chaves<sup>9</sup>**

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo expor dentro de uma sustentação histórica a ruptura dos anseios educacionais medievais e a ascensão iluminista ao despertar do processo educacional desenvolvido por Rousseau, além de firmar um paralelo com as práticas pedagógicas pós-modernas. Tal perspectiva contribui para a percepção da pedagogia contemporânea como resultado de anseios educacionais advindos do fim do período medieval. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste está respaldada em um amplo embasamento teórico e sob reflexões na prática pedagógica pós-moderna. Portanto percebe-se que teorias utilizadas hoje no processo educacional emergiram do mundo das ideias, do naturalismo e da cientificidade leiga advindas do Iluminismo.

**Palavras-chave: Educação, Iluminismo, Prática Pedagógica.**

### **ABSTRACT**

This article aims to explain within a historical support the disruption of medieval educational aspirations and Illuminism growing to the awakening of the educational process developed by Rousseau, and also try to establish a parallel with the postmodern pedagogical practices. This perspective contributes to the perception of contemporary pedagogy as a result of educational aspirations arising from the late medieval period. The methodology used for the development of this work is based on a broad theoretical and practical reflections about postmodern teaching. So we realize that theories used today in the educational process emerged from the world of ideas, Naturalism and the resulting scientism from the Illuminism.

**Keywords:** Education, Illuminism, pedagogical practice.

## **1 INTRODUÇÃO**

Romper com os preceitos da educação medieval era o desafio dos Iluministas. É num cenário de ascensão de uma nova classe dominante, à luz das revoluções burguesas e a seguinte queda do Antigo Regime, que o Iluminismo sustentado no poder da Razão Humana e o Ideal Liberal de Educação se constroem.

---

<sup>9</sup> Licenciatura Plena em História, Pós-graduada em História Social da Educação no Brasil. Professora da Faculdade Norte Capixaba de São Mateus.



A dialética presente no discurso educacional se identifica no Deísmo, ou seja, a luta pelo fim do fanatismo e a não aceitação a Deus como único supremo. Na França verbetes de Voltare, D' Alembert, Diderot, Helvetius, Rousseau e Montesquieu, na Inglaterra, Newton e Reid, herdeiros de Locke e Hume e na Alemanha, Wolf, Lessing, Baumgarten e Kant, fazem difundir no cenário intelectual e a maneira natural de liberdade da inteligência humana. A estes cabem o discurso de que a escola deve ser leiga e não religiosa.

O processo educacional em foco de Rousseau despertou críticas no campo acadêmico, dando margem e sustentação à pedagogia contemporânea firmando o discurso e a prática descrita em sua obra Emílio o que permite a indagação: “Como seria possível a educação natural de Emílio em uma sociedade corrompida”...

Assim é neste contexto histórico e educacional que as inquietações para a concretização do pensamento do homem e pelo ideal liberal de educação se desenvolvem e perduram até os dias atuais.

## **2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO XVIII E A ASCENSÃO ILUMINISTA NA EDUCAÇÃO**

O século XVIII ou Século das Luzes é marcado pela ascensão iluminista em alguns centros da Europa, entendido como um movimento intelectual que correspondia aos interesses daqueles que almejavam mais liberdade política e econômica.

O termo Iluminismo refere-se à razão (luz), a capacidade humana de conhecer compreender e julgar, de modo geral os pensadores defendiam a liberdade de expressão e a educação para o povo, além de inspirar o confronto entre o Antigo Regime e a burguesia que juntamente com o Movimento de Independência das colônias buscavam os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, aspirados no mundo pela Revolução Francesa.

Este pensamento de Kant e Fichte se prolongará no século XIX como uma “razão prática”, a práxis, a intervenção racional do mundo. Assim o homem pode construir-se e encontrar-se em sua inteligência e coração por sua própria intervenção crítica do mundo social.

No Brasil, o movimento Iluminista foi vivenciado pelas Conjurações Mineira e Baiana. Sustentando o poder da razão humana e conseqüentemente o Deísmo, teoria que sustenta que não há mais lugar para os dogmas nem para o fanatismo religioso.

Apesar de o Marquês de Condorcet, deputado da assembleia legislativa francesa defender a pedido de Robespierre um Plano Nacional de Educação e a Instrução Pública adjunta de um saber necessário à educação que ganhará força apenas no século XIX, algumas ideias educacionais para uma educação de responsabilidade do Estado não foram postas em prática.

O pensamento pedagógico liberal enfrentou inúmeras dificuldades para romper com o pensamento do “século das trevas” (período medieval), dentre elas a ausência da qualificação profissional dos mestres e a excessiva teoria literária dos conteúdos ainda pouco científicos. Os mestres mal pagos e muito insatisfeitos pelo fato de não conseguirem disciplinar as turmas, que se viam ociosas em meio a percepção da falta de cientificidade dos conteúdos, passaram a utilizar castigos corporais como refúgio para obtenção da disciplina.

Quanto ao ensino superior, ainda era escolástico, apoiando a fé na razão e na cristianização da Filosofia e na lógica aristotélica para a educação onde tudo se deduz na vontade de Deus.

No início do século XIX, período Napoleônico as tendências liberais são abandonadas e o Estado por plenos anseios políticos volta-se para o Ensino Médio, objetivando um ensino particular que propagasse o ideal liberal de educação e abandona o ensino primário que retorna às mãos do clero.

A Pedagogia ainda vislumbra o sonho de dar a um Estado submisso ao povo, o papel da educação leiga, ou seja, sem os ideários religiosos de manipulação partidária. Este sonho ecoou ao século XIX no naturalismo de Rousseau, na Pedagogia Idealista de Kant e em Pestalozzi que pertenceu ao século XVIII mas, prevaleceu no século XIX, Diderot, D’ Alembert, Voltaire, Rousseau e Helvetius que não eram educadores, mas, continuaram ao longo da História desmistificar as superstições e a obscuridade teórico-religiosa.

### **3 A PEDAGOGIA NATURALISTA DE ROUSSEAU E AS HERANÇAS PEDAGÓGICAS DA PÓS-MODERNIDADE**

É de responsabilidade iluminista as reflexões de uma política educacional centrada no esforço de buscar uma escola leiga, ou seja separada dos ideais religiosos e de responsabilidade do Estado.

Jean Jacques Rousseau, natural de Genebra, na Suíça, tal como Locke criticou o absolutismo e estendeu a educação à doutrina liberal. Para Rousseau o indivíduo em estado de natureza é bom, mas se corrompe na sociedade e destrói sua liberdade.

É de práxi dizer que ele provocou uma revolução copernicana, ou seja, assim como Copérnico tirou a Terra do centro do Universo, Rousseau tirou o professor do centro dos interesses pedagógicos e em seu lugar colocou o aluno, que afirma “Viver é o que eu desejo ensinar-lhe. Quando, ele sair das minhas mãos, ele não será um magistrado, soldado ou sacerdote, ele será, antes de tudo um homem”.

Como admirador da natureza, Rousseau quer retomar o contato com as plantas, os animais e fenômenos físicos, além de valorizar a experiência, a educação ativa voltada para a vida, para a ação motora que é a curiosidade.

É Rousseau um dos destaques do desenvolvimento iluminista no contexto educacional, movimento que vai contestar não somente a estrutura política, religiosa e pedagógica por meio de um novo olhar sobre o ser humano, mas propor uma nova maneira de educar o indivíduo.

No contexto educacional do Iluminismo e de Rousseau, a criança deveria ser educada de maneira natural, com a finalidade de que fosse despertada a bondade e as qualidades naturais do ser humano. A escola, segundo Rousseau, cabia o papel do Estado e a mesma não deveria ser religiosa, mas, leiga estando livre para os sentidos e para a razão de uma educação popular.

O processo pedagógico que Rousseau desenvolve, está totalmente relacionado ao conceito de liberdade, assim Rousseau expõe um modelo de educação para crianças com métodos bem diferentes daqueles tradicionais existentes em sua época.

O desenvolvimento afetivo dos adultos para com as crianças, na França do século XVIII, era algo que necessitava de intervenção. Mesmo existindo o amor pelos filhos, dificilmente admitiam amar as crianças pelo que elas eram, mas sim, por aquilo que deveria ser traçado enquanto um ideal do adulto. Até a mortalidade infantil não significava uma perda para a sociedade, pois era considerada algo natural para o indivíduo.

A visão social da época tinha a criança como um “adulto em miniatura” e as mesmas tinham que começar a trabalhar muito precocemente, e até mesmo vestirem-se como adultos consequentemente, participando inclusive das festas que somente adultos participariam.

Nos meandros políticos que Rousseau expõe no contrato social se constitui a primeira essência de uma nova democracia, mas sem dúvida o direcionamento que o mesmo apresenta são os princípios da vontade coletiva para o social que almeja também para o processo educacional

A educação natural se presume na recusa ao intelectualismo, ou seja, a pessoa não se reduz ao intelecto – razão, mas também na razão sensitiva como delimitou Platão em sua teoria do Mundo dos Sentidos.

Dentre as críticas atribuídas a Rousseau está a de propor uma educação negativa, por não estimular o contato entre os homens, mesmo assim percebe-se que é perpetua a indignação de como seria Emílio em uma sociedade corrompida pelo próprio homem em outros autores que expressam suas preocupações quanto ao processo educacional, como Emília Ferreiro,

Respaldado nos anseios educacionais de Rousseau, baseado em Emílio e na existência do ser, que os preceitos educacionais iluministas também atingem Portugal servindo de base para importantes reformas no ensino.

Estes, assim como Rousseau permeiam a educação não como uma simples transmissão da herança dos antepassados e sim como define Libâneo, “educar é conduzir de um

estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação. O ato pedagógico pode, então ser definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais, tanto no nível intrapessoal como no nível da influência do meio”, sobretudo este com a participação ativa do educando.

Conclui-se que a educação como parte integrante do processo histórico é ponto de partida e de chegada no processo educacional, evidenciada de fato na ascensão iluminista e no ideal liberal de educação de Rousseau que constitui um marco para a pedagogia contemporânea.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo histórico trouxe a percepção de que as mudanças nas relações sociais, políticas e econômicas entre os homens transpõem mudanças no contexto educacional.

Desde a decadência medieval as teorias educacionais em foco a de Rousseau, numa perspectiva liberal ansiavam pela ruptura dominante da obscuridade do medievo. O século das Luzes trouxe em meio a críticas advindas de seu próprio cenário a possível concretização deste sonho.

Portanto, percebe-se que o histórico pedagógico desenvolvido por Rousseau, onde o discente não deveria ser reduzido à dimensão apenas intelectual, como se a natureza pudesse ser apenas razão e reflexão, mas, sim estas deveriam estar vislumbradas dos sentidos, das emoções e das virtudes ganharam espaço nos saberes pedagógicos modernos e estimularam o desenvolvimento da Escola Nova. Assim, apesar das críticas devido à educação de Emílio, os anseios pedagógicos de Rousseau de fato contribuíram para a construção de um saber pedagógico coletivo e qualitativo, para o pleno desenvolvimento de um processo ensino aprendizagem com saberes não apenas teórico-racionais, mas de fato, um saber humanístico e de “Mundo”.

#### REFERÊNCIAS

1. REIS, José Carlos. **A história entre a Filosofia e a Ciência**/José Carlos Reis.- 3.ed.,1 reimp.- Belo Horizonte: Autentica, 2006.
2. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**/Maria Lúcia de Arruda Aranha.- 3 ed. Ver. e ampl. – São Paulo: Moderna 2006.
3. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**/ Maria Lúcia de Arruda Aranha.-São Paulo: Moderna 1992.
4. HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**/Regina Célia Cazaux Haydt,- São Paulo: Ática 1999.

# A TECNOLOGIA É ALIADA OU VILÃ DA EDUCAÇÃO? REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO E OS DESAFIOS DA MODERNIDADE

Gilmara Gomes da Silva Sarmento<sup>10</sup>

## RESUMO

Este artigo pretende abordar alguns aspectos vistos como desafios enfrentados pela educação em face do capitalismo e do desenvolvimento tecnológico e científico subsequente. Pretende refletir sobre a influência da tecnologia na construção do conhecimento interrogando: seriam tais tecnologias colaboradoras na busca do conhecimento ou apenas um mecanismo de reafirmação da ética da vantagem? Até que ponto as ferramentas tecnológicas ajudam na aprendizagem ou aliena o indivíduo do saber? Para as análises aqui realizadas contou-se com a experiência dos autores como educadores e de outros professores que atuam no ensino fundamental, médio e superior.

**Palavras-Chave:** capitalismo; conhecimento; aprendizagem

## ABSTRACT

This article intends to approach some aspects seen as challenges faced by the education due the capitalism and its subsequent technological and scientific development. Its intention is to reflect about the influence of technology in the construction of knowledge by asking: Would such technologies be co-operative in the search of knowledge or would they only be a mechanism to reaffirm the advantage of the ethics? To what extent can the technological tools help in the learning process or alienate the individual away from it? The analysis presented here counted on the authors experiences as well as educators and other teachers that work in elementary, high school and academic levels.

**Key-words:** capitalism; knowledge; learning

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho procurar analisar alguns efeitos do progresso tecnológico sobre a Educação na sociedade contemporânea. Visto que desde a Revolução Industrial, a tecnologia tem tomado parte das atividades humanas cotidianas, desde as mais elementares às mais complexas. Ela se manifesta no âmbito doméstico, no campo do trabalho, nos momentos de lazer, de estudo, etc. Com maior ou menor grau de acesso, todos os membros da sociedade atual se relacionam de um modo ou de outro com os

---

<sup>10</sup> Graduada em Economia Doméstica na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Mestre em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

dispositivos tecnológicos disponíveis. O consumo crescente de aparelhos eletroeletrônicos, por exemplo, evidencia isso e torna o homem incapaz de pensar o mundo sem a ajuda desses equipamentos, ferramentas e recursos tecnológicos modernos.

Sem dúvida, o progresso técnico-científico melhorou em muitos aspectos a vida do homem atual, contudo, também evidencia efeitos nocivos à própria existência da espécie humana. Basta lembrar que as descobertas químicas e biológicas possibilitaram produzir tratamentos, medicamentos e vacinas contra doenças e enfermidades que acometiam a humanidade, mas também que certos avanços ameaçam a existência futura, uma vez que podem ser utilizados pelo próprio homem contra si e contra o planeta (natureza). Seja sob a forma de armas químicas (como aconteceu na Segunda Guerra), seja forma biológica (vírus, bactérias e fungos letais cultivados em laboratório) que possuem ambos altíssimos graus de destruição.

Essa ameaça tende a aumentar uma vez que a hegemonia e o poder estão cada vez mais associados à capacidade de descobrir, produzir e monopolizar alta tecnologia. Assim, nota-se que o discurso de ordem entre países e empresas (indústrias) é o do desenvolvimento tecnológico, que envolve a corrida e a concorrência na busca por descobertas e conhecimentos que os coloquem em tal patamar (hegemônico). Nesse contexto, parece que a produção de conhecimento técnico-científico e, conseqüentemente de mercadorias, não necessariamente se objetiva a satisfação das necessidades humanas reais, mas sim de se produzir riqueza e poder, pois de que outra forma se explicaria a existência de pobreza e de miséria diante de tamanho progresso alcançado pela humanidade?

Nesse caso cabe refletir: se quem produz o conhecimento e a tecnologia é o próprio homem, e este é fruto de determinada educação familiar, escolar, acadêmica, etc. Qual tem sido o papel da educação na formação deste homem?

## **2 CIÊNCIA E SOCIEDADE: BREVE PROCESSO HISTÓRICO**

Não poderíamos abordar o estado atual da nossa sociedade sem antes tecer breves comentários a respeito do processo histórico que a constituiu. Sabe-se que a Revolução Industrial iniciada em meados do século XVIII na Inglaterra é um marco importante que determina a consolidação do sistema capitalista. No entanto, para que esse sistema vigorasse, a sociedade ocidental passou por um longo processo histórico antecedente, iniciado com as Grandes Navegações, passando por movimentos como o Renascimento, a Reforma e o Iluminismo, que lhe preparou o terreno. Estes acontecimentos históricos em seu conjunto são responsáveis por uma série de transformações econômicas, sociais, políticas e morais que propiciaram a transição para o capitalismo. No nível do pensamento, a transformação mais importante foi o estabelecimento da ciência e do homem no centro da sociedade.

Assim, a valorização dos interesses individuais e da ciência como produtora de saber (conhecimento) foi determinante para o desenvolvimento de inventos e do comércio, o surgimento das fábricas e indústrias que mudaram radicalmente a divisão do trabalho e

as formas de conceber o mundo. O trabalho humano artesanal transformou-se em assalariado com auxílio de máquinas e com o intuito de produzir elevados volumes de mercadorias. Essas mudanças, apoiadas por teorias principalmente econômicas, difundiam uma nova ordem moral para essa nova sociedade: o livre comércio, o individualismo e o consumo de mercadorias. Desse modo, se afirma a sociedade da solidariedade orgânica (DURKHEIM, 2000), dos interesses individuais e de relações que se baseiam na produção, comercialização e consumo de bens (mercadorias), ou seja, a sociedade Capitalista.

Desde a sua consolidação, o capitalismo se sustenta do consumo e da criação incessante de novas necessidades, pois estas permitem a continuidade da produção de mercadorias, do comércio das mesmas e do lucro. Deste modo, é fácil constatar que o conhecimento técnico interessa ao capitalismo, pois este permite a renovação dos produtos, dos inventos e das mercadorias. E o conhecimento intelectual? Este que supostamente prepara o indivíduo para pensar o mundo. Karl Marx desde o século XIX havia percebido uma notável separação entre o trabalho manual e o intelectual, sendo este último monopolizado pela elite que se preparava para assumir os postos de poder e reproduzir sua condição de classe, através do que ele denominou de ideologia burguesa.

Isso nada mais era do que desenvolver um discurso favorável a manutenção das condições de expansão capitalista, conduzido a massa a oferecer sua mão-de-obra em prol “do progresso”, podendo assim consumir e/ou quem sabe acumular, já que em tese, esta nova sociedade permite a mobilidade social. No entanto, esta mobilidade como verificou Marx, era muito difícil, visto que a classe pobre estava “predestinada” ao trabalho manual e a especialização voltada para esta atividade, assim dificilmente teria acesso as condições materiais e educacionais favoráveis para pensar sua condição de classe explorada e mudá-la.

Essa “denúncia” contida nas obras de Marx serviu para embasar lutas das massas contra os efeitos nefastos do capital em muitas partes do mundo, mas não foi suficiente para que se ampliasse o acesso ao ensino intelectual às massas, pois estas, bem preparadas se tornariam uma ameaça ao capital. Nesse sentido, o acesso à educação era restrito à elite, e ao pobre cabia apenas o conhecimento técnico a ser empregado através da sua força de trabalho, a baixo custo, em uma das etapas de produção numa fábrica ou indústria, e ao final, tornar-se consumidor, com o pequeno salário recebido pelos produtos que ele mesmo ajudou produzir.

Desse modo, percebe-se que ao sistema capitalista não interessa formar propriamente cidadãos, mas mão-de-obra (barata) e consumidores. A massa popular lhe serve oferecendo mão-de-obra e absorvendo junto com as elites, as novas tecnologias. Assim, quanto mais apartado do conhecimento, para que não pensasse sua condição de classe, melhor serviria aos interesses da elite. Aquela que para Karl Marx acumula o capital, monopoliza o conhecimento e, por conseguinte, os postos de poder reproduzindo os seus próprios interesses.

Será esse o papel da educação na atualidade? Reproduzir os interesses da classe dominante? Ou tem contribuído para ampliar o conhecimento de todos indistintamente? Existe separação entre educação do rico (para o trabalho intelectual) e a educação do

pobre (para o trabalho manual)? A que se pensar que desde os primórdios, a educação tem exercido um duplo papel frente ao capitalismo: ora reforça os mecanismos de reprodução desse sistema, ora questiona suas consequências sobre a vida do homem e sobre a sociedade. Assim, em determinados momentos, porta-se como porta-voz das elites e como instrumento de poder destas; em outros, possibilita que as classes menos favorecidas transcendam a condição de dominação a que estão submetidos (BOURDIEU, 1982).

### **3 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA NO BRASIL**

Pode-se dizer que a educação e o desenvolvimento tecnológico não acompanharam de forma sistemática os primeiros séculos de nossa história, pois o interesse português na exploração das riquezas impediu que o mesmo se interessasse em educar os que aqui se estabeleciam. Estavam aqui apenas para explorar a terra, não para desenvolvê-la. Do mesmo modo, a educação, o desenvolvimento industrial-manufatureiro e o comércio não eram incentivados, e em muitos momentos até proibidos (PRADO JR., 1977).

Assim, apenas nos século XIX, após o estabelecimento da corte no Brasil, houve algumas mudanças significativas no âmbito da educação, como a que ocorreu com a criação de alguns cursos superiores, por exemplo. No entanto, essas mudanças não alcançaram as classes pobres da colônia, que continuaram sem ter acesso à educação. Pode-se dizer que isso só correu algumas décadas após a Proclamação da República, no Estado Novo, quando a educação começou a ser sistematizada. Contudo, o acesso à educação não ocorreu de forma igualitária, pois nesse novo contexto a elaboração do ensino profissionalizante teve como principal objetivo preparar os filhos da massa para atuar como mão-de-obra qualificada na indústria nascente.

Desse modo, durante algum tempo, a educação no Brasil contribuiu para reproduzir a antiga lógica colonialista. A lógica da submissão e da exclusão do pobre assentada num sistema educacional autoritário, que reservava à elite as condições favoráveis para cursar o ensino acadêmico e desenvolver a reflexão intelectual, o que lhes preparava para ocuparem os mais altos cargos na administração pública, nas profissões liberais e na política, atuando a favor de seus interesses.

Como bem analisou Freire (2003), pode-se ver que a nossa constituição história “não nos deixou marcas como sujeitos, mas como objetos”, pois vindos de uma estrutura econômica cíclica e autoritária, nossa organização social foi o reflexo dessa estrutura econômica. Sempre estivera voltada para o mercado externo, e nos detemos a produzir para ele, e dele receber toda a sorte de influência. Isso também no aspecto educacional. (p.18)

A nossa industrialização tardia e o ingresso no capitalismo de fato com a abolição da escravidão e posterior investimento na indústria, não significou necessariamente a produção de modelos novos de desenvolvimento, que considerasse nossas idiossincrasias, mas ao contrário, significou o estabelecimento de interesses da elite política aliada com o capital internacional. Assim, entre nós, o emprego de tecnologia em maior escala que remonta mais especificamente a década 1950, inicia um processo



de favorecimento à entrada massiva de multinacionais no país e a consequente saída de capitais para seus países de origem. Como desenvolver a educação nacional em tal contexto? Que peso a formação integral, técnica e reflexiva, para todos, teria sobre tais interesses?

Sem pretensões de nos aprofundarmos na economia brasileira, gostaríamos apenas de recordar a partir de fatos históricos que entre nós a livre escolha, a máxima capitalista, disfarçada na ditadura da propaganda tem surtido grande efeito. Ainda hoje parece que não nos libertamos plenamente das amarras do peso colonialista, e isso parece que até se agrava quanto mais “globalizado” nós nos tornamos, pois muitas vezes valoriza-se o que vem de fora, importa-se modelos de desenvolvimento, de tecnologias, de técnicas educacionais pedagógicas, que não condizem com a nossa realidade.

Assim, a diversidade brasileira, uma das nossas maiores riquezas como observou Viotti (2001), acaba sendo rejeitada em nome da modernidade. Diferentes manifestações regionais tendem a se homogeneizar aos grandes centros de referência (as capitais), que por sua vez reproduzem modos de ser (consumir) de centros externos (capitais de países ditos desenvolvidos). Ou seja, as pessoas “são atraídas e influenciadas pela visão do mundo e pela maneira de viver desses centros” e acabam valorizando-os e homenageando-os em detrimento da sua própria cultura, costume e/ou necessidade (Shils, 1992).<sup>11</sup>

Nesse sentido, não é difícil observar que o acesso aos direitos na nossa sociedade está longe de ser igual como se prega, no entanto a mídia se encarrega de nos fazer crer que nos tornamos iguais pelo consumo, quando esta atribui determinado valor ou status a pessoas de diferentes regiões, classes e posições a partir de determinados produtos ou mercadorias que consomem como frequentemente aparecem nas propagandas comerciais.

Essa imagem de igualdade via consumo, produz a ilusão de que pessoas de diferentes realidades socioeconômicas e culturais possuem necessidades também iguais estimulando o consumo de mercadorias. Muitas vezes esse consumo se multiplica, sem que se perceba que as decisões e escolhas aparentemente pessoais que se realiza em sociedade estão ou podem estar de certa forma condicionada a tais propagandas. Assim, muitas vezes passamos de cidadãos a nos transformarmos em simples “guardiões de mercadorias” (LESSA, 2006).

Qual deve ser o papel da educação frente à tentativa globalizante de homogeneizar as diversidades e culturas? Formar cidadãos conscientes de suas potencialidades, limitações e necessidades ou apenas formar produtores, reprodutores e consumidores de mercadorias?

---

<sup>11</sup> Sobre a noção de “sistema central de valores” e a relação entre o centro e a periferia, ver Shils (1992).

#### 4 EDUCAÇÃO É MUDANÇA?

Educação é mudança, esse belíssimo título afirmativo de uma das obras de nosso maior educador, Paulo Freire, aqui transformado em interrogação tem como objetivo refletir se a educação realmente tem sido mecanismo de mudança e transformação social, diante dos desafios da modernidade. Pretendemos questionar se a ação educacional (formal e informal) tem sido suficientemente reflexiva, capaz de levar o homem a transcender a condição de simples assimilador de informações, tornando-o de fato LIVRE. Ou apenas se atem em reproduzir regras e normas para que este possa adequar-se aos valores “modernos” estabelecidos, transformando-se em simples “guardiões de mercadoria”?

Para Lessa (2006), somos herdeiros de uma tradição que começou com a Revolução Industrial, momento a partir do qual a sociedade priorizou a produção de mercadorias, daí em diante as classes dominantes passaram a ser "guardiãs do capital", e os assalariados "guardiões" da sua força de trabalho (p.235). Nessa nova sociedade tudo vira mercadoria, e cada um com os mecanismos que possui se esforça o quanto pode para “guardar” um número cada vez maior de mercadoria.

Lessa utiliza essa metáfora para criticar a sociedade de consumo. Quer dizer que o homem moderno passa grande parte de sua vida, senão toda ela, trabalhando para consumir. Tempo é uma coisa que já não mais existe nesta sociedade, pois como a produção de mercadoria é renovada cotidianamente, assim também se renova o desejo de possuí-las ou “guardá-las”. Com isso o homem se torna escravo da ideia de lucro e ocupa todo o tempo tentando obtê-lo, e assim garantir um lugar nessa sociedade.

Afinal de contas, o consumo é um importante mecanismo de distinção, pois a sociedade capitalista aboliu a nobreza de sangue, focalizando a capacidade individual (“méritos”) de acumular riqueza como principal mecanismo para a ascensão social. Logo, quem se capitaliza tem melhores condições para ampliar seu consumo, com inclusão de determinadas mercadorias que nem todos teriam condições de possuir. Assim, POSSUIR e CONSUMIR distingue pessoas e classes. Destarte é comum as pessoas buscarem se destacar das demais serem “notadas”, “amadas” e “invejadas”, não pelo que são, mas pelo o que podem consumir ou pelo que consomem como observou Calligaris (1999).

Se considerarmos o ato de consumir como uma ação social nos termos de Max Weber, veremos que a escolha sobre o que consumir é em grande medida motivada por ações anteriores ao ato do consumo (TOMAZI, 2000). Como por exemplo, o apego a certos valores atribuídos a essa ação e transmitidos pela sociedade ou por certos grupos sociais. Isso significa que as necessidades de consumo não necessariamente correspondem às necessidades reais ou de fato, mas podem se configurar em desejos criados pela sociedade de consumo e propagandeados como necessidades “reais” e/ou valores com grande efeito sobre a vida das pessoas<sup>12</sup>.

Diante disso, há que se pensar sobre o que consumimos e por que consumimos. Se o ato do consumo tem por finalidade a satisfação de uma necessidade real ou fomos

---

<sup>12</sup> Quando uma propaganda atribui determinado valor ou característica pessoal (virilidade, sagacidade, versatilidade, etc.) àqueles que consomem determinadas marca ou produto, por exemplo.

transformamos em “guardiões de mercadoria” pela propaganda de massa. Se as necessidades não são reais, dificilmente as pessoas se consideram satisfeitas nessa sociedade, pois os desejos são constantemente recriados pelo mercado tecnológico que disponibiliza ininterruptamente novos produtos.

Assim, a busca pelo TER passa a ser uma luta incessante travada pelo homem moderno, luta contra ele próprio e contra os demais, pois “precisa” supera seus limites para se igualar aos potencialmente “diferentes” ou para se distinguir dos demais e ocupar uma posição reconhecida nessa sociedade.

Com esse intuito, a pressa e a “falta de tempo” passam a ser a palavra de ordem nos discursos cotidianos. Falta-nos tempo para uma boa e longa conversa, para os momentos de troca de experiências e vivências entre amigos e familiares, falta-nos tempo para refletir, seja sobre questões profundas e complexas, seja sobre amenidades, falta-nos tempo para a refeição familiar que pode se configurar em espaço de diálogo e aprendizado, etc. Geralmente nos falta tempo, porque estamos ocupados demais trabalhando horas a fio ou a mais para atender as “exigências” da modernidade.

As gerações pós-Revolução Industrial convivem com isso, antes mesmo de aprenderem a língua mãe, aprendem a ser guardiãs de mercadoria. Por vezes aprendem coisas ou obtêm informações muito mais através da TV ou da Internet do que com os próprios pais, que em grande parte do tempo se empenham para obter cada dia mais “mercadoria”.

No entanto, o esforço que os pais empreendem para acumular ou “obter mercadorias”, em grande medida tem como pano de fundo o desejo de oferecer “o melhor” para os filhos. Porém, o que significa “o melhor” na sociedade contemporânea? A posse de um capital adequado para pagar o melhor colégio da cidade? Fazer com que estes realizem uma diversidade de cursos (inglês, francês, espanhol, informática, etc.)? E que concomitantemente frequentem aulas de caratê, judô, balé, natação ou a escolhinha de futebol? Poder lhes presentear com as melhores marcas no que se refere ao vestuário? Proporcionar-lhes todo o conforto possível, poder dar-lhes o computador e o celular de última geração? Os MP3, MP4, Playstation, etc. e ainda pagar-lhe uma viagem a Disney? O que significa “o melhor”?

Muitos pais se esforçam para dar aos filhos o que não tiveram (em termos materiais) na infância, pois assim acreditam que estarão preparando-os para o futuro. No entanto, na medida em que os cercam de atividades e lhes transmitem infra-estrutura material, encurta-se o tempo dedicado à transmissão de infraestrutura imaterial (atenção, carinho, limites, valores, etc.), que é de fundamental importância para prepará-los para a vida. Afinal de contas, somos seres humanos ou mercadorias?

Lessa (2006: 234) alerta que até mesmo “a informação pode sim ser uma mercadoria. Uma aula ou um serviço que não são matéria natural transformada pela mão humana podem ser vendidas e compradas do mesmo modo como um martelo”. Deste modo, como a sociedade contemporânea (mercado) exige profissionais competitivos, criativos e bem preparados, e ao mesmo tempo disponibiliza (vende) uma infinidade de cursos com essa finalidade, os pais mais “antenados” tentam o quanto podem “preparar” os

seus rebentos desde cedo, para o futuro e para o mercado. Adquirindo, no sentido de Lessa, ou investindo nos filhos como “guardiões de mercadorias”.

Como educadores, contraditoriamente ouvimos pais queixarem-se da dificuldade de educar os filhos, fazê-los se interessar pelos estudos, etc. Muitas vezes estas queixas são relacionadas por eles com o apego ou uso exagerado das tecnologias acessadas cotidianamente por seus filhos. Porém, cabe ressaltar que em grande medida essas tecnologias foram proporcionadas ou disponibilizadas aos filhos por eles próprios, por várias razões, das quais destacaremos duas delas: a crença de que o acesso à tecnologia contribui positivamente no processo de educação para o futuro; a crença de que as tecnologias ou regalos tecnológicos poderão entretê-los (os filhos), substituindo-os (os pais) enquanto estão fora do ambiente doméstico trabalhando para obter “novas mercadorias”.

Assim, quando a aquisição e o acesso ilimitado dos filhos a bens tecnológicos não refletem positivamente na interação deles com o mundo externo (às vezes com os próprios pais) e nos rendimentos escolares, não é raro, seus progenitores recorrerem à escola e aos professores por dificuldades de lidar com a situação. Isto parece [d]-enunciar certa fragilidade ou crise da família como instituição primeira socializadora do indivíduo. Pois quando as famílias recorrem à escola, e muitas vezes argumentam que já não sabe o que fazer ou já tentaram de tudo, geralmente esperam que a escola e os educadores tenham a solução para o que consideram um problema, transferindo para esta instituição tal responsabilidade, por vezes desconsiderando o “problema” como um desafio moderno que demanda um esforço coletivo numa mesma direção.

O desafio moderno de transformar as tecnologias em recursos positivos utilizados na educação formal e informal exige dois movimentos. Um que se configura na incorporação pelo ambiente escolar das novas linguagens, inclusive, tecnológicas, para atrair os educandos, e outro que deve partir da família com a valorização das relações face-a-face, do diálogo, dos limites e de um estilo de vida em que a tecnologia seja ferramenta para facilitar a vida e não peça central da vida das pessoas que com ela convive.

Todavia, esse desafio não é nada fácil, pois implica romper paradigmas tanto por parte da escola e dos educadores, quanto por parte dos pais. A escola, enquanto espaço de educação formal, precisa aprender a acompanhar as mudanças aceleradas do mundo moderno, questionando-as e ao mesmo tempo adaptando-as quando possível, para atrair crianças, adolescentes e jovens cada vez mais atraídos pelas ferramentas tecnológicas. Para os pais (família), implica racionalizar o tempo para dedicar um esforço a mais em atenção à educação dos filhos, em relação as suas atividades e interesses, suas potencialidades, suas limitações e fragilidades, para que possam em cooperação desenvolver valores humanos (tão caros ao mundo moderno) e maturidade emocional para enfrentar o mundo externo, inclusive, o mundo da escola. Para tanto, é necessário fazer concessões, transformar a visão de mundo e até mesmo mudar o estilo de vida, fato que nem todos os pais da modernidade estão dispostos a realizar.

Quem de nós está disposto a abrir mão de nossa carreira, ou de ganhar mais, por exemplo, para acompanhar de perto o crescimento e a educação dos filhos? Afinal,

vivemos o tempo das individualidades. Assim, parece-nos mais fácil justificar a continuidade de nossos projetos particulares, muitas vezes relacionando o trabalho, a ausência física e emocional e a “falta de tempo” à necessidade de conseguir os meios (lucro pelo trabalho e/ou acumulação capitalista) para “prepará-los para o futuro” ou educá-los. Isso geralmente “justifica” o pouco ou nada de nosso tempo dedicado a eles, e o fato de preenchermos o tempo deles com as inúmeras atividades já citadas, contudo, o excesso de atividades e responsabilidade que tende a subtrair das crianças a sua infância é totalmente prejudicial como já detectaram especialistas da área. Isso pode refletir negativamente sobre o tipo de adulto que esta será no futuro. Acerca disso comentou o psiquiatra e psicoterapeuta Roberto Shinyashiki numa entrevista concedida a revista Isto é online em outubro de 2005: “com a desculpa de prepará-los para o futuro, os malucos dos pais estão roubando a infância dos filhos. Essas crianças serão adultos inseguros e terão discursos hipócritas”.

Nessa mesma entrevista, o psiquiatra chama atenção para o excesso de autoestima cultivado às vezes desde a infância, quando as crianças ganham dos pais toda a infraestrutura material que desejam, mas lhes falta o desenvolvimento de certos valores. Este fato geralmente na vida adulta se apresenta em desequilíbrio emocional para tomar decisões, e para aceitar suas limitações e erros e buscar melhorar. Formando indivíduos hipócritas que se utilizam de marketing’s pessoais para conseguir o que desejam ou para muitas vezes encobrir suas incompetências.

Desse modo, é fácil concluir que criança e adolescente que desde a infância foram “educadas” para serem guardiões de mercadoria, muito provavelmente estarão nesta fase da vida cultivando mais do que nunca os valores dessa atividade. Assim, tudo não passará de mercadoria que poderão substituir à medida que não lhes proporcionar a satisfação imediata: prazer e/ou status, por exemplo. Isso se traduz no mundo das relações interpessoais, seja na escola, na vida em família, com os amigos, etc.

Quando equacionamos esse tipo de “educação” às exigências cada vez mais opressivas do mercado de trabalho que “independentemente” da vontade dos indivíduos, os forçam a se adequarem as suas demandas, percebemos que cada vez mais os jovens se submetem a realizar escolhas e tarefas sem necessariamente valorizar o processo pelos quais essas devem ser desenvolvidas. A escolha da profissão, por exemplo, nem sempre está associada à aptidão ou identificação pessoal com a carreira, mas com características como: quanto de capital ou de status tal ou qual carreira poderá me proporcionar. Desse modo, o interesse pela construção do conhecimento durante o processo de formação pode não ser considerado um fim em si mesmo (ou como uma atividade importante), pois o objetivo maior pode ser a aquisição do diploma.

Esse indivíduo pode não se preparar adequadamente, inclusive utilizar meios ilícitos para conseguir o diploma, e ainda assim conseguir um posto de trabalho reconhecido, seja através de uma relação pessoal, ou do famoso marketing comentado por Shinyashiki. O resultado disso geralmente pode ser como mencionou o citado psiquiatra, incompetência e arrogância. Ou seja, indivíduos despreparados para oferecer determinados serviços e que se valem de determinada posição econômica ou social para permanecer nos postos de trabalho sem mudar necessariamente a sua qualidade profissional.

Esse tipo de situação pode ser facilmente visualizado na nossa sociedade, inclusive nas esferas públicas. Quando isso acontece, muitas vezes a responsabilidade pela postura de tais profissionais recai sobre a educação que tiveram, ou seja, sobre a escola, a academia e às vezes sobre a família que falharam na formação adequada do sujeito.

Diante disso se torna cada dia mais desafiador o papel da escola, da academia e do educador na vida das pessoas. E um dos grandes desafios da educação formal na atualidade não nos parece ser mais o de transcender a “consciência bancária” como denunciou Freire na década de 70, mas o de fazer com que crianças, adolescentes e jovens muito mais do que ter consciência que o conhecimento é um processo de troca e interação a qual ele também é sujeito, o de fazê-los entender, e isto depende também da colaboração da família, que antes de qualquer coisa, o conhecimento em si é importante e o único capaz de tornar o homem um ser verdadeiramente livre.

Fazer o jovem se interessar pela educação não tem sido tarefa fácil nos dias de hoje, por menos bancária e mais democrática que seja a educação e os educadores, pois estamos diante de gerações acostumadas ao acesso imediato a uma série de informações acabadas propagadas pelos meios de comunicação. Desse modo, a construção do conhecimento entendida como um processo de interação entre professor-aluno/ensino-aprendizagem, por vezes torna-se um fardo na medida em que demandam do aluno um esforço de reflexão, compreensão, interpretação e análise para o qual não estão preparados.

Como conceituou Alain Touraine em 1969, vivemos na *sociedade da informação*, mais não necessariamente na sociedade do conhecimento. Embora as pessoas recebam e archive uma infinidade de informações no decorrer da vida, isso não significa que saberiam contextualizá-las e sistematizá-las. E isso se agrava na medida em que a educação é banalizada e o certificado (diploma) passa a ter um peso maior do que o conhecimento. Assim, a educação passa a ser uma mercadoria, e como mercadoria não é o processo pela qual é produzida que interessa, mas a finalidade prática (que pode ser a distinção social).

Dessa perspectiva, o interesse em aprender/conhecer pela ação criadora (reflexão/ação/participação) fica aquém dos interesses mais imediatos. Ler um texto, compreendê-lo e realizar suas próprias conclusões, por exemplo, demanda um tempo e esforço que grande parte do alunado moderno não está interessado em “perder” e fazer. O imediatismo, a ética do “se dar bem” com menor esforço possível tem levado a uma parte significativa desse grupo, buscar nos recursos tecnológicos modernos uma maneira imediata de desenvolver tais atividades. Assim, a internet, por exemplo, que pode ser uma importante aliada da educação, dos educadores e dos pais, muitas vezes se transforma num empecilho ou até mesmo em pesadelo. Visto que um número significativo de alunos desde o ensino fundamental ao superior, passando por pós-universitários se utilizam de cópias da internet nos seus trabalhos acadêmicos e/ou estão vulneráveis a cair em ciladas da rede – como rede de pedofílias, conversa de psicopatas, etc.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Como educadores passamos constantemente por situações em que alunos se apropriam indevidamente de trabalhos capturados da internet. Como cidadãos, vemos com frequência as consequências desastrosas

Nesse sentido faz-se emergente a pergunta: qual o papel da educação ou a educação tem conseguido cumprir o seu papel? Brandão brilhantemente anuncia que “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender a ensinar” (BRANDÃO, 1981: 7). No entanto, diante de tantos desafios e “facilidades” da modernidade, se a educação não conseguir ser suficientemente sedutora e de fato reflexiva, a tendência será apenas reproduzir o status quo ao invés de transformar o indivíduo, ou como sentenciou Freire (1999: 17), levando-o a “ser dirigido pela propaganda ideológica, política e comercial”, transformando-se cada vez mais em “objetos e massas”.

## 5 CONCLUSÃO

Se a tecnologia disponível nos dias de hoje tende a multiplicar as possibilidades em vários setores da vida humana, por outro é uma grande aliada do mercado e do capital para criar “necessidades” (desejos) que comprometem a relação entre os homens. Os valores que embasam a educação recebida na família, por exemplo, e que norteavam as escolhas pessoais, agora são facilmente contrapostos por crianças, adolescentes e jovens com outros que recebem do mercado por meio das propagandas veiculadas pelos meios de comunicação, em forma de novelas, reality shows, etc. Estes valores são por vezes contraditórios com os que receberam não só da família, mas também da escola, da igreja, etc. Instituições sociais cujos valores também mudam em virtude das transformações da própria sociedade.

Assim, a confusão de valores em decorrência do progresso que August Comte e Durkheim diagnosticaram na sociedade do século XIX, parece ainda bastante presente na sociedade atual. E se a incidência do suicídio foi estudada pelo segundo pensador, como sendo uma patologia social naquela sociedade, que vivia um momento de desintegração de suas normas e regras sociais, poderíamos dizer que não apenas o suicídio persiste, como somos vítimas de outros “males da modernidade”, como por exemplo, as depressões, os stress, as toxicomanias e síndromes (de pânico, etc.).

Muitas vezes, os nossos alunos quando chegam à escola ou à universidade uma parte deles está afetada de algum modo por um ou mais desses males. O que fazer diante dessa realidade? Embora não tenhamos as respostas para tal pergunta, gostaríamos de deixar algumas pistas para a reflexão, pois não se trata aqui de condenar o presente, muito menos de ser pessimista com relação ao futuro, mas fazer coro e encorajar aqueles que, apesar de tudo, acreditam que através da educação é possível transformar.

Como incentivar um aluno a tomar gosto pelo conhecimento e buscar construí-lo e não apenas recebê-lo? Como fazê-los enxergar que a vida não é feita apenas de competição, mas na verdade é a cooperação que move o mundo (se em todos os aspectos as pessoas deixassem de cooperar, o mundo viraria um completo caos)? Como demonstrar que os conhecimentos técnicos são muito importantes, mas sem os conhecimentos a cerca de

---

do uso sem limites da internet por jovens e adolescentes às vezes com desfechos trágicos para os próprios e/ou para suas famílias.

sua sociedade e cultura, sem ética, sem os valores humanos como o respeito, a cooperação, a solidariedade, etc. não se chega muito longe?

Só uma coisa é certa; não mudamos o outro se nós mesmos não estamos mudados. Não convencemos ou seduzimos ninguém da importância do conhecimento se não acreditamos de fato naquilo que ensinamos. Não contribuiremos para que as famílias participem integralmente da educação de seus filhos, se reproduzirmos na educação de nossos filhos (em família), o que criticamos na educação de nosso aluno (falta de limites, etc.). Não construiremos uma sociedade mais humana e reflexiva através da educação, se o nosso principal objetivo for o do TER e o de SER “guardiões de mercadorias”.

## REFERÊNCIAS

1. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.
2. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 1981.
3. CALLIGARIS, Contardo. **Do homem cordial ao homem vulgar**. Folha de São Paulo, São Paulo, 12 de dez. 1999. Disponível em: [www.folha.com.br](http://www.folha.com.br). Acesso em: 15 de agosto 2009.
4. DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
5. FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 23 Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1999.
6. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
7. LESSA, Sérgio. **Trabalho, sociabilidade e individuação**. In: *Revista Trabalho, Educação e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz. V. 4, nº 2, 2006.
8. SHILS, Edward. **Centro e periferia**. Lisboa: Difel, 1992.
9. TOMAZI, Nelson Dácio. **Iniciação à sociologia**. 2.ed. São Paulo: Atual, 2000.
10. TOURAINE, Alain. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. Petrópolis: Vozes, 2006. 261 p.
11. VANNUCHI, Camilo. **“cuidado com os burros motivados”**. Entrevista concedida por Roberto Shinyashiki à Revista Isto é online. Acessada em 15 de setembro 2009.



## Mundo Acadêmico

### Apresentação

A revista Mundo Acadêmico publica trabalhos técnicos culturais, científicos e/ou acadêmicos, nas áreas ligadas aos cursos oferecidos de graduação, desde que atenda aos objetivos da Instituição. Admite-se, de preferência, autor pertencente à Faculdade, sem limitar, contudo, as contribuições e intercâmbios externos, julgados pelo Conselho Editorial, de valor para a Revista e, sobretudo, para a sociedade brasileira.

### Normas de Publicação

Os originais entregues para publicação deverão ser assinados pelo autor e seguir as seguintes normas:

#### 1 Texto

- 1.1 Os trabalhos devem ser inéditos e submetidos ao Conselho Editorial, para a avaliação e revista de pelo menos, dois de seus membros, cabendo-lhe o direito de publicá-lo ou não;
- 1.2 O texto deve ser apresentado em formato A4 (210x297mm);
- 1.3 Os trabalhos e artigos não devem ultrapassar o total de vinte laudas, em espaçamento normal; resumos de dissertação e monografia, duas laudas e resenhas e/ou relatos, não devem ultrapassar quatro laudas;
- 1.4 O texto deve ser entregue em CD e impresso, sendo composto no editor de texto Word for Windows, com fonte Time New Roman 12;
- 1.5 O trabalho deve apresentar obrigatoriamente:
  - Título;
  - Nome(s) do(s) autor(es)
  - Breve currículo do(s) autor(es), enfocando as atividades mais condizentes com o tema trabalhado;
  - Introdução;
  - Corpo do trabalho;
  - Resultado e/ou conclusões;
  - Referências bibliográficas.

#### 2 Referências Bibliográficas

As referências bibliográficas deverão ser listadas imediatamente após texto, em ordem alfabética, obedecendo Normas Técnicas.

#### 3 Citações

Qualquer citação no texto deverá ter obrigatoriamente identificação completa da fonte, acrescida da (s) página (s) de onde foi retirada a citação.

#### Pede-se aos autores

- Seguir rigorosamente o Manual de Normas Técnicas da UNISAM, que se encontra a disposição de todos na Biblioteca e na intranet do site da Instituição;
- Linguagem condizente como produção científica, evitando abreviações, jargões e neologismos desnecessários;
- Objetividade quanto à construção do título do artigo;
- Apresentação do significado de cada sigla que conta do texto na primeira vez em que ocorre.

#### Considerações Finais

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores e o Conselho de Editoração não se responsabilizará pelas opiniões expressadas nos artigos assinados.